

Juazeiro e o Padre Cícero

Depoimento para a história

Dr. Floro Bartolomeu

Não é sem tempo que é lançada em 2ª reimpressão pelo selo do Sebo Vermelho este precioso documento do controvertido Floro Bartolomeu, doutor em medicina e aventureiro destes brasis caluniados pela má fé que só vê no Padre Cícero, embuste e ignorância. Vítima do autoritarismo episcopal de Fortaleza e do Crato, o Padre Cícero faz 150 anos de presença contínua no coração de seus romeiros de todos os quadrantes. A igreja que hoje pensa na sua reabilitação tem neste livro excelente material para compreender a dimensão desse santo dos pobres pelo que sei o Sr. Bispo do Crato tem uma pastoral cariabosa em relação ao Juazeiro, mais caridade e menos ortodoxia. O Padre Cícero nunca deu patente a Lampeão, esta foi uma trapaça do Governo Federal com o Sr. Dr. Floro Bartolomeu. É preciso hoje se estudar os autores do Juazeiro como Daniel Walker, Fátima Menezes e tantos outros que bebem na fonte de documentos inidentiros. Graças a Deus Juazeiro tem no santuário da mãe de Deus um homem da qualidade do Padre Murilo. Era, para o Papa, os Bispos pedirem perdão pela arrogância com que trataram o venerável Pe. Cícero. Porque não é o padre do Juazeiro uma conselheira bíblica da Mãe de Deus do Pe. Cícero, assim como Bispos anunciar o Reverendo Padre Murilo. Nesse livro se vê a defesa feita pelo Dr. Floro, que se não teve outras virtudes teve a da gratidão. Continuem meus irmãos de Santana do Ipanema (AL), de Lagoa Grande (PE), de São Joaquim dos Contreiros (PB), de Jaboatão dos Homens (AL), de Lagoa dos Gatos (PE) a lotar qualquer tipo de transporte para visitar o grande patriarca do povo nordestino, a Beata Maria de Araújo que teve seu túmulo violado ou escondido, a Beata Mocinha, o Beato José Lourenço, Severino Tavares e tantos outros que viraram constelação nestes carirís da Mãe de Deus. Com estes eu quero estar na Santa Glória um dia.

Beato Inácio Magalhães de Sena
Nesta cidade do Natal
do ano de 2004

JUAZEIRO E O PADRE CÍCERO
(DEPOIMENTO PARA A HISTÓRIA)

Discurso em resposta ao Dr. Paulo de Moraes Barros, membro da Comissão incumbida pelo Governo Federal de inspecionar as Obras do Nordeste.

DR. FLORO BARTOLOMEU

JUAZEIRO E O PADRE CÍCERO
(DEPOIMENTO PARA A HISTÓRIA)

Discurso em resposta ao Dr. Paulo de Moraes Barros, membro da Comissão incumbida pelo Governo Federal de inspecionar as Obras do Nordeste.

2ª edição

Natal - 2004

Sebo Vermelho
edições

Editor
Abimael Silva

Revisão
Abimael Silva
Inácio Magalhães de Sena

Capa
Alexandre Oliveira

Projeto Gráfico
Jota Eme Vieira

Coordenação Gráfica
Antonio Mariano

Impressão
Nordeste Gráfica

Natal - agosto - 2004

SEBO VERMELHO EDIÇÕES
Av. Rio Branco, 705 - Centro - Natal/RN
CEP 59.025-002 - 9401.9001



DR. FLORO BARTHOLOMEU

Atendendo a necessidade de ampliar a divulgação de fatos referentes à cidade de Juazeiro, do Ceará, e ao virtuoso padre Cícero Romão Baptista, resolvi publicar em volume o meu despretensioso discurso proferido na Câmara Federal na sessão do dia 23 de setembro de 1923, acrescido de algumas notas dignas de especial menção.

Sem nenhum valor literário, servirá tão somente de um pequeno subsídio para a história, por serem verdadeiras todas as afirmações nele contidas.

O Autor

DISCURSO

Pronunciado

Na sessão de 23 de setembro de 1923

O Sr. Floro Bartholomeu – Sr. Presidente, venho à tribuna para responder ao Dr. Paulo Moraes e Barros, que juntamente com o general Rondon e o nosso digno colega Sr. Simões Lopes, foi, em comissão do Governo, inspecionar as obras do Nordeste.

Esse cavalheiro, não satisfeito com o que já havia dito no relatório da Comissão, procurando ofuscar o mérito de seus companheiros (assim me parece), e destacar-se ao ponto de tornar-se alvo da admiração do público, entendeu de fazer literatura; e, a título de "Impressões sobre o Nordeste", fez aqui, nesta capital, na Associação dos Empregados do Comércio, três conferências; e, não contente ainda, querendo ampliar o campo de sua ação literária, pressuroso foi repeti-las na capital de S. Paulo.

No relatar o que viu de passagem no seu automóvel, e mal ouviu dizer naquelas paragens sertanejas, arvorando-se em psicólogo e observador consumado, "meteu os pés pelas mãos", e, confundindo "alhos com bugalhos", ficou de tal modo atrapalhado,

que por fim "vomitou cobras e lagartos" sobre o povo de Juazeiro, pelo qual foi tão carinhosamente recebido. Por falta de elementos ou de capacidade de observação, para melhor fazer a sua "fita" (permita-me V. Ex., Sr. Presidente, que assim o diga), aproveitou os falsos boatos que porventura possam por ali circular, e, a guisa de observação pessoal, escolheu a cidade de Juazeiro, o padre Cícero e um ilustre francês, engenheiro de minas, ali residente, e sobre estes e aquela localidade fez as referências mais grosseiras e mais injuriosas.

Imagine V. Ex., Sr. Presidente, que à localidade chamou de "acampamento de casebres e mocambos em promiscuidade sórdida"; ao povo, de "massa de gente soez"; ao padre Cícero, de "chefe complacente de cangaceiros", e ao conde Adolpho van den Brule, de "refinado canalha!".

Ora, Sr. Presidente, sendo aquela cidade o local da minha residência; o meu amigo padre Cícero político em evidencia; o conde Adolpho, meu íntimo amigo; e aquele povo o maior elemento eleitoral que possuo, - não me seria lícito, com o meu silêncio, deixar prevalecer um conceito tão deprimente.

Além disso, sendo eu um deputado, e o maior número de eleitores que sufragaram o meu nome nas urnas pertencente àquela localidade, eu não teria a satisfação de ser tido nesta Casa como representante de fanáticos e bandidos.

Eis porque o assunto sobre o qual vou fazer algumas considerações deixa de ser regional para tornar-se nacional.

Acredito que esse conferencista não supôs encontrar um tropeço na sua incipiente carreira literária; mas é mesmo assim: Deus quando quer castigar os mortais, tira-lhes a visão das coisas. Foi realmente o que aconteceu e é o que acontecerá sempre a todo aquele que se "meter em camisas de onze varas".

Deixo a análise da literatura do Dr. Moraes e Barros para os nossos colegas Augusto de Lima, Domingos Barbosa, Costa Rego e tantos outros...

O Sr. Augusto de Lima – Está em muito boas mãos.

O Sr. Floro Bartholomeu – ... porque isso não é para quem quer, mas quem pode.

O Sr. Augusto de Lima – V. Ex. fala com muito boas letras.

O Sr. Floro Bartholomeu – Refiro-me ao Dr. Moraes e Barros que, apesar de ter idade maior do que a do Cristo, ainda não compreendeu que não dá para literato...

Sabem todos que o padre Cícero tem sido mal julgado através de alguns jornais e pelos comentários de alguns despeitados e dos inconscientes que no juízo a respeito dos homens e das coisas "pegam a garça no ar" e irresponsavelmente proclamam o que ouvem e o que nunca ouviram dizer.

O Sr. Augusto de Lima – Se a lenda do padre Cícero é como a lenda que emprestava a V. Ex. o caráter de cangaceiro, que vitoriosamente acaba de desmanchar na convivência parlamentar, mostrando ser um espírito culto, dedicado e um bom parlamentar...

O Sr. Domingos Barbosa – Conquistando em cada um de nós um amigo e admirador.

O Sr. Augusto de Lima – ... se a lenda tem a mesma procedência, então o padre Cícero é um santo homem.

O Sr. Floro Bartholomeu – Chegarei a isso provar.

Se o que esses irresponsáveis dizem, produz certo efeito, quanto mais o que afirmou o Dr. Paulo de Moraes Barros, homem tido em elevado conceito e que foi em comissão do Governo, no desempenho de uma missão importantíssima!

Por isso resolvi analisar, aqui, todos os atos da vida do padre Cícero, quer como sacerdote, quer como homem público.

O Sr. Augusto de Lima – Mas o Dr. Moraes e Barros chegou a estar com o padre Cícero?

O Sr. Floro Bartholomeu – Chegarei lá.

V. Ex. irá ter uma surpresa extraordinária quando eu ler o telegrama daquele sacerdote. E farei essa análise com a maior honestidade, sem omissões capciosas, com o intuito de restabelecer a

verdade dos fatos, em um valioso depoimento para a história.

O Dr. Moraes e Barros, depois de nefelibaticamente se referir "à chuvinha dos cajus, à floração dos cajueiros, ao ribeirão dos porcos, à garganta divisória", e ao modo por que foi "borrado pelo chuvisqueiro", começou assim:

> "Juazeiro do Ceará. – Em população é Juazeiro a segunda cidade do Ceará, contanto cerca de 30.000 habitantes. Sua periferia, só de casebres e mocambos de meia água, é de ingrata aparência, mais semelhando colossal e disforme acampamento de festa de Santa Cruz, em sulino arraial, com as roletas a menos, e a imundície a mais. Sobre chão arenoso e um tanto inclinado, distribuem-se por um grande largo e cerca de 30 ruas, mal cuidadas, em xadrez, irregular, 5.000 prédios de todos os jeitos e feitios, de tijolos, de taipa, de barrotes, de madeira, alinhando-se por centenas os que tem como paredes e coberturas, latas velhas e simples folhas de palmeiras. No centro, vizinho da igreja, está o tabernáculo do Padrinho, circundado de habitações de melhor aspecto, como soe acontecer nos povoados sertanejos. Ao que nos afirmaram, mais de 2.000 casas, numeradas a algarismos garrafais, pertencem ao reverendo.
>
> Se por fora o conjunto não atrai, advinha-se o que seja ele por dentro, pela massa de gente soez que se apinha à

porta das choupanas, superlotadas na maior promiscuidade.

E dizem que essa gente, com as 20.000 cabeças a mais que vivem extra-muros, são mantidas à socapa do cangaço.

Do lado oposto um caminho bordado de choupanas desenvolve-se morro acima até o Horto, onde se sobrepõe o esqueleto de uma igreja.

No município funcionam três escolas públicas e 82 particulares.

Além da população fixa, é calculada em 500 a adventícia, de romeiros, que se cambia cada 48 horas. Esta faz cauda do interior do tabernáculo, até o meio do largo durante largas horas, à espera do momento em que possa beijar os pés do santo e entregar-lhe as oferendas votivas, entre as quais avultam os mil réis causadores da sua suspensão de ordens. Da gente e do lugar é medíocre a impressão".

O Sr. Aristides Rocha – De fato não há agressão mais completa.

O Sr. Floro Bartholomeu – Convencido de que a Comissão não se havia demorado em Juazeiro, não obstante isso, dirigi telegrama ao padre Cícero, no qual, comunicando as "amabilidades" dispensáveis do Dr. Moraes e Barros, pedia algumas informações a respeito.

Eis a resposta do padre Cícero:

"Comissão Rondon demorou nesta cidade apenas cerca de quatro a cinco horas, tempo em grande parte tomado pela recepção carinhosa que lhe fizemos e pelo consumido pelo almoço, tiragem de fotografias e prolongada palestra sobre vários assuntos. De maneira que não lhe foi possível conhecer a cidade e os costumes de seu povo. Penso mesmo que não percorreu sequer as principais ruas. Convém notar que Dr. Moraes e Barros disse a diversas pessoas estar muito bem impressionado com o Juazeiro, e pediu fotografias para mostrar à sua esposa e às suas filhas, fazendo até questão de que a dedicatória fosse do meu punho. Diante de tantos protestos de simpatia e admiração, não sei a que atribuir a nova atitude desse ilustre cavalheiro. Enfim, como não é ele o primeiro que assim procede nem será o ultimo a do mesmo modo proceder, não tenho jeito a dar".

Por esse despacho telegráfico, pelo menos, posso assegurar que o trabalho do conferencista não é o resultado da observação, mas, simplesmente, um documento sem igual, da sua encoberta perfídia.

O Sr. Aristides Rocha – É de admirar que brasileiros assim procedam, quando isso é habito comum aos estrangeiros que, cercados aqui de gentilezas, lá fora vão depor contra o Brasil.

O Sr. Vianna do Castelo – Todas essas declarações

depreciativas ao Juazeiro caem diante da simples afirmação, que não pode ser suspeita partindo dele, de que no município existem três escolas públicas contra oitenta e duas particulares. É um índice irrecusável.

O Sr. Floro Bartholomeu – Explicarei no correr do meu discurso como essas escolas foram criadas e são mantidas.

Convencido como estou da falta da verdade em quase todas as referências e do exagero de algumas asserções, dar-me-ei ao trabalho de esclarecer ponto por ponto todos os trechos da improdutiva conferência.

Não me é agradável, vêm bem todos os meus colegas, aborrecê-los... (*Não apoiados*).

O Sr. Augusto de Lima – V. Ex. é sempre ouvido com muita atenção.

O Sr. Floro Bartholomeu - ... com fatos que realmente não podem interessa-los.

O Sr. Augusto de Lima – Não podem deixar de interessar, tratando-se de uma parte tão importante do território nacional.

O Sr. Gonçalves Maia – Não é isso; à mentira se deve antepor a verdade.

O Sr. Vianna do Castelo – O padre Cícero é um elemento de ordem naquele sertão.

O Sr. Floro Bartholomeu – Perfeitamente.

O Sr. Vianna do Castelo – Tem autoridade moral imensa entre os sertanejos. Sem ele, o Governo não poderia manter a ordem ali; esta é a verdade. Isso é o que se deve dizer.

O Sr. Floro Bartholomeu – A cidade de Juazeiro, na realidade, em população, é a segunda do Ceará, pois conta cerca de trinta mil almas só na zona urbana; e em comércio, indústria e lavoura, depois de Crato, é a primeira.

Sua edificação, na parte central, é de prédios regulares, alguns sobrados, dos quais um, há bem pouco tempo, foi vendido por vinte contos, e na periferia, de casas na maioria, de taipa, mas

todas cobertas de telhas.

O Sr. Aristides Rocha – Como quase todas do interior.

O Sr. Bueno Brandão – Inclusive a Capital da República.

O Sr. Vianna do Castelo – O próprio morro de Santo Antônio estava cheio de casebres cobertos de latas; foi preciso haver um incêndio para que eles desaparecessem.

O Sr. Gonçalves Maia – Aqui mesmo, por trás da casa onde trabalhamos.

O Sr. Floro Bartholomeu – Felizmente, são inúmeras as manifestações de apoio ao que estou afirmando.

O Sr. Aristides Rocha – Porque é verdade.

O Sr. Floro Bartholomeu – O que há de mais singular é que só em Juazeiro as casas não são de palha nem de palha cobertas; todas são de tijolo ou de taipa e cobertas de telhas.

Por isso mesmo destoa, por completo, das demais localidades, até da de Crato, que á a mais importante da zona, que tem uma rua chamada "Rua da Palha", porque as habitações tem a cobertura de folhas de palmeiras. E o motivo é porque nessas cidades há palmeiras com suficiência, e no Juazeiro não.

As suas ruas são em número crescido, mais ou menos alinhadas, algumas de extensão digna de nota.

Há ruas de um quilômetro.

As principais, em cerca de sete mil metros quadrados, possuem bom calçamento de pedras, muito melhor do que o de algumas desta Capital, que são calçadas com paralelepípedos e sobre os quis o automóvel não passa sem grande incômodo para o passageiro, devido a forte trepidação.

Ainda mais: são ladeadas por calçadas ou passeios ladrilhados com bom tijolo, com três e quatro metros de largura cada uma.

O Sr. Aristides Rocha – Cidade sertaneja.

O Sr. Floro Bartholomeu – Lá nos confins do Estado, na fronteira do Ceará, cem léguas distante de Fortaleza, com calçamento

melhor do que o de muitas capitais.

O Sr. Aristides Rocha – Calçamento feito pelo município?

O Sr. Floro Bartholomeu – Por mim e pelo padre Cícero e com o auxílio de quinze contos dados pelo Governo Federal a pedido do ex-Presidente do Estado, Dr. João Thomé, no ano de 1919, para os flagelados da seca. Gastamos na obra quarenta e cinco contos de réis.

Se tivéssemos recebido mais os quinze contos que o Dr. Arrojado Lisboa nos informou ter o Governo ordenado, teríamos aumentado a área do calçamento; infelizmente, em nosso auxilio, somente, o telegrama de aviso.

Foi esse o meio, entre outros, que nós aproveitamos para socorro aos flagelados do lugar, principalmente às mulheres que, em grande número, foram incumbidas do transporte das pedras, para o mesmo serviço.

O Sr. Domingos Barbosa – Não podia ser melhor a forma de auxílio.

O Sr. Floro Bartholomeu – Sim, porque suponho ser o melhor alvitre, nessas fases críticas, auxiliar-se o povo, porém, obrigando-o a um trabalho útil à localidade.

Os governos, nesses períodos de crises climáticas, em vez de facilitar criminosamente a deslocação dos flagelados nordestinos para o sul do país, onde as condições de vida não permitem a solução do caso – seria muito mais patriótico evitar a retirada e socorre-los sem demora, imediatamente, nos pontos onde são localizados, mediante serviços de utilidade para o Governo Federal, para o Estado, e, especialmente para o município.

O Sr. Augusto de Lima – Muito bem.

O Sr. Floro Bartholomeu – Entretanto, Sr. Presidente, isso, de ordinário, não se faz.

O que vemos é, nessas ocasiões, quando o povo não tem o que comer e procura aflito entregar-se a todo e qualquer serviço; quando todos os gêneros estão elevados de preço, diminuir-se a

importância do jornal à proporção que aumenta o número de trabalhadores.

Ora, esse modo de socorro não dá resultado positivo, visto como o trabalho produzido não é compensador.

Além disso, os que governam, esquecidos de que para os grandes e graves males se tornam precisos remédios imediatos e eficazes, perdem tempo enorme na discussão e abertura dos créditos, no registro dos mesmos pelo competente Tribunal de Contas e, mais ainda, no fornecimento do numerário, que, para ser obtido das delegacias dos Estados, passa por um processo complicadíssimo e demorado.

É de tal modo a complicação observada, que, quando chega o socorro, já é nos fins de seca, justamente quando ele pouco aproveita.

Um Sr. Deputado – Infelizmente isso é uma verdade.

O Sr. Floro Bartholomeu – Ora, já houve até quem opinasse, como medida redentora, pelo despovoamento do Ceará, transportando-se a sua população para o sul do país! (*Risos*).

A disposição das ruas de Juazeiro não difere da observada nas demais localidades sertanejas, mesmo das capitais dos Estados ainda não reformadas.

Conforme a edificação de começo, são bem ou mal alinhadas.

Quem não conhece Recife, Bahia, Belém e tantas outras cidades, antes da reforma?

Ainda mesmo agora nelas não são encontradas ruas desalinhadas?

O Sr. Eloy Chaves – Aqui, no Rio, à rua de S. Jorge.

O Sr. Gonçalves Maia – Rua da Misericórdia.

O Sr. Floro Bartholomeu – Só Fortaleza, de há muito, conserva uma disposição regular que faz com que ela seja por todos considerada a "Pérola do Norte".

Porventura o Sr. Moraes e Barros desejaria encontrar em

Juazeiro...

O Sr. Aristides Rocha – Um cassino, igual ao de Copacabana?

O Sr. Floro Bartholomeu – ... terra formada de há pouco tempo e por indivíduos pobres, que ali foram ganhar a vida pelo trabalho no campo, vitimas do flagelo de repetidas secas, - prédios de arquitetura moderna, ruas calçadas com paralelepípedos e alinhados conforme as regras de engenharia, à semelhança da nossa avenida Rio Branco?

Poderia dizer que só os chamados "poetas de água doce", os tais que, na choramingada diluição dos seus afetos, compararam à moleza das lesmas a docilidade das suas namoradas poderiam ter tão extravagante concepção. (*Risos*).

Enfim, desde que o Sr. Moraes e Barros pratica literatura, é natural a imitação do estilo.

Também não é verdade a existência ali de centenas de casas alinhadas, com paredes e telhados de latas velhas, ou, mesmo, de novas, visto como, repito, todas elas são, quer as de taipa quer as de tijolo, cobertas de telhas. E não podia ser senão assim, porque ao sertanejo é muito mais fácil cavar a terra, no fundo do quintal, para retirar o barro, amassa-lo e fazer as paredes das casas, do que comprar latas a 1$, 1$500 ou mais, cada uma.

O Sr. Eloy Chaves – Aliás, no Rio de Janeiro, no morro perto da Estação da Central do Brasil, existem casas feitas de latas velhas.

O Sr. Floro Bartholomeu – Ali na Estação Central do Brasil, no bairro elegante de Copacabana, em todos os morros do Distrito Federal encontramos dessas habitações.

O Sr. Vicente Piragibe – Por que V. Ex. só tomam, como objeto de comparação, o Distrito Federal? São Paulo e outras unidades da Federação, também tem dessas habitações deselegantes.

O Sr. Floro Bartholomeu – Faz-se sempre a comparação com

o Distrito Federal porque é a cidade mais importante do país. E o que digo se justifica porque nesta Capital é muito mais fácil ao desprotegido da sorte conseguir latas do que barro para construir sua habitação. Tudo tem sua razão de ser... É o motivo por que se faz a comparação. Se na capital do país presenciamos tudo isto, quanto mais no sertão do Ceará, de Pernambuco, do Maranhão, etc.

Admitindo-se que a sua afirmação não merecesse contestada, que fosse verdade tudo quanto S. S. afirmou, – eu desejaria que fosse mais sincero, que confessasse tudo isso existir, mas em menor escala que nos lugares mais adiantados.

Quero ser consciencioso; não é meu intuito negar a verdade.

Não conheço o arraial sulino de Santa Cruz, reduto eleitoral do nosso ilustre colega Sr. Honório Pimentel, para poder fazer a comparação entre as suas roletas de jogo e a sua imundície com as de Juazeiro.

Garanto, Sr. Presidente, que lá não há roletas.

O que o Sr. Moraes e Barros podia ter visto é um aparelho semelhante, com que certo individuo, de quando em vez, percorre as localidades da região, expondo-o nas feiras, – o que, aliás, é muito natural, porque, quando foi da Exposição há pouco tempo encerrada, encontramos 30, 40, ou 50 roletas.

O Sr. Eloy Chaves – Será só na Exposição?

O Sr. Vicente Piragibe – A Exposição foi internacional, e não só do distrito.

O Sr. Nelson de Senna – Não há feira, não há romaria no interior do país, onde não se encontre a jogatina sob todas as formas.

O Sr. Floro Bartholomeu – Quem conhece o sertão sabe que os sertanejos, nos dias festivos, especialmente nos meses de dezembro e janeiro, nas tradicionais festas de Natal, de Ano Bom e de Reis, não dispensam os jogos de roletas, caipiras, jaburus, e tantos outros que podem ser feitos nas praças públicas, como distração popular. Só os de cartas não são permitidos pelas autoridades, nem por eles também são desejados.

E essa praxe, por ser secular, é mantida não só no interior, mas também nas capitais e arredores, pois ainda hoje me lembro de que na capital da Bahia e nos seus arrabaldes não havia festa sem esses jogos.

Posso até citar um caso digno de atenção.

No Ceará, em 1918, no governo do Dr. José Thomé, segundo o novo regulamento policial, o então chefe de polícia deu ordens terminantes às autoridades para não consentirem, nas noites de festa, nenhuma espécie de jogo.

As populações de Crato, Barbalha, Missão Velha e outros revoltaram-se, inclusive os respectivos chefes políticos, de maneira que os delegados não puderam agir.

Eu, porém, como era deputado e tinha aprovado o regulamento, não quis acompanhar os demais amigos na justa reação e, a contra gosto, proibi a jogatina.

O desgosto, escusado é dizer, foi geral; e o resultado foi não haver festa, porque todo o povo se dirigiu para os lugares onde havia jogo, ficando a cidade erma, em completo contraste com os anos anteriores.

Esses jogos, portanto, Sr. Presidente, constituem nesses dias um divertimento indispensável ao sertanejo, que durante o ano não se diverte. Não jogam por vício, mas tão somente para se distraírem.

Devo dizer, entretanto, que o Sr. Moraes e Barros não viu roletas de jogo.

Mesmo que as tivesse visto, não se deveria espantar. (*Risos*).

Se em Juazeiro houvesse casas de jogos proibidas, não seria em maior número das encontradas nas capitais do país e com especial menção aqui, no Distrito Federal, onde, a cada passo e a cada instante, encontramos clubes e espeluncas, respectivamente centros de diversão e perdição dos homens da alta roda e de escaramuças dos vagabundos, dos desordeiros e dos criminosos.

O Sr. Moreira da Rocha – Aliás, nas cidades do interior não há jogo permanente.

O Sr. Vicente Piragibe – O orador podia citar também Caxambu, Lambari, Poços de Caldas, etc.

O Sr. Floro Bartholomeu – Perfeitamente. Eu poderia citar até casas de homens notáveis, onde o jogo a dinheiro é o melhor "passa-tempo".

O meu ilustre colega não tem razão de incomodar-se por eu acentuar ser o Distrito Federal o local onde mais se joga; como sabe, S. Ex., quanto maior é a nau, maior o prejuízo da tormenta.

Os habitantes daqui, cariocas ou não, igualmente os das capitais mais adiantadas do sul do país, imitando os macacos, que não olham para a grande cauda que possuem, timbram em afirmar que unicamente nas regiões do Norte os vícios são cultivados.

Para isso é que o pequeno, quando acusado, para defender-se, se volta para o grande, apontando-lhe os defeitos.

O Sr. Vicente Piragibe – Que aqui se joga muito, é coisa sabida.

O Sr. Floro Bartholomeu – Como acontece em muitas outras cidades. Conheci um governador do Estado que não podendo freqüentar casas de jogo, jogava no seu próprio palácio.

E porque sei que nos centros mais adiantados o jogo é a distração perfeita, é que estranho a maneira do Sr. Moraes e Barros, afirmando, sem ter visto, haver roletas em Juazeiro.

Eu já me daria por muito satisfeito, Sr. Presidente, se o conferencista, mostrando tudo isso, dissesse que em Juazeiro este vício é praticado em menores proporções.

E sou, Sr. Presidente, dos que pensam que o jogo devia até ser regulamentado...

O Sr. Vicente Piragibe – Aqui, o jogo está regulamentado.

O Sr. Floro Bartholomeu - ... se bem que nunca joguei em dias de minha vida, por natural aversão; pois não sei jogar nem bilhar, nem tenho prazer em assistir a quem joga.

Quanto a imundície que o Sr. Moraes e Barros disse ter visto naquela terra, em condições mais acentuadas do que em Santa Cruz, o

arraial onde reside o nosso digno colega Deputado Honório Pimentel, só me resta protestar energicamente contra essa afirmação, porquanto, pelo menos na rua onde moro, na casa onde resido, e onde S. S. se hospedou, não há imundície de espécie alguma. (*Risos*).

O Sr. Aristides Rocha – A agressão foi insólita, não há dúvida.

O Sr. Floro Bartholomeu – Por demais insólita, conforme sensatamente afirma o meu ilustre colega pelo Amazonas, visto como, e seguindo o telegrama do padre Cícero, o Dr. Moraes e Barros se demorou ali cerca de quatro horas e não percorreu as ruas da cidade.

Ora, se S. S. levou quase todo o tempo de sua estadia ali hospedado em minha casa, e afirmou haver imundície, cumpre-me o dever de restabelecer a verdade.

O Sr. Plínio Marques – V. Ex. está cumprindo o seu dever.

O Sr. Augusto de Lima – Dessa comissão fez parte o Sr. Simões Lopes, que, infelizmente, não está aqui, agora.

O Sr. Floro Bartholomeu – É o que sinto, porque ninguém melhor poderia desmentir o Sr. Moraes e Barros.

O Sr. Gentil Tavares – V. Ex. está dizendo a verdade, pois não é possível que uma cidade com 7.000 metros de calçamento seja imunda.

O Sr. Floro Bartholomeu – Os homens sensatos pensam como V. Ex.

O Sr. Aristides Rocha – A imundície de lá não pode deixar de ser a mesma de todas as cidades.

O Sr. Floro Bartholomeu – Se as principais ruas daquela cidade, são bem calçadas, se o lixo não é depositado na via pública, e o município, de três em três dias, procede a limpeza delas, e existem posturas que obrigam os infratores à multa, – como ser verdadeira semelhante afirmação?

O Sr. Gilberto Amado – É claro.

O Sr. Floro Bartholomeu – A imundície a que se referiu o Sr. Moraes e Barros, talvez por ouvir dizer, é impossível de ser

extinta; é a mesma existente em todas as partes, em todas as principais localidades do litoral e até mesmo a que se encontra aqui, permita-me que de novo o diga ao meu ilustre colega Sr. Vicente Piragibe, pois nesta bela Capital há ruas onde a sujeira, o mau cheiro e o mato são percebidos.

O Sr. Augusto de Lima – Principalmente na praia de Botafogo.

O Sr. Aristides Rocha – E na Glória, onde existe uma estação da City.

O Sr. Floro Bartholomeu – Se na praia de Botafogo, bairro dos ricos, e na Glória, um dos pontos mais centrais, garantem os meus colegas que há sujeira e mau cheiro, quanto mais nas ruas de S. Jorge, Lavadrio, Misericórdia e tantas outras!... E há de se dizer por isso que a Capital Federal é uma cidade imunda?

É mais uma invenção do Sr. Moraes e Barros para fazer escândalo, na suposição de que todos têm o mesmo grau de ingenuidade.

Agora S. S. queria encontrar em Juazeiro rede de esgoto, encanamento d'água, luz elétrica, gás de iluminação e tantos outros melhoramentos.

O Sr. Aristides Rocha – Quem sabe?

O Sr. Floro Bartholomeu – Não sei porque S. S. entendeu denominar a casa do padre Cícero – "tabernáculo do padrinho".

S. S. não sabe que a casa desse sacerdote não é tabernáculo? Com certeza com a sua literatura de "meia tigela", quis provocar a hilaridade dos circunstantes, esquecido talvez de que já passou da idade dos devaneios literários, e de que, de ordinário, o ridículo se reflete sobre quem o promove.

Em todas as citações, quando não reproduz a mentira que ouviu, se revela exagerado, assim como quem "vê dois e pensa que são três".

O padre Cícero não é dono de 2.000 casas em Juazeiro; possui algumas no centro da cidade e outras tantas na periferia, que às vezes compra para acomodar questões e que lhe são entregues pelos

moradores quando se ausentam, e servem para a habitação gratuita das pessoas que ali vão residir.

Bem sei que essa afirmação de S. S., em nada ofenderia o padre Cícero; mas por não ser verdadeira, é que venho contesta-la, pondo "os pontos nos ii".

É com muito prazer que declaro, Sr. Presidente, estar disposto a, desfazendo essas e outras mentiras, fazer o Dr. Moraes e Barros "amargar o pão que o diabo amassou". (*Risos*)

Um Sr. Deputado – E amarga mesmo. (*Risos*).

O Sr. Gentil Tavares – Faz muito bem.

O Sr. Plínio Marques – A causa que V. Ex. defende é muito simpática.

O Sr. Aristides Rocha – É um hábito esquisito esse de se retribuir gentilezas de um povo com ofensas.

O Sr. Floro Bartholomeu – E nós constantemente somos vítimas desses mal agradecidos.

O Sr. Augusto de Lima – Por isso, disse o padre Cícero, no telegrama que dirigiu a V. Ex., não ser o Dr. Moraes e Barros o primeiro nem o último. (*Risos*).

O Sr. Floro Bartholomeu – Se não fosse encerrar tanta ofensa, que nos importaria, a nós de Juazeiro, que por fora o conjunto das casas o não atraísse.

Mas como S. S., por não se ter agradado do "conjunto por fora, adivinhou o que será por dentro, pela massa de gente soez que se apinha à porta das choupanas, superlotadas na maior promiscuidade", – vejo-me a responder-lhe.

Eu não seria capaz de duvidar que S. S. seja um bom adivinho; e se não fosse favorecido da fortuna, conseguisse ganhar a vida por esse meio. Mas, posso, também assegurar que, apesar de toda a sua pretendida habilidade, não faria competição a madame Zizina e ao Barão Ergonte.

Eu poderia, a propósito, reproduzir as palavras de um velho

corcunda, que havia na Bahia, lá na ladeira de S. Francisco, quando cismava com um sujeito pernóstico. Dizia ele: "Seu Dr., este é dos tais de encomenda". E eu repito: – o Dr. Moraes e Barros é dos tais de encomenda. (*Risos*).

Sim, porque chamar uma população laboriosa, honesta, de "massa de gente soez", é considera-la ordinária, baixa e vil.

O Sr. Aristides Rocha – População, entretanto, que freqüenta 82 escolas, como ele próprio confessa.

O Sr. Floro Bartholomeu – Perfeitamente.

Só se S. S. nunca passou os olhos por um dicionário. Se S. S. nunca viu esse povo, nem mesmo citou um só fato comprovativo de sua baixeza, de sua vilania, de sua ruindade, eu acredito que, assim procedendo, se colocou em plano muito mais ordinário, muito mais baixo, muito mais vil do que aquele mesmo povo, que é sobretudo genuinamente brasileiro. (*Apoiados*).

E, Sr. Presidente, por muito menos, ou por ofensa quase igual, o autor de "La Garçonne" foi repudiado, em França.

O Sr. Aristides Rocha – Só porque disse algumas verdades.

O Sr. Floro Bartholomeu – E o Dr. Moraes e Barros não disse verdades.

Então, pelo fato de algumas pessoas, em trajes mais modestos, levadas por curiosidade, em ruas mais afastadas, se aglomerarem à porta das suas choupanas, à passagem do automóvel conduzindo a Comissão de que S. S. fazia parte, autorizava S. S. a considera-la "massa de gente soez"?

Ainda hoje, no interior, a passagem de qualquer automóvel, conduzindo homens ilustres e estranhos ao meio, provoca a curiosidade do povo.

Posso, até, como ilustração do meu discurso, citar um fato muito interessante.

O primeiro automóvel que foi ao Cariri, entre a estrada da Aurora e Missão Velha, por um desarranjo qualquer, teve de parar em meio do caminho, alta noite. Ora, nós sabemos que os padres,

nos seus sermões e prédicas, exigem que todo o cristão renda culto ao Coração de Jesus, nas suas casas para evitar que os lares sejam invadidos pela "besta fera", que é o símbolo do demônio ou de seus malditos emissários. Todos os padres pregam isso. De modo que o povo daquelas bandas ainda espera a vinda da "besta fera".

O ruído do motor, o som da buzina, o falatório do *chauffeur* e dos passageiros, àquela alta hora da noite, despertaram os moradores, e eles vieram ao terreiro das casas; e, divisando ao longe, do mesmo ponto, em que vinham aqueles sons, nunca ouvidos por eles, dois enormes clarões dos holofotes, não tiveram dúvida – entraram pelo mato a dentro, abandonando nas redes as crianças e os doentes.

Morreu, até uma senhora muito minha conhecida, repentinamente, que havia dado á luz no dia anterior.

Ora, hoje, ninguém tem mais o automóvel como "besta fera", mas, ainda assim desperta a curiosidade pública. E não admira, porque nós, civilizados, deixamos uma palestra interessante, abandonamos a mesa no momento das refeições e vamos à janela para vermos passar o Batalhão Naval, um palhaço, ou moleques esfarrapados em uma carroça, anunciando a revista "Tatu subiu no pau". (*Risos*). (1)

---

(1) Em 1917, quando o então Presidente do Ceará, o atual Senador João Thomé, em excursão pelo Cariri, esteve em Juazeiro, toda a população afluiu para as ruas por onde ele passava; até mesmo as pessoas que trabalhavam em pontos distantes. Foram encontrá-lo a três léguas de distância mais de seiscentos cavaleiros.

Continuando na mesma toada, garante o Sr. Moraes e Barros que a população juazeirense, com "as vinte mil cabeças a mais que vivem extra-muros", é mantida à socapa do cangaço.

Veja bem V. Ex., Sr. Presidente: o Dr. Moraes e Barros afirmou que a população daquela terra era de cerca de 30.000 almas, e, depois descobriu mais vinte mil "cabeças", fora dos muros, de cartucheira à cinta, alpercatas de rabicho aos pés e rifle às mãos, no clássico traje dos cangaceiros de Pajeú, de Pernambuco.

Porventura ele teria lido um artigo de João Brígido, em 1912?

Relatarei o caso.

João Brígido dos Santos, o grande jornalista do norte, que agitou o Ceará durante cinqüenta anos pela imprensa, foi muito amigo do padre Cícero, pois, morrendo o pai deste, em Crato, ele se tornou o diretor moral da família; quando chamado pelo Senador Pompeu para Fortaleza, conduziu o então estudante Cícero, que recolheu ao Seminário daquela cidade, e acompanhou-lhe a educação. Quando, já no fim dos seus estudos o padre desejou completá-los em Roma, João Brígido, com a autoridade que exercia sobre ele, fê-lo voltar para o Crato, a fim de cuidar de sua família.

Mas João Brígido, – como muito bem o sabe o meu ilustre colega de bancada, Sr. Moreira da Rocha, – era ele um homem cujas mutações de espírito eram muito rápidas. Com a mesma facilidade com que elogiava, passava as maiores descomposturas, e, logo após, retratava-se, fazendo os melhores elogios.

De modo, que, com a queda do comendador Accioly, e sendo ele um dos responsáveis por essa deposição, combatendo durante 20 anos, e não querendo o padre Cícero acompanha-lo nessa situação, ele escreveu um artigo sob o título – *Ciceropolis* – no qual dizia mais ou menos o seguinte:

"Para serem pegados os criminosos do Juazeiro, basta cerca-lo de uma forte muralha porque todos que dentro ficarem serão dignos de cadeia, visto como o que não for ladrão é assassino,

inclusive o padre Cícero, que não mais podendo agir eficientemente, mandou vir da Bahia um negro charlatão (isso era comigo) para fazer de Urbino de Freitas no Cariri".

Como era natural, os amigos se irritaram e os adversários aplaudiram. João Brígido, porém, que só assim procedia pelo despeito político do momento, depois, quando rompeu com a situação por ele criada, voltou a proclamar as benemerências do padre Cícero, classificando-o de santo, bem como dando-me virtudes, chamando-me "Varão a Plutarco, nosso Machabeu", e tantos outros epitélios por ele considerados honrosos.

Talvez o Dr. Moraes e Barros tivesse lido esse artigo e se convenceu de que o Juazeiro era realmente cercado de muros...

O Sr. Domingos Barbosa – Foi pena que não tivesse lido também o outro.

O Sr, Floro Bartholomeu – Raciocinemos: desde que a população de Juazeiro é de pouco mais de trinta mil almas, e desde que se excluam desse número os velhos, as mulheres, as crianças, os inutilizados, não restará cerca de um terço; isso já não contando os dois mil e tantos que vivem pela serra Araripe, no cultivo da mandioca e da maniçoba, e tantos outros, que andam pelos Estados vizinhos, empregados nas obras do Nordeste...

Um Sr. Deputado – E os que vão até o Amazonas?

O Sr. Floro Bartholomeu – E os que vão até o Amazonas, e os que trabalham em sítios próximos, e os comerciantes, os artistas, os industriais. Que porção de indivíduos, feitas essas deduções, restaria para viver à custa do cangaço? Havia de restar, necessariamente, o que há, e vem a ser um pequeno número de "cabras" desordeiros, que, de vez em quando, caem vítimas de um tiro ou são apanhados pela polícia.

É absurdo, portanto, dizer que, em uma população de trinta mil almas, vinte mil indivíduos vivem à custa do cangaço.

Ora, Sr. Presidente, poder-se-á levar a sério esse conferencista, que não se pejou de proclamar inverdades de tal

ordem, perante um auditório constituído de homens respeitáveis que ali foram para ouvir coisas úteis e necessárias, mas, principalmente, verdadeiras?

O Sr. Simões Lopes – O nobre colega me dá licença para um aparte?

O Sr. Floro Bartholomeu – Pois não!

O Sr. Simões Lopes – Solicitaria ao ilustre Deputado que não fizesse tamanha injustiça à inteligência e ao espírito tão bem intencionado do Sr. Moraes e Barros. De fato, as suas conferências se prestam a várias interpretações, devido a terminologia por ele empregada, que pode não ser a mais convincente ou a mais precisa. Devo, entretanto, assinalar, de novo, que as intenções desse digno brasileiro foram as melhores e, que, ao fazer essa análise, ele procurou inspirar-se apenas nas suas observações. Terei ocasião, mesmo, se me for possível falar, de explicar, de caracterizar melhor, de demonstrar que o intuito do Sr. Moraes e Barros não foi o de deprimir o nobre povo sertanejo, mas o de apontar deficiências e falhas que lá existem muitas das quais todos nós conhecemos e devemos corrigir.

O Sr. Floro Bartholomeu – Acato muito meu ilustre colega e recebo com o maior prazer o aparte com que me honrou; mas peço permissão para não responder logo, porque desejo que S. Ex., não tendo ouvido reproduzir aqui o que disse o Sr. Moraes e Barros nas suas conferencias, vá ouvindo o que ele continuou a dizer. (*Risos*).

Quero, em todo caso, antecipar ao distinto representante do Rio Grande do Sul, que, se realmente o Sr. Moraes e Barros teve boas intenções, desses bem intencionados é que o Inferno está cheio. (*Hilariante*).

O Sr. Simões Lopes – Aliás, o Sr. Moraes e Barros não disse que falhas e defeitos deixem de existir em outras populações no interior do nosso país.

O Sr. Floro Bartholomeu – Ao contrário: deu até como existente o que lá não existe, como estou provando (*risos*), com raciocínio muito seguro, no qual creio que os colegas não divisam

qualquer capciosidade ou subterfúgio. (*Apoiados; muito bem*).

O Sr. Simões Lopes – V. Ex. vai contestar tudo o que ele disse?

O Sr. Floro Bartholomeu – Tudo! Para isso tenho aqui os elementos.

O Sr. Simões Lopes – Desse modo V. Ex. incidirá na mesma falta que atribui ao Sr. Moraes e Barros.

O Sr. Floro Bartholomeu – Não posso incidir, porque estou refutando, com a verdade, a inverdade, e foi o que ele não fez: limitou-se a deturpar fatos, e essa deturpação encerra grande ofensa, funda injúria, como estou demonstrando, com a reprodução das palavras que ele proferiu.

E o nobre Deputado permita: S. Ex. é que bem poderá concordar comigo, quanto às incoerências do Sr. Moraes e Barros, visto que ontem mesmo, quando teve ocasião de falar, deu a conhecer a todos nós que ele, no relatório da comissão, afirma determinada coisa, e, nas conferências, outra muito diferente. (*Risos*).

O Sr. Simões Lopes – Perfeitamente; acentuei as divergências.

O Sr. Floro Bartholomeu – Logo, se, naquilo em que ele tinha responsabilidade direta perante seus colegas, porque assinou o documento como relator, não procedeu com lisura, quanto mais naquilo em que não tinha igual responsabilidade, e em que supunha não encontrar quem lhe viesse à frente interromper a marcha!

O Sr. Simões Lopes – Conhecendo, como conheço, o Sr. Moraes e Barros, acredito que procurará responder.

O Sr. Floro Bartholomeu – É o que eu desejo; mas penso que o meu ilustre colega, se não esposa as opiniões do seu companheiro de comitiva, podia, por ele, agora responder alguma coisa. (*Risos*).

Por mim, digo de novo: desses bem intencionados é que tenho medo; são os piores... (*Risos*).

Porventura, Sr. Presidente, o Sr. Moraes e Barros pensou que falava perante "almofadinhas" e "melindrosas", que achassem pitorescas as suas anedotas?

Não o devia pensar.

"Manter-se no cangaço", – não o ignora o meu colega Sr. Simões Lopes – é viver do furto, do roubo, da desordem, do assassinato, por conta própria ou por conta de quem por esses meios ignóbeis aufere lucro, porque o cangaceiro pode agir por si ou por ordem de outrem. E o padre Cícero é um sacerdote muito respeitável (*apoiados*), incapaz disso, e eu sou um homem de bem, felizmente, e não receio que minha vida seja devassada.

Os atos da nossa existência não dão direito a tanta petulância da parte do Sr. Moraes e Barros, no avançar que, ou somos, nós mesmos, uns cangaceiros, ou que auferimos lucros dos cangaceiros. Nestes pormenores é que se apura o valor das ofensas contidas nas conferencias do Sr. Moraes e Barros, que naturalmente o digno colega defende na melhor boa fé, porque não as esmerilhou. Cumpre, assim, um dever de amigo; mas garanto que o fará com bastante constrangimento, porque tenho S. Ex. no conceito de um homem muito sensato, escravo da razão, e, portanto, incapaz de, de coração e de consciência, apartear-me desta forma, senão no cumprimento do dever a que aludi.

O Sr. Simões Lopes – Aparteio de consciência, porque acompanhei o Sr. Moraes e Barros durante 40 dias e conheço bem suas intenções; o que pode ter havido é algum excesso de linguagem.

O Sr. Floro Bartholomeu – Mas o ofendido não quer saber das intenções! (*Risos*).

Vou provar, até, que ele, querendo elogiar o padre, bordou o elogio dos maiores insultos. (*Hilariante*). Ou foi perversidade ou muita ingenuidade.

Sinto que o meu ilustre colega não lesse as conferências do seu companheiro de comitiva, para me poder informar se é verdade que as

distintas senhoritas da cidade de Barbalha são conhecidas pelo apelido de "Bichinhas", bem como o que ele quis dizer quando afirmou que "ao peru torrado do almoço", que lhe fora ali oferecido, "concorreu um Petrônio do Cariri, exibindo na garganta, a oprimir-lhe o fôlego, desmedido cadeado medieval".

Eis como o Sr. Moraes e Barros retribuiu a gentileza da família barbalhense em consentir que um grupo de senhoritas, em duas alas, o honrasse na hora da despedida, e a de um moço delicado que não poupou esforços para bem servi-lo na farta refeição.

Não sei que denominação dará o meu nobre colega, Sr. Simões Lopes, a este ato do seu companheiro, que para mim não passa de inqualificável grosseria.

O Sr. Gentil Tavares – Realmente, não se compreende.

O Sr. Aristides Rocha – Ao contrário, se compreende que o excursionista quis ofender.

Um Sr. Deputado – Comeu o peru torrado e ainda ofendeu. (*Risos*).

O Sr. Plínio Marques – É fantástico!

O Sr. Floro Bartholomeu – Os meus dignos colegas vão ouvir coisas melhores.

S. S., calculando em 500 o número de romeiros que freqüentam o Juazeiro, em cada 48 horas, diz que eles "fazem cauda do interior do tabernáculo até o meio do largo, durante largas horas, à espera do momento em que possam beijar os pés do santo ou entregar-lhe as oferendas votivas, entre as quais avultam os mil réis, causadores da sua suspensão de ordens" e termina afirmando "ter tido da gente e do lugar impressão medíocre".

Só a imprudência do Sr. Moraes e Barros me faria entrar na discussão de um assunto tão melindroso e tão grave, qual seja o de explicar a causa da suspensão das ordens do padre Cícero.

Com franqueza, Sr. Presidente, asseguro a V. Ex. ser bem constrangido que isso vou fazer.

E, tanto maior é o meu constrangimento, quanto sei o incomodo

que vou dar ao meu velho amigo no realçar as suas virtudes e, bem assim, aos seus perseguidores, no relatar as inomináveis perseguições por eles postas em prática.

Realmente, o Sr. Moraes e Barros pode bem ser comparado com um frasco de veneno, desses que matam ou inutilizam pelos vapores que desprendem. (*Riso*).

De maneira que os prejudicados ou ofendidos com os meus comentários, que se queixem do conferencista e não de mim.

Visto a explicação requerer muito critério e, ao mesmo tempo, valer, em grande parte, por dados biográficos daquele sacerdote e homem político de alto prestigio, permita V. Ex., Sr. Presidente, que eu seja minucioso no relatar os fatos.

O Juazeiro, por ser um lugar de romarias, é visitado, durante o verão, diariamente, por avultado número de pessoas vindas dos sertões de diversos Estados.

Essas romarias são cumpridas em virtude de votos ou promessas feitas à Nossa Senhora das Dores, igualmente às que se fazem a S. Francisco do Canindé, no Ceará, à Nossa Senhora da Penha, no Pará, ao Senhor do Bom fim, à Nossa Senhora das Candeias e ao Bom Jesus da Lapa, na Bahia...

O Sr. Vicente Piragibe – À Nossa Senhora da Aparecida, em S. Paulo.

O Sr. Floro Bartholomeu - ... à Nossa Senhora da Aparecida, em S. Paulo, à Nossa Senhora de Lourdes, na França, à Virgem do Lorêto, na Itália, e ao Santo Sepulcro, em Jerusalém.

O Sr. Augusto de Lima – E não vejo motivo para se reprovar o uso de romarias a Nossa Senhora das Dores de Juazeiro.

O Sr. Floro Bartholomeu – Tanto assim que os romeiros, ao chegarem, antes de se arrancharem e verem o padre Cícero, qualquer que seja a hora do dia ou da noite, vão até à frente da igreja soltar foguetes como primeira homenagem.

Na manhã do dia imediato, após a abertura do templo, para ali se dirigem a fim de fazerem suas orações e, depositarem as suas

oferendas, em objetos, no altar da Virgem Mãe de Deus e, em dinheiro nos respectivos cofres, que são recolhidos pelos respectivos vigários.

Somente depois dessas formalidades, vão visitar o padre, pedir-lhe conselhos, bênçãos de terços, rosários, medalhas e registros de santos, e oferecer-lhe os seus presentes em dinheiro para suas obras de caridade, ou em objetos e animais.

Dessas oferendas que lhe fazem voluntariamente, sem serem por ele solicitadas, entregam-lhe importância para ele mandar celebrar missas conforme às intenções.

O dinheiro que recebe para seus atos de caridade, na intenção de Nossa Senhora das Dores, aplica parte em esmolas, muitas vezes à vista dos próprios ofertantes, em auxílios a pobres, e a diversas paróquias por intermédio dos vigários, e parte na agricultura, pois ele é o maior agricultor do Cariri, cujo produto também divide largamente com a pobreza e compra terras com o bom desejo de deixa-las, por sua morte, conforme suas disposições em testamento já feito, para Instituições Pias e de Caridade.

As importâncias para as missas, escrupulosamente distribui com os vigários e com as instituições da Santa Infância, da Propaganda Fide, do Santo Sepulcro de Jerusalém e tantas outras, cujos nomes agora não tenho em mente, inclusive alguns conventos, dos quais tem os respectivos recibos.

Devo, porém, acentuar, por ser testemunha ocular, que os padres – vigários ou não – só recebem as de cinco mil réis, sendo as de dois e três mil réis enviadas para as aludidas instituições.

Em face do que exponho, provado fica que os mil réis por ele recebidos não são a titulo de promessas votivas, nem porque ele seja ou se apresente como santo.

Essas coisas são do conhecimento de todos, inclusive dos bispos e dos padres, que muito bem sabem ser pelo vigário, e não por ele, arrecadado o dinheiro do respectivo cofre.

O Sr. Simões Lopes – Naturalmente o Sr. Moraes e Barros recebeu essas informações.

O Sr. Floro Bartholomeu – Mas um homem de responsabilidade como S. S. não podia, absolutamente, reproduzir mentiras, nem coisas sem fundamento. Um homem que se respeita não faz isso. Deve preconceber a hipótese de que alguém virá contestá-lo.

O Sr. Simões Lopes – A comissão verificou que o padre Cícero está incompatibilizado com o clero. Naturalmente tem inimigos.

O Sr. Domingos Barbosa – Por isto mesmo é preciso muito cuidado.

O Sr. Floro Bartholomeu – E por que o Sr. Moraes e Barros verificou que o padre Cícero está incompatibilizado com o clero, segue-se que devia caluniá-lo?

Porventura S. S. repetiu o que ouviu do clero?

Se assim foi, deveria ter revelado a origem das informações, para que eu, neste momento, estivesse desmentindo os informantes.

Mas, se S. S. ouviu do clero todas essas calúnias e injúrias e achou melhor assumir a responsabilidade, que agüente com as conseqüências do seu ato pouco recomendável.

No sertão, Sr. Presidente, é muito comum, entre os vaqueiros, quando um sujeito, portador de precedentes de leviandades, identifica-se rapidamente com um outro em idênticas condições, patenteando uma certa afinidade de origem, ouvir-se o seguinte: "O boi velhaco conhece o outro pelo chocalho". (*Risos*).

E não acho descabida a aplicação ao caso do Sr. Moraes e Barros, porque S. S. provou que em toda sua excursão só encontrou quem lhe contasse inverdades a respeito do Juazeiro e do padre Cícero.

Por que razão o meu ilustre colega, Sr. Simões Lopes, não se entendeu com esses amigos da mentira?

Essa afinidade de origem é que não posso explicar; mas o fato é que existe.

Um Sr. Deputado – Há casos que se parecem.

O Sr. Floro Bartholomeu – Não me consta haver nenhum padre, vigário ou capelão, ou mesmo sem nenhuma função

eclesiasticamente oficial, deixado de receber as oferendas que lhe são dadas, ou fosse impedido de recebê-las por ordem dos seus bispos, por constituir um ato de ofensa a Deus.

Até mesmo não tenho ciência de que algum fosse responsabilizado ou obrigado a prestar contas aos seus superiores pela aplicação dos dinheiros depositados pelos fieis nos cofres das igrejas, para a manutenção do culto desta ou daquela imagem.

Se para este caso não há responsabilidade, quanto mais para o do padre Cícero que só dispõe do que é dele, e somente dele.

Parece pilhéria uma referência desta ordem. Era preciso que o público fosse de imbecis, de maneira a ser endossado semelhante conceito.

O que eu desejava saber era se S. S. inventou essa história ou foi informado por algum idiota ou por algum sacerdote autorizado.

Sim, porque se não é da lavra de S. S. nem da de qualquer desequilibrado, mas sim de membros da classe sacerdotal é o caso de darmos uma boa gargalhada pelo critério por eles adotado em nome da Igreja.

Acresce ainda a circunstância de que o padre Cícero, desde que se ordenou, nunca recebeu um real sequer como retribuição dos atos religiosos praticados, nem mesmo quando vigário de S. Pedro do Cariri, durante poucos meses após a sua ordenação.

Por isso era que os fiéis, em vista do seu desprendimento, concorriam já naquele tempo com os meios para a sua subsistência.

E a noticia da sua abnegação foi correndo por toda parte, de maneira que os auxílios foram aumentando.

Ora, se ele pelos trabalhos eclesiásticos nunca recebeu emolumentos e sempre continuou na prática do seu apostolado, justo é que o povo, que dele aufere tão grandes benefícios, o auxilie eficientemente.

E se em tempos idos, em que os recursos pecuniários do

povo eram mais escassos e ainda pequeno o número de favorecidos por ele, justificava-se o concurso de esmolas e presentes, quanto mais hoje, que as rendas por ele proporcionadas estão aumentadas e os necessitados que ele socorre são em maior número, excedem a expectativa!

Poder-se-á supor que a igreja, por seus representantes, entendesse de suspender de ordens um sacerdote, em virtudes pouco igualado e nunca excedido, para reduzi-lo, no último quartel da vida, à miséria e à fome, porque recebe, sem solicitar, meios para a sua subsistência e para atos de caridade?

Em nome da Igreja, alguns dos seus membros, podem cometer injustiças; mas desta natureza não creio ser possível, porque seria atingir as raias da perversidade e abalar o principio fundamental do catolicismo romano, que é a caridade cristã.

Vê, portanto, V. Ex., Sr. Presidente, que o Sr. Moraes e Barros não tem razão de afirmar que a "suspensão de ordens do padre Cícero é em virtude dos mil réis que recebe".

Reduzida aos termos precisos, as injúrias e as asserções caluniosas desse conferencista, vou corrigir o seu exagero na parte em que S. S. assegurou "fazer a população adventícia, calculada em 500 pessoas, cauda do interior da casa daquele sacerdote, por S. S. ridiculamente denominada "tabernáculo do Padrinho", até o meio do largo, durante horas, à espera do momento em que possa beijar os pés do santo".

É incontestável a reunião diária de pessoas, romeiros ou não, que vão visitá-lo ou com ele tratar negócios; e, porque todas não podem entrar ao mesmo tempo, é claro, hão de esperar à porta. Ainda assim, mesmo que sejam quinhentos os indivíduos, não ocuparão uma rua na extensão de mais de meio quilometro, com oito ou nove metros de largura.

Sou forçado a entrar em menores detalhes para realçar a inverdade que a narrativa de S. S. encerra.

Estou a lembrar-me do caso de um farmacêutico, que tinha

por hábito contar histórias cabeludas como esta; mas não o relato para não fatigar a Câmara.

Diversos Srs. Deputados – Conte. Ouviremos com prazer.

O Sr. Floro Bartholomeu – Já que os meus colegas desejam ouvi-lo, contarei.

Em 1907, na Vila do Morro do Chapéu, na Bahia, havia um velho prático de farmácia, padrinho e pai de criação do então chefe político, o coronel Francisco Dias Coelho, que tinha a mania de mentir. O que convém salientar é que as suas mentiras eram inofensivas, pois ele as contava para se engrandecer como autor de preparados medicamentosos, de efeitos radicais, para todas as moléstias.

Eu era clínico naquela vila e gozava a estima dele, pelo fato de não contrariá-lo, nem com ele discutir sobre este assunto. A sua fama de mentiroso era conhecida até na capital.

Um caixeiro viajante, o velho Champion, já prevenido, ali chegando, certo dia, foi com ele hospedar-se.

Após os primeiros cumprimentos, disse Champion, mostrando-se admirado: "Que farmácia bem sortida!" Era uma bodega.

"E não é isso só", replicou, *incontinenti,* o farmacêutico, "tendo duas casas alugadas com sortimento enorme, no qual estão empatados cerca de sessenta contos". Foi logo mentindo. (*Risos*).

O Sr. Eloy Chaves – De entrada. (*Risos*).

O Sr. Floro Bartholomeu – Champion, sentindo a força do velho, indagou: "O senhor tem muitos preparados seus?".

"Pois não, meu caro", respondeu o farmacêutico – "entre outros tenho um odontalgico que não há dor de dente que resista a sua ação". E, mostrando um burro velho que pastava perto da casa, disse: "Este pobre animal tem alguns dentes estragados; e, quando está sofrendo, eu entupo as cavidades dentárias com um pouco de algodão embebido no remédio e em poucos segundos ele volta a comer tranqüilamente. (*Risos*).

"E o major", continuou Champion, "já soube da pomada para calvície, que um americano estava vendendo, há pouco na capital?".

"Não", respondeu o farmacêutico – "mas não há de ser melhor do que a minha, que em menos de trinta dias a cura é radical". (*Risos*).

O Sr. Eloy Chaves – Não deixou o Champion tomar fôlego. (*Risos*).

O Sr. Floro Bartholomeu – Champion insistiu, afirmando que a do americano curava em horas, e disse: "Eu andava procurando um remédio para curar a calvície de minha sogra, que vivia desgostosa com o uso do chinó, quando soube da chegada do americano. A muito custo, consegui duas latinhas por sessenta mil réis; e, como não tinha certeza do efeito, não quis logo aplicar na velha; resolvi, primeiro, fazer uma experiência.

Chegando em casa, besuntei, com a pomada, uma velha mala de couro cru para ver em quantos dias encontrava o resultado e fui escrever algumas cartas para os fregueses desta zona.

"Creia meu caro major, quando terminei a segunda carta, que era para o seu afilhado Dias Coelho, e involuntariamente voltei-me para a tal *bruaca*, já tinha fios de cabelo de um palmo de comprimento". (*Risos*).

O Sr. Eloy Chaves – Matou o farmacêutico. (*Risos*).

O Sr. Floro Bartholomeu – Qual, o farmacêutico era *traquejado no ofício* e, mal arregalando os olhos, sem se desconcertar, concluiu com certa gravidade: "A minha pomada é melhor, porque só faz nascer cabelo em gente viva e não em couro de bicho morto". (*Risos*).

Champion pretendendo dar explicações, o farmacêutico retorquiu: "Não fale mais; vamos jantar, e depois, então, conversaremos".

Realmente, até alta hora da noite, contaram, cinicamente, mentiras as mais interessantes.

Ora, Sr. Presidente, se esse conferencista tivesse um encontro com esse farmacêutico do Morro do Chapéu ou com o

caixeiro viajante, Champion, que histórias não seriam ouvidas!

O Sr. Simões Lopes – V. Ex. não seja injusto para com o Sr. Moraes e Barros.

O Sr. Floro Bartholomeu – Injusto, sem o querer, está sendo o meu ilustre colega para comigo.

Se V. Ex. e os meus colegas se derem ao trabalho de ler no *O Estado de S. Paulo*, de 15 de agosto do corrente ano, o que o Sr. Moraes e Barros declara a respeito do jumento, esse animal que S. S. chama nefelibaticamente, "palhaço do burro", – hão de ter a maior das surpresas. E, hão de se surpreender porque o Sr. Moraes e Barros, não sei porque, tornando-se um fervoroso admirador dos jumentos, pela sua "alta função no Nordeste" e pela "latitude do seu valor", conta, como certo, que "naquelas paragens, quando a água rareia, esses animais cavam cacimbas com os próprios cascos e a sorvem nos fundos dos buracos". (*Risos*).

Ora, Sr. Presidente, uma história como esta só se enquadra bem no rol das de Trancoso, com as quais as avós faziam dormir os netos, nos tempos idos. (*Risos*).

O Sr. Gentil Tavares – Eu nunca ouvi dizer que os jumentos cavem cacimbas. (*Risos*).

O Sr. Domingos Barbosa – Também, não. (*Risos*).

O Sr. Floro Bartholomeu – A história é tão rebarbativa, que dispensa comentários. O que posso unicamente dizer é que infeliz do jumento que, quando tiver sede, não encontrar quem lhe dê água e seja forçado a abrir cacimbas com os cascos. (*Risos*).

Outra referência do conferencista, que é simplesmente invencionice, é a de que "as pessoas esperam o momento para beijarem os pés do padre Cícero", a quem S. S., de modo pejorativo, chamou "Santo".

Não seria difícil que um dos seus loucos mansos que por lá existem, ou mesmo um esmoler, inconscientemente, tentasse beijar, ou mesmo beijasse, de surpresa, os pés do padre Cícero; mas se isso acontecesse ele saberia repelir com igual energia a usada nos

casos de menor importância.

Desta tribuna desafio o Sr. Moraes e Barros para vir dizer, a bem da sua dignidade, se dá o seu testemunho pessoal ou o nome do seu informante.

Quanto à "medíocre impressão" tida por S. S. "do lugar e da gente", só me resta garantir que os juazeirenses teriam a maior satisfação que ela fosse péssima, porque ao meu ver, os conceitos de S. S. não os honram nem os deprimem.

Agora, cumpre-me falar sobre a causa da suspensão de ordens do padre Cícero, que reputo a injustiça mais clamorosa, senão uma iniqüidade, tais os meios empregados para justificá-la e mantê-la.

Para isso é mister fazer uma ligeira recapitulação de toda sua vida no Juazeiro, dos fatos ali ocorridos e do modo pelo qual, sem o perceber, ele se impôs á estima e ao respeito das multidões sertanejas.

Não farei como o Sr. Moraes e Barros que, pretendendo demonstrar por que razão é aquele sacerdote por todos respeitado e obedecido, em um trecho de literatura avessa, assevera ser – "porque ele tem oitenta anos de idade, é de baixa estatura, tem corpo delgado e firme debaixo de cuidada roupeta e é apoiado sobre pezinhos chineses; porque tem a mão dircita sobre um cajado e sua tez é leitosa, de frescura já longínqua, engastada de dois olhos pequenos e matreiros que se conjugam vivazes, por cima do nariz aquilino e bem talhado; porque sua boca é reduzida a faceta, e aberta sem rogativas, em risos bem humorados e bastante joviais; e, mais, porque tem uma fronte um tanto espaçosa e quando ereto pende um pouco para a esquerda; finalmente, porque tem palestra interessante de letrado e fala com fluência sobre história, literatura e política nacional, cujas tricas conhece palmo a palmo".

E é esse homem que se julga na altura de observador criterioso e se anima a falar de público sobre um assunto tão delicado, e, o que há de mais singular, como literato!

Penso que S. S. perdeu uma boa ocasião de guardar silêncio; e errou pondo em prova os seus méritos literários.

Há casos em que falar é bom, mas não falar é melhor.

É bem certo o brocado: "O pão se conhece pela casca".

Para mim o juízo sobre S. S. já está formado.

Discutamos o caso.

O padre Cícero, ordenando-se em Fortaleza, em 1870, voltou ao Crato, sua terra natal e, meses depois, quando ali exercia o magistério, a pedido de fazendeiros do Juazeiro, amigos da sua família, começou a celebrar missas nos domingos e dias santos, na capelinha do povoado.

Esse pequeno arraial, à beira da estrada real do Cariri, entre Missão Velha e Crato, tinha uma casa de tijolo cru, umas quatro ou cinco de taipa, e o resto de palha.

Excetuando os proprietários, que residiam nos seus sítios e só iam ao povoado aos domingos ou dias santificados, se havia missa, o resto dos habitantes, na maior parte, era de "cabras" desordeiros, entregues às bebedeiras e aos sambas, que terminavam, não raro, em conflitos, nos quais a arma usada era o cacete, o bastante, aliás, quando bem manejado, para levar um individuo ao leito, até mesmo à sepultura.

Muito não tardou, porém, que os fazendeiros solicitassem do padre a sua permanência ali, prometendo-lhe dar os meios de subsistência.

Já porque, para bem servir a Deus, desejava corrigir os maus, já porque não pode resistir à insistência de amigos tão bons, aceitou o convite e ali foi residir com sua genitora e uma irmã.

Ora, Sr. Presidente, a não ser por uma força do destino, não se concebe ser possível um moço pobre e inteligente, recém-ordenado, se conformar em iniciar sua carreira em um lugarejo onde os seus lucros materiais se resumiam simplesmente em não passar fome, porque lhe fartavam a despensa com alguns litros de farinha, feijão, arroz e algumas rapaduras e vestir uma sotaina e calçar modestos sapatos, quando,

por esmola, lhe forneciam. Seja como for, é uma prova de abnegação, rara naqueles tempos e não conhecida nos dias que passam.

Iniciada a sua atividade, foi sua primeira preocupação obrigar os amigos a construir moradas no arraial e arranjar um indivíduo pobre, mas conhecedor dos rudimentos da língua portuguesa, e uma senhora nas mesmas condições para ensinarem às crianças as primeiras letras.

Os desocupados obrigou ao trabalho dos campos e, à noite, os fiscalizava, terminando os sambas e as bebedeiras. Semelhante atitude, cada vez mais enérgica, pouco a pouco foi moralizando os costumes, de modo que dentro de pouco tempo os useiros e vezeiros nas desordens eram freqüentadores assíduos da igreja e praticavam a religião com prazer.

A notícia da transformação dos hábitos daquela gente, tida e reconhecida como incorrigível, tão somente pela sua ação moralizadora, circulou de canto em canto; e por isso mesmo acentuou-se a freqüência dos sertanejos das redondezas e de pontos mais afastados.

Como é notório, não tardou muito que o confessionário da capelinha do Juazeiro fosse muito mais concorrido do que os das demais freguesias, até por pessoas de maior destaque, devendo ainda acentuar que era lá, com ele, que quase todos os padres da região iam se confessar.

Tão fatigante era seu trabalho, em confissões na capelinha, nos sítios e nas fazendas próximas e distantes, que alguns dias não ia em sua casa, mesmo para as refeições. Alimentava-se mal, onde estivesse, na capelinha ou pelas estradas.

Pela fadiga, devida às constantes vigílias, no exercício do seu apostolado, dormia horas e horas sentado no confessionário ou mesmo no chão pelos caminhos.

Só quem vive no interior e conhece o espírito religioso do seu povo, pode afirmar, como o faço agora, que todos os atos por ele praticados abnegadamente a bem da religião constituíam os meios mais seguros para a salutar propaganda da fé católica pelos sertões a dentro.

Um povo que assistia tudo isso, feito por um sacerdote recém-ordenado, muito moço ainda, reproduzindo em pessoas as benemerências de que nos falam os livros santos da Igreja; um povo que presenciava outros padres, de maior idade, vindos de longe, o procurarem, de preferência, para com ele se confessarem; um povo que vira algumas vezes junto a ele, na sua modesta casa no Juazeiro, o acompanhando nesses misteres, o então bispo do Ceará, por justo motivo tido como sábio e santo, D. Luiz dos Santos (2), de saudosa memória, ouvindo-o ao mesmo tempo dizer, referindo-se ao padre Cícero, que daquela mesma massa é que se faziam os santos; um povo que não encontrava nos seus costumes senão a maior austeridade e incontestável pureza, necessariamente não poderia deixar de tê-lo como uma das poucas exceções, e, conseqüentemente, render-lhe excepcionais testemunhos de estima, consideração e de respeito.

Padres de vida irregular, verdadeiros flagelos das paróquias e dos fiéis, unicamente porque ostentam a batina e a coroa, são respeitados, quanto mais o que se revela um bom servo de Deus.

E, coisa singular, o acatamento dos padres pelo sertanejo é de tal ordem, que, se alguém se anima a desacatar qualquer desses que tão mal procedem, encontra repulsa de todos, até de sua própria família.

É um fato de observação corriqueira.

Se assim é, pois, se a ninguém é lícito contestar, como não achar justificação para a estima e o respeito das multidões daquelas paragens ao padre Cícero?

Pelos seus esforços de homem inteligente e bem intencionado, não só no Juazeiro como em toda zona do Cariri, a agricultura foi sendo pouco a pouco desenvolvida.

---

(2) Esse virtuoso e santo Bispo tinha tanta confiança na pureza do padre Cícero, que logo após a sua ordenação lhe deu a faculdade de missionar em Trairi e outros lugarejos, bem como de, em casos urgentes, dispensar impedimentos e conceder certas licenças que eram e são da atribuição dos diocesanos.

A medida posta em prática para esse fim patriótico foi a de colocar nos sítios dos amigos as pessoas pobres que iam chegando, resolvidas a fixar residência.

Porque não possuíam recursos, ele, das esmolas que recebia, as auxiliava na primeira instalação.

De forma que os proprietários foram auferindo melhores lucros pela maior produção

E todos sabem que por ali, antes desse alvitre, um fazendeiro que plantava três ou quatro hectares de cana, era por todos invejado e tido na conta de rico; e hoje é comum a qualquer pobre trabalhador.

Tendo observado o incalculável prejuízo motivado pela grande seca e pelas epidemias de 77 e 78, em virtude das quais centenas de pessoas, apesar do auxílio do magnânimo Imperador Pedro II, perecerem, resolveu como solução definitivamente salvadora, em outras fases semelhantes, iniciar o plantio da mandioca na serra Araripe.

Foi tão intenso o seu esforço no desenvolvimento dessa cultura, pela insistente localização dos novos romeiros chegados ao Juazeiro, que aquela serra hoje é o celeiro inesgotável de todo o Nordeste brasileiro.

E se não fora a obediência a ele votada pelo povo, e o fornecimento de dinheiro por ele feito para início dos trabalhos, ninguém se animaria a trabalhar ali, visto como, entre outras dificuldades, a aquisição de água, para o serviço e para beber só se consegue palmilhando de duas a seis léguas, guiando os animais que a conduzem em latas e barris. É mister marchar atrás de um burro algumas léguas, para ir buscar água no sopé da serra. (3)

---

(3) Despendeu do seu bolso mais de dez contos de réis com o transporte de uma perfuratriz e com o custeio da perfuração de um poço profundo na serra Araripe, para os lavradores terem água mais facilmente.

Ele, para estimular os romeiros, também fazia grandes plantios por sua conta.

Nas últimas secas, de 1915 e 1919, foi nos vastos mandiocais de sua propriedade que os flagelados daquela zona acharam salvação.

Porque ali, Sr. Presidente, além da mandioca, há caças de diversas qualidades, e a semente de maniçoba (4), cuja plantação ele também iniciou e continuou a manter, que serve de alimento em tempos críticos.

Qual seria outro homem, pergunto, naquelas bandas, sacerdote ou não, capaz de realizar tão notável empreendimento?

Nenhum, respondo! Nenhum! Nem bispo, nem juiz, nem vigário, nem autoridade alguma! Só mesmo o padre Cícero, porque fazia o individuo ir para ali, fornecia o dinheiro para sua instalação, animais para o transporte da água, tudo; e era natural que esse povo, depois de obter produto de sua cultura, lhe viesse trazer presentes, quer em dinheiro, quer em gêneros, recursos com que ele continuava na sua benemérita obra.

O resultado é que a maior parte dessas criaturas que para ali foram em precário estado, por sua ordem, hoje são abastadas, dispõem de recursos pecuniários suficientes.

Como ia dizendo, Sr. Presidente, a sua fama de bom e caridoso padre já não era desconhecida por todos os recantos da região nordestina, e a sua influencia sobre as massas sertanejas se manifestava de maneira sempre crescente, quando – é o ponto grave – creio, em 1890, manifestações miraculosas foram percebidas na igreja de Nossa Senhora das Dores.

Nessas manifestações, notem bem os que me ouvem, o padre Cícero não teve nenhuma responsabilidade na aparição nem na divulgação, pois quem as divulgou do alto do púlpito, em Juazeiro, foi

---

(4) Deve-se única e exclusivamente ao padre Cícero o plantio da maniçoba na serra Araripe em uma área de cerca de dez léguas

o virtuoso monsenhor Francisco Monteiro.

Se realmente houve responsáveis pelo curso de veracidade que tiveram foram os padres ilustres e os médicos de reputação abonada que, em comissão, por ordem do diocesano, depois de minuciosas pesquisas, afirmaram ser verdadeiras, se bem que após as perseguições ao padre Cícero alguns, a maioria, ou mesmo todos, negassem o que haviam afirmado.

Não querendo entrar, por ora, em minúcias sobre esses fatos, que, em verdade, não me interessam, somente posso garantir que, verdadeiros ou falsos, nada sei dizer a respeito, porque foram anteriores à minha residência ali.

Afirmo, no entanto, não ter tido o padre Cícero responsabilidade na sua aparição nem na sua divulgação, pelo fato da insuspeita decisão do Sagrado Colégio, de Roma, essa Egrégia corte de venerandos e austeros juízes, sobre as aludidas manifestações miraculosas, ser no sentido de condena-las, como não verdadeiras, em vista dos documentos enviados pelo diocesano e absolver o padre Cícero de qualquer censura em que seu nome pudesse ter incorrido.

Entretanto, Sr. Presidente e meus ilustres colegas, com pesar o digo, ainda há quem propale, até padres e alguns bispos que aquele virtuoso sacerdote foi e continua excomungado pela Santa Sé.

Há poucos dias, no Círculo Católico, nesta cidade, monsenhor Melo Lula, recentemente chegado do Rio Grande do Norte, dizia, perante muitos cavalheiros, inclusive o advogado José Geraldo Bezerra de Menezes, morador de Niterói, que o padre Cícero era um excomungado. (5)

Ora, Sr. Presidente, ou esse monsenhor está completamente alheio ao que se passa na Igreja ou então é de uma desenvoltura inqualificável – mente por prazer. (*Hilaridade*).

---

(5) Depois que proferi esse discurso, fui informado de que o monsenhor Melo Lula dissera ter feito tal afirmação por tê-la ouvido de um bispo.

E como poderia ter sido excomungado pela Santa Sé, se foi absolvido pelo Sagrado Colégio; se durante o tempo que estava em Roma, respondendo ao rigoroso processo eclesiástico, exerceu as funções de capelão da igreja de São Carlos, por nomeação do cardeal Parochi, vigário geral do Vaticano e os jornais católicos de Roma e de outras partes fizeram-lhe referências respeitosas?

Como ser excomungado, se Leão XIII, o grande Papa, o recebeu em audiência no seu gabinete, ouviu-o cerca de vinte minutos, e recebeu carinhosamente de suas mãos um modesto terço, como oferenda humilde; se, atendendo que, segundo a decisão do Sagrado Colégio, também lhe era proibido celebrar, por certo tempo, na igreja do Juazeiro, concedeu-lhe licença, por um Rescrito Papal, para ter em sua casa um oratório privado, afim dele celebrar e dar socorros espirituais à sua velha mãe, paralítica e cega; se, finalmente, o atual bispo do Crato, em repetidas portarias, contendo exigências as mais absurdas, o ameaça constantemente de excomunhão reservada ao Papa. (6)

A instalação desse oratório privado não pôde ser realizada porque o então bispo, D. Joaquim Vieira, não quis dar o seu visto ao referido Rescrito.

Não obstante, ao padre Cícero assistir o direito de recorrer para Roma, contra a relutância do prelado, recusando dar o respectivo visto, pois, segundo os versados em usanças da Igreja, documentos dessa natureza, no domínio eclesiástico, não devem ser desrespeitados, conformou-se, na suposição de ser atendido em outra oportunidade que, no entanto, nunca chegou.

Claro é de ver que, se antes das citadas manifestações, falsas ou verdadeiramente miraculosas – a afluência do povo era considerável e o prestigio do padre já era notável, depois delas aumentaram

---

(6) O atual Sumo Pontífice, ao subir ao Papado, em resposta a um telegrama de felicitações do Padre Cícero, também por despacho telegráfico, lhe deu e ao povo deJuazeiro uma Benção, documento este que foi publicado em diversos jornais.

acentuadamente.

De maneira que, já porque os milhares de pessoas que viram as referidas manifestações miraculosas não duvidavam da sua veracidade; já porque os padres e os médicos, em começo, não as consideraram falsas; já porque um padre tido como respeitável, na boa ou má fé, com escândalo proclamou-as do púlpito como verdadeiras; já porque o inquérito procedido no Juazeiro, por ordem do bispo e na ausência do padre Cícero, não primou pela imparcialidade e, ao contrário, foi feito por meio de coações inomináveis; já porque o Sagrado Colégio, de Roma, o absolveu, em vez de condena-lo; já, finalmente, e este é o ponto mais importante, porque o então vigário do Crato, o monsenhor Alexandrino de Alencar, quando desgostoso, teve de retirar-se da diocese do Ceará para a do Piauí, onde faleceu, foi propositalmente ao Juazeiro e, do altar da igreja, com lágrimas nos olhos, em altas vozes, pediu perdão ao povo pelas injustiças por ele cometidas na direção do inquérito, contra o padre e as demais pessoas acusadas, alegando ter assim procedido por ordem terminante do seu diocesano – arraigou-se no espírito de todos a fé absoluta dos fatos que eles sempre consideraram miraculosos.

Até a cegueira do saudoso monsenhor Francisco Monteiro foi tida como um castigo.

Conta-se a respeito, que esse sacerdote certo dia, perante muita gente, incluindo-se alguns dos seus colegas, exagerando-se em conceitos para justificar a sua convicção sobre as referidas manifestações miraculosas – o padre Cícero aconselhando-lhe mais prudência sob o fundamento de, conforme a atitude do bispo, ser ele obrigado a retratar-se, dissera: "Se eu negar o que vi, ceguem meus olhos".

Acontecendo, porém, que por ordem do mesmo diocesano ele, depois, do mesmo púlpito, de onde afirmara serem verdadeiras, declarasse serem falsas, e, logo após, perdesse de todo a vista, não houve quem se convencesse de que a coincidência não fosse um severo castigo.

Foi a crença geral.

Os que, por mais cautelosos, não se manifestaram publicamente, o faziam em reserva, pois disto sou testemunha.

O concurso de todas essas circunstâncias, em casos desta natureza, é o bastante para abalar o espírito de um educado de crença mais exagerada quanto mais o de um ignorante que tudo vê através das misteriosidades.

Falo desta maneira, com tanta minúcia porque, empenhado na defesa do padre Cícero, quero, no terreno das responsabilidades, dar "a César o que é de César e a Deus o que é de Deus"; e mais ainda porque sou dos católicos que não temem as excomunhões por dizer verdades que não agradam aos padres.

O medo, muito bem sabe V. Ex., Sr. Presidente, é do tamanho que se quer fazer.

O Sr. Eloy Chaves – V. Ex. já tem provado várias vezes que não tem medo. (*Risos*).

O Sr. Floro Bartholomeu – Prossigo no que dizia: de tudo isso resultou, como conseqüência inevitável, o argumento das romarias votivas à Nossa Senhora das Dores, encontrando-se elas, hoje, no pé que todos conhecem.

Para não me tornar imprudente, deixo de citar mais uma ocorrência que serve de argumento fulminante para os que sustentam ser o padre Cícero o real responsável pela crença nessas manifestações; mas, se a isso for obrigado, não me preocuparei com o escândalo que a minha revelação possa produzir.

O Sr. Plínio Marques – É pena que não o faça já.

O Sr. Floro Bartholomeu – Não o farei, porque se trata de assunto muito grave e não quero que me dêem a responsabilidade do escândalo.

Voltando o padre Cícero de Roma ao Juazeiro, recomeçou, afanosamente, o seu trabalho de propaganda da fé católica.

Sem falar sobre os fatos que a Igreja não reconheceu miraculosos, conforme um dos considerandos da Decisão do

Sagrado Colégio; impedido, pelo bispo, de pregar nas igrejas, de confessar e de batizar, salvo em casos de morte; só podendo celebrar fora do Juazeiro, – resolveu o padre Cícero, para melhor servir a religião, todas as tardes, da janela de sua casa, fazer uma preleção sobre assuntos religiosos.

Ia ouvi-lo o Juazeiro em peso.

Era de tanta utilidade a orientação dada pela palavra, no sentido de mais intensificar a fé católica no espírito do povo, que, entre outras vantagens, se um individuo perdia qualquer objeto ou importância em dinheiro nas ruas ou nas estradas e, disso informado, ele falava, aconselhando que a ninguém é licito ficar com o alheio, no dia imediato lhe era trazido o achado e entregue ao respectivo dono, à vista de todos. É ou não é moral católica?

Não sei como ser possível haver quem considere esse seu procedimento prática de fanatismo. E está esse padre suspenso de ordens por acusação de concorrer para o fanatismo! Com efeito, ainda foi a título de não aumentar o fanatismo do povo que o atual bispo do Crato até isso proibiu com ameaças, creio, de excomunhão, reservada ao Papa.

É por isso, Sr. Presidente, que, como cristão e homem educado, cada vez compreendo menos a justiça e a coerência de alguns representantes da Igreja.

Se ao menos ele fosse incriminado de dizer asneiras ou coisas banais, reproduzindo conceitos incapazes de despertar a fé, como é muito comum a um certo número de padres, cujas práticas e sermões são xaropadas intragáveis, recheadas de rasas descomposturas, justifica-se; mas, de acordo com o seu seguro preparo em história da Igreja, e a unção com que ele fala sobre esses assuntos, de modo claro, coordenado e piedoso, podendo ser ouvido com agrado pelos católicos mais civilizados – não é simplesmente ridículo esse ato de prepotência episcopal?

O meu colega, Sr. Thomaz Pompeu Filho, teve ocasião de me dizer: "Nunca supus que o padre Cícero soubesse tanto história da

Igreja. Fala nesses assuntos, ao mesmo tempo com tamanha unção e singeleza, que me prendeu a atenção, durante cinco horas, a conversar sobre a história de santo Antão e tantos outros" (7). Enfim, Sr. Presidente, essas dissertações agradam a todos nós porque, no fundo, todos somos crentes e nos sentimos bem em ouvir a descrição da origem da nossa religião que incontestavelmente, é rica de passagens interessantes e sedutoras.

Se homens instruídos como esse colega, cujo nome acabo de citar e outros tantos que conheço, de espírito sem estreitezas de idéias das comumentes observadas na maioria dos católicos práticos e inteligentes, têm tão boa impressão, quanto mais os baldos de conhecimentos dominados pelo absolutismo da fé.

Devemos ser sinceros para não sermos incoerentes.

Por acaso, privar-se um povo, ainda ignorante, – a quem tudo lhe é negado no terreno eclesiástico, e que, até a chegada ali do vigário atual, moço inteligente e bom, filho da terra, ordenado em Roma, por ordem e à custa do virtuoso Cardeal Arcoverde, só ouvia insultos, – de tão salutar orientação, não será de concorrer conscientemente para a sua descristianização?

Quem o negará? Só os inconscientes e os sistemáticos.

Não é, de fato, descristianizar um povo, privá-lo desse influxo, dessa orientação moralizadora que desperta a fé, encaminhando-o para o bem?

E para demonstrar ser verdade o que afirmo, basta repetir com o próprio Sr. Moraes e Barros – que o padre Cícero "tem palestra interessante de letrado e fala com fluência sobre história, literatura e política, cujos trechos conhece palmo a palmo".

---

(7) Em palestra com o Sr. Pires do Rio, na Pensão Bitu, em Fortaleza, quando S. S. voltou de sua excursão ao Cariri, ouvi de S. S. o seguinte: "Quando segui para o Juazeiro levava uma impressão desagradável do padre Cícero; mas depois que com ele estive e palestrei, convenci-me de que é um homem inteligente, instruído e bom, – por isso, d'ora avante serei um dos seus defensores".

Ora, se esse conferencista, a despeito da maldade revelada na sua conferência, não lhe pode negar essas qualidades, quanto mais eu que com ele convivo há cerca de 16 anos!

Referir-me-ei, agora, às medidas contra ele tomadas, por mim classificadas de iníquas, e os motivos da sua execução.

O então diocesano do Ceará, D. Joaquim Vieira, ou por ignorar, o que admira, ou por capricho, o que é mais certo, não quis compreender que as romarias do Juazeiro eram em virtude de votos ou promessas a Nossa Senhora das Dores e não ao padre Cícero; bem como que o real prestígio deste, desde longo tempo conhecido, não tinha por causa as referidas manifestações miraculosas, exigiu, em repetidas portarias, que ele se retirasse da sua diocese para qualquer outra, sob o pretexto de que a sua permanência ali ou em pontos próximos, entreteria o fanatismo das populações.

Refletindo-se sobre essa esdrúxula exigência, chega-se a conclusão seguinte: se a sua permanência no Juazeiro era a causa das romarias, em qualquer outra parte onde ele permanecesse elas continuariam a ser realizadas. De onde se pode ainda concluir, por dedução, que a intenção do diocesano não era combater o fanatismo, mas somente perseguir o padre Cícero de um modo nunca visto, porque seria reduzi-lo, suspenso de ordens, em lugar estranho, à miséria e à fome, senão forçá-lo a apostatar.

Este meu raciocínio só não poderá ser admitido pelos que não têm noção da verdade.

O padre Cícero, por sua vez, certo de lhe não caber nenhuma responsabilidade pelas mesmas romarias e saber, como sacerdote católico ilustrado, que a ninguém assiste o direito de impedir que os fiéis cumpram os seus votos nos pontos por eles escolhidos, os obrigando a cumpri-los em pontos diferentes, recusou-se a atender à ordem.

Tanto mais justificada foi a sua recusa, quanto, além do que expus, tinha ao seu cargo sua irmã e sua velha mãe, cega e paralítica há cerca de 20 anos, que se obstinavam a acompanhá-lo

e um grande número de pessoas por ele caridosamente sustentadas.

Nem sequer o bispo se lembrou de que o seu ato valia por um decreto de banimento do padre, da sua terra natal, do lugar por ele feito e mantido, e que, pelas suas proporções de progresso, era um núcleo de trabalho útil na agricultura, nas artes, no comércio e nas grandes obras do governo, produzindo rendas regulares para os cofres do Estado e da República.

E admitindo-se que o padre Cícero, perdendo a noção das suas responsabilidades, aquiescesse, a população que deveras o quer, não consentiria na sua retirada.

E quem seria responsável pelas graves conseqüências da justa revolta do povo?

Talvez S. Ex. Revma., o diocesano, e os que o aplaudiam, visassem o arrasamento daquela terra pelo morticínio dos seus habitantes, conforme a ação dos governos na repressão do movimento reacionário.

Na realidade, isso não era possível; o povo não o consentiria, havia de rebelar-se, e então, viria a alegação: "É o banditismo!" Iriam as forças e acabava-se com a população. Sabemos o que foi Canudos, o que foi Contestado, tudo isso...

Sempre foi por esse lado que encarei o objetivo da medida.

Mas, felizmente, o padre Cícero, resignado, preferiu, em um gesto de boa reflexão, desobedecendo, salvar a vida daquelas criaturas, cujo maior crime é crer em Deus.

Porque foi considerado desobediente, vejamos a natureza das perseguições.

Peço a atenção dos meus ilustres colegas, que são homens inteligentes e cultos e, na quase totalidade, católicos.

Foi terminantemente proibido que crianças, no ato de batismo, tomassem o nome de Cícero...

Vários Srs. Deputados – Oh! Oh!

O Sr. Floro Bartholomeu – ... resolução essa que se estendeu a outras dioceses.

De maneira que uma criança registrada no cartório do Registro Civil com o nome de Cícero, tomaria outro, muito diferente, dado pelo vigário, no momento do batismo e que seria lançado no livro eclesiástico da paróquia.

O Sr. Americano do Brasil – A Santa Sé precisa tomar conhecimento do que V. Ex. está dizendo.

O Sr. Floro Bartholomeu – Ela ignora esses fatos.

Sr. Presidente, se esse é um ato de moralidade, eu não sei qual seja o imoral.

Que dificuldades futuras não advirão dessa prática aberrativa das verdadeiras leis da Igreja?

Porventura, o nome de Cícero, (creio até que é de um santo), foi condenado pela Igreja, para que os bispos o condenassem nas dioceses?

As crianças por ele batizadas em risco de vida, quando salvas, em vez de receberem unicamente os Santos Óleos, eram e são de novo batizadas.

Fato ainda mais grave, suponho, porque, segundo a praxe eclesiástica ou as leis canônicas, uma criança batizada em semelhantes condições, por qualquer pessoa que não tenha ordens sacras, por qualquer de nós, só recebe os Santos Óleos, mas nunca um novo batismo. Mesmo o batismo sob condição, não se refere a esses casos, mas sim quando não se sabe ou se há dúvidas se foi ministrado o sacramento.

Muitas crianças deixaram de receber esse sacramento porque os pais não se conformaram com a pilhéria de mau gosto.

Foi retirado o sacrário da matriz sob o fútil pretexto de que o altar não era sagrado, quando quem o sagrou foi ou o primeiro bispo do Ceará, D. Luiz dos Santos, ou D. Joaquim Vieira, seu sucessor, que assim ordenou.

E tanto não era verdadeiro o motivo alegado, que o mesmo vigário, cumpridor dessa ordem, quando foi nomeado bispo da nova diocese do Crato, fez voltar o sacrário sem mais nenhuma

sagração do altar, o que fez crer já ter sido sagrado.

De quando em vez era a igreja, oficial ou oficiosamente, em nome do bispo, pelo referido vigário, interditada, de modo a não ser freqüentada por nenhum padre, sob o fundamento de que no seu interior se havia cometido um crime com derramamento de sangue humano, quando semelhante caso nunca ocorrera.

Porém, só para arrecadação das importâncias depositadas nos cofres de Nossa Senhora das Dores, pelos romeiros, e que eram transportadas para o Crato, em sacos de tamanho regular, não havia interdição.

De quando em vez ia o vigário do Crato ao Juazeiro celebrar casamentos e batizados, mas não os fazia no templo, preferindo a sala da casa de um negociante, seu amigo e meu compadre, onde compareciam os nubentes e os batizandos, e esses atos eram celebrados, entre sacos de farinha e demais cereais.

Pela ausência de sacerdotes no uso de ordens, os fiéis para se confessarem e comungarem, conforme exige o catolicismo prático, tinham que caminhar três e cinco léguas; e os moribundos, em número avultado, se não fora o padre Cícero, morreriam sem nenhum socorro espiritual, como bestas no campo.

Quando alguns desses penitentes, depois de viagem fatigante, o que prova o sentimento de fé daquele povo, no confessionário, provocados pelo confessor, diziam acreditar no padre Cícero e nos milagres de Nossa Senhora do Juazeiro, eram enxotados, com escândalo, como se fossem cães leprosos, e não recebiam a comunhão.

Nem ao menos tinham a delicadeza ou a caridade de, por meios brandos, convencê-los do erro em que pudessem laborar; só recorriam à grosseria e à ofensa, com agravante de, nas práticas, se referirem às ocorrências do confessionário.

Em portarias episcopais, o padre Cícero era apelidado de embusteiro, fanático e até de Antônio Conselheiro.

Se o padre comparecia, por circunstâncias especiais, a qualquer

solenidade religiosa, a maioria dos seus companheiros de classe, ao invés de tratá-lo com estima e respeito, pela sua idade e pelas suas virtudes, procurava humilhá-lo com gestos, referências e comentários irônicos.

Lembro-me bem de que em 1909, indo em excursão pastoral ao Cariri, o bispo interino D. Manoel Lopes, já falecido como diocesano de Alagoas, um dos padres da comitiva, sacerdote aliás inteligente e culto, no Crato, do alto da tribuna levantada na praça matriz, no segundo dia, perante milhares de pessoas, começou o seu sermão da forma seguinte: "Povo nobre e altivo do Crato, peço permissão para falar sobre o povo imundo do Juazeiro, que vive guiado por Satanás". (8)

Isso é um fato verdadeiro, Sr. Presidente, porque, para rebater tão insólita agressão, escrevi e publiquei três vibrantes artigos n'*O Rebate,* jornal do Juazeiro, sob as epígrafes "Justa Defesa", "Olho por olho, dente por dente" e "Os efeitos da imprudência", com o pseudônimo de "Manoel Ferreira".

Disse tantas verdades, que não mais continuaram a triste campanha de difamação, e meteram, como sempre, a "viola no saco", nada me respondendo.

A capela do Coração de Jesus, na serra do Horto, que seria um dos mais belos templos do país, não conseguiu ser concluída, ficando interrompido o serviço nas proximidades da cobertura, porque, em portaria terminante, o bispo D. Joaquim Vieira, proibiu, alegando ser aquela obra o meio mais seguro de propagar o fanatismo.

Nesse documento arbitrário foi que o padre Cícero recebeu o epíteto de "Antônio Conselheiro, de infeliz memória".

---

(8) O Satanás era o padre Cícero, um sacerdote católico, modelo de virtudes. A população do Crato, quase unanimemente, desapoiou semelhante atitude e os romeiros que trabalhavam nos sítios e nas casas daquele município, num gesto de justa revolta, abandonaram os serviços e deixaram de freqüentar as feiras.

Foi preciso que o padre Cícero, em vista dos pedidos da população fizesse com que esse povo voltasse ao Crato

Devo salientar porque o padre iniciou a construção dessa igreja que, concluída, seria um templo majestoso.

Em 1889, antes das citadas manifestações miraculosas, sinais francos de uma nova seca eram patentes.

Já era, creio, o mês de março, e nem um chuvisco.

A população abalava-se em massa para emigrar.

Diversos padres, entre os quais Felix de Moura e o vigário Alexandrino de Alencar faziam preces com o povo.

Entre as promessas votivas, fizeram a da construção de uma capela no alto da serra do Horto, em homenagem ao Coração de Jesus, que seria o padroeiro.

Quando menos esperavam, em pleno dia de sol ardente, às duas horas da tarde, por milagre ou coincidência, subitamente caíram chuvas abundantes que só pararam pela manhã do dia imediato.

Foram tão copiosas, que na mesma noite todos os açudes sangraram, alguns se arrombaram, e os rios transbordaram, alagando todos os brejos e estradas, havendo, por conseqüência, um bom inverno produtor de fartura nos celeiros.

Se para o civilizado de crença mais arraigada teria valor de milagre, quanto mais para o ignorante.

O padre Cícero, porque, com ou sem razão, acreditasse ter sido o resultado da promessa, conseguiu o terreno de graça, a licença do bispo D. Joaquim Vieira, por intermédio do vigário Alexandrino, e a garantia do auxilio da parte do povo.

Tempos depois, aparecendo o caso dos milagres, ficou interrompido o começo da obra.

Indo a Roma responder ao processo, depois de absolvido, lá trocou a imagem do Coração de Jesus, em vulto grande, e a trouxe para o Juazeiro.

Supondo, em vista da decisão do Sagrado Colégio, que ia ter vida calma, recomeçou o serviço com o povo. Em pouco tempo, com o maior sacrifício, no transporte do material, já estava quase coberta a igreja, segundo a planta que ele trouxe de Roma.

Sendo o bispo informado de que ele a estava fazendo, não obstante ter a certeza de que era em cumprimento de um voto, porquanto ele próprio fora quem concedera a respectiva licença – em portaria de termos grosseiros, na qual classificava o padre Cícero, conforme eu já disse, de "Antônio Conselheiro, de infeliz memória", proibiu com ameaças a construção. (9)

Em torno da construção dessa capela, múltiplos comentários foram feitos, até mesmo de ser uma fortaleza cheia de subterrâneos, e outras tantas banalidades.

Que o digam os que me ouvem e os que me vão ler, se o padre Cícero cometeu algum crime ou alguma falta, e se o ato do bispo teve coerência ou foi de justiça. O que é fato é que a promessa não foi cumprida, nem o padre Cícero é o responsável; e se é certo que Deus e os Santos castigam os que lhes enganam ou concorrem para que eles sejam enganados, é provável que tenha havido ou possa haver alguma coisa na liquidação dessa conta, lá pelo reino do Céu, já que na terra sejam sempre contrariados. (*Risos*).

A própria imagem do Coração de Jesus, que foi benta em Roma por Leão XIII, portadora de um Breve autenticado de indulgências, não pôde ter abrigo na igreja do Juazeiro.

Foi preciso o padre Cícero construir um aposento especial e nele recolhe-la em um rico nicho por ele mandado fazer. (10)

---

(9) Justamente quando os protestantes, os maçons e os espíritas aumentaram consideravelmente os seus templos, as suas lojas e os seus centros, e os livres pensadores desenvolvem enorme campanha contra o catolicismo romano, bispos católicos proíbem a construção de igrejas, sob o fútil pretexto de não se propagar o fanatismo.

(10) Não somente a imagem do Coração de Jesus, mas também a do Senhor Morto, em ponto grande, e as da Sagrada Família, trazidas pelo padre Cícero, de Roma, somente há cerca de dois anos, mais de vinte anos passados, foram recolhidas à igreja de Nossa Senhora das Dores, não sendo há mais tempo para não provocar fanatismo.

Só no ano de 1920, creio, cerca de vinte e três anos passados, o atual bispo do Crato, quando foi em visita pastoral ao Juazeiro, depois de benzê-la solenemente pela segunda vez, fê-la recolher à igreja de Nossa Senhora das Dôres.

Do mesmo modo foi interrompida a construção da capela de Nossa Senhora do Perpetuo Socorro, no cemitério da cidade, por ordem do mesmo diocesano.

Sobre este caso posso falar de ciência própria.

Eis: Chegando eu em Juazeiro no ano de 1908, encontrei ali uma senhora, casada, mulher distinta e boa, à semelhança das que existem em todo lugar – isto é que tem a preocupação de prestar obséquios, agradar e remover todas as dificuldades, e que vivia do trabalho doméstico e da oração.

Hermínia era o seu nome.

Passados alguns meses, certo dia, pediu-me para conseguir que o padre Cícero continuasse a obra da capela, dizendo que, estando pelo menos a mesma coberta, isto é, com o telhado, ela desejava morrer.

Um tanto admirado com o seu modo de pensar, insisti em saber qual o motivo do seu tão grande interesse.

Disse-me ela o seguinte: que tendo estado muito grave o padre Cícero, em conseqüência de uma erisipela que o prostrou três ou quatro meses na cama, ela, com outras pessoas, fizeram uma promessa a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro de, no caso do restabelecimento da saúde dele, construir uma capela no cemitério; mas que iniciado o serviço pelo padre por ele mesmo fora interrompido, sem que ela soubesse a causa.

Dirigindo-me ao padre, este me informou que não continuava a obra por ter o vigário do Crato obstado, em nome do bispo; e declarou-me que se eu, como pessoa estranha, conseguisse a licença para a continuação, que ele se dispunha a auxiliar e levá-la a termo, visto como todo o material estava se estragando.

Não querendo pessoalmente tratar do assunto, falei ao Sr. José

Xavier de Oliveira, pai do Dr. Antônio Xavier de Oliveira, autor do livro "Beatos e Cangaceiros", homem que gozava das graças do clero, no Crato.

Esse cavalheiro entendeu-se com o vigário, que é o atual bispo do Crato, e obteve a licença, sob a única exigência do padre Cícero não ter a menor interferência no trabalho.

Ciente da solução, admirei-me de que, sendo uma ordem do diocesano, o vigário, sem consultá-lo, a contrariasse; mas, enfim, como a condição exigida era o padre não intervir, compreendi que, satisfeito o capricho episcopal, tudo andaria bem.

O padre Cícero, já com o "couro duro" de tantas bordoadas daquela mesma natureza, resignado, se dispôs, sem que o seu nome aparecesse, a concorrer com o necessário, até com o dinheiro.

De modo que, Sr. Presidente, qualquer outro cristão por mais pecador que fosse, poderia fazer a obra, menos o padre Cícero.

Apenas não haveria inconveniente em que ele, em uma engraçada simulação, fizesse toda despesa.

Isto, como tudo mais, parece uma brincadeira de meninos, senão coisa pior.

Quando a capela estava com o telhado quase terminado, morreu, conforme pedia e desejava, a boa e saudosa Hermínia, a autora da promessa. Então, o padre Cícero, em justa recompensa às suas virtudes e aos seus esforços, de acordo com todos nós, fez sepultar seu corpo no interior da mesma capela, em construção.

O vigário do Crato, ao saber da resolução, tentou impedir, por intermédio de um emissário; mas ninguém o atendeu e o corpo de Herminia lá ficou enterrado em sepultura perpétua.

Em virtude disso, houve nova proibição de prosseguir a obra.

Nessa ocasião, eu, considerando tudo aquilo mera palhaçada, tomei a peito terminar a obra, sem mais ouvir ponderações do padre Cícero nem de ninguém, o que fiz, disposto a assumir, muito satisfeito, a responsabilidade das conseqüências

que, para mim, por mais graves que fossem, não me fariam mossa.

Pronta a capela, o bispo timbrou, por capricho, em não mandar benzê-la para uso do culto.

O Sr. Cardoso de Almeida – Era o caso de, se V. Ex. pudesse, tê-la benzido.

O Sr. Floro Bartholomeu – Só não benzi por não me ser possível. (*Risos*).

Passados meses, uma comissão de negociantes foi a Fortaleza entender-se com o bispo D. Joaquim Vieira e pedir-lhe que mandasse benzê-la e expô-la à freguesia dos fiéis.

A resposta do mesmo bispo foi que não atenderia ao pedido, porque estava seguramente informado de que o padre Cícero havia enterrado na referida capela o corpo de uma prostituta.

O Sr. Gilberto Amado – Afirmação caluniosa.

O Sr. Floro Bartholomeu – Por demais caluniosa!

Os membros da comissão protestaram energicamente contra a injuriosa declaração, mas não encontraram meio de convencer o diocesano, que insistiu em sustentar ser verdadeira a informação caluniosa.

Quem poderia ter convencido aquele prelado de tão deslavada calúnia?

Não sei, nem posso atinar.

Fosse quem fosse, o que não há dúvida é que nem a moral comum nem a ensinada pelos teólogos e pelos grandes padres de nossa Igreja, permite juízos tão temerários. (*Apoiados*).

O Sr. Plínio Marques – Muito especialmente a nós católicos (*Apoiados*).

O Sr. Gentil Tavares – V. Ex. faz muito bem tornar público esse fatos. (*Apoiados*).

O Sr. Aristides Rocha – V. Ex. está prestando um enorme serviço. (*Apoiados*).

O Sr. Floro Bartholomeu – E o atual bispo do Crato, que era o então vigário, e conheceu bem a pobre Hermínia, sabendo

ter ela sido uma criatura honesta, de virtudes, continua, com o mesmo capricho, ainda conservando a mesma capela sem benzer.

Divulgo esses fatos, Sr. Presidente, para que os representantes da nossa Igreja, que sabem cumprir com as suas leis, conforme Cristo as ensinou, digam, sinceramente, se isso está direito.

Tão infame era essa acusação, que junto à sepultura dessa mesma mulher, cuja memória foi de tal maneira profanada, se acha a da venerada mãe do padre Cícero. (11)

Diversos SenhoresDeputados – A prova da calúnia!

O Sr. Floro Bartholomeu – Repetidamente, o padre recebia, e ainda hoje recebe, intimações para não benzer registros de santos, velas, terços, rosários e medalhas com a imagem de santos e mais apetrechos tolerados, aceitos e distribuídos pela Igreja, sob o pretexto de não ser entretido o fanatismo.

De igual maneira lhe é proibido abençoar ou fazer uma cruz na testa de quem for, porque tudo isso por ele praticado é a causa do fanatismo.

Uma vez por outra, sob ameaças de excomunhão, lhe chega uma portaria episcopal o acusando de responsável pela confissão de um indivíduo em bom estado de saúde, mas que simulava estar doente, como se o padre Cícero possa deixar de confessar e absolver uma pessoa que lhe é trazida em uma rede, dizendo-se mal, para morrer; enfim, Sr. Presidente, é um tormento horrível o daquele sacerdote, o meu amigo padre Cícero.

Só ele, tão somente ele, com a sua resignação evangélica, suportaria, como suporta, sem articular uma queixa, tão penoso martírio.

---

(11) E em dias do mês passado teve sepultura na mesma capela, junto às de Hermínia e da venerada genitora do padre Cícero, a irmã deste, a boa velhinha D. Angélica Romana Baptista, tida e reconhecida como uma santa criatura.

Sim, porque outro que não fosse ele, por muito menos, já teria apostatado. (12)

Em 1918, creio, quando o atual bispo, o Sr. Quintino de Oliveira, fez a sua primeira excursão pastoral ao Juazeiro, sendo recebido carinhosamente, ao retirar-se concedeu-lhe as ordens de celebrar também naquela localidade, do que se achava ele privado desde a sua viagem à Roma.

Escusado é explicar o contentamento de todos e mais do padre Cícero, porque alguns amigos do bispo diziam, com certa reserva, que, por solicitação do arcebispo de Fortaleza à Santa Sé, antes da criação da nova diocese, havia em poder do novo diocesano uma ordem de excomunhão para ele.

Todos se convenceram, portanto, de que o padre Cícero não celebrava no Juazeiro, unicamente porque o bispo não queria, como também de que não havia nenhuma ordem da Santa Sé, excomungando-o.

O Sr. Plínio Marques – E por que excomunhão?

O Sr. Aristides Rocha – Por que faz o bem?

O Sr. Floro Bartholomeu – É a pergunta por mim sempre feita. Depois que o padre teve ordem de celebrar, aumentou o seu sofrimento; o que me parece ter sido a concessão o meio mais fácil pelo bispo escolhido para intensificar a perseguição.

Sucederam-se as portarias com exigências de toda ordem, até que uma delas ameaçou-o de excomunhão, reservada ao Papa.

Achando-se o padre prostrado no leito, pedi ao vigário da

---

(12) O atual bispo do Crato, igualmente ao então de Fortaleza, emprega todos os meios para o padre Cícero apostatar, sendo este um sacerdote virtuoso e bom, exemplo dos padres, verdadeiro ministro de Jesus Cristo, em uma época, em que a vocação para o sacerdócio está muito atenuada e em que a Igreja, pelos seus bispos, perdoa e tolera irregularidades e faltas gravíssimas de padres, - tão somente para evitar escândalo.

paróquia, o padre Pedro Esmeraldo, para retardar a entrega da tal portaria episcopal, em vista do seu estado de saúde. (13)

Das idas e vindas do vigário ao bispo, resultou o meu entendimento com este, no seu palácio, no Crato.

Conferenciamos das 12 às 18 horas, esmerilhando todas as ocorrências.

Nessa ocasião tive o ensejo de perceber, com toda a segurança, a natureza da perseguição; e, por isso, assegurei ao ilustre diocesano que o padre Cícero já me havia afirmado que suportaria com paciência todas as coações, mas que não apostataria, afirmando-lhe, ao mesmo tempo, que se, injustamente, ele fosse excomungado, eu, diante da inominável injustiça, o reabilitaria moralmente perante o mundo católico e o profano.

Nessa mesma conferência eu dera ciência ao bispo de que, depois de duas entrevistas com ele, o padre Cícero voltara à casa, escarrando abundantemente sangue, correndo o risco de morrer.

Um Sr. Deputado – Que horror!

O Sr. Floro Bartholomeu – Admirem-se do seguinte: quando encontrei-o em semelhante estado, e, como seu médico assistente, indaguei qual a causa, ou o que o seu bispo lhe havia feito, ele bondosamente pediu-me que não insistisse, e exigiu mais que eu não deixasse chegar ao conhecimento do público o seu estado, afim de que, se morresse em conseqüência desse mal, não se soubesse que foi o seu bispo o causador da sua morte; dizendo, por fim, que só a Deus é permitido julgar e castigar os culpados.

Um Sr. Deputado – Bondade evangélica.

---

(13) Nessa portaria, o bispo exigia que o padre Cícero ou se retirasse do Juazeiro para longe da diocese, ou então não recebesse nem conversasse com ninguém que o procurasse, nem de ninguém recebesse presentes ou ofertas, enfim que se submetesse a uma reclusão absoluta, pior que a de um criminoso na cadeia, que pelo menos pode ver alguém e receber esmolas.

O Sr. Floro Bartholomeu – Lágrimas me vieram aos olhos, e, revoltado, declarei que não mais consentiria que ele atendesse a chamados do seu diocesano para conferências secretas, que algumas vezes eram de cinco e seis horas.

O Sr. Gentil Tavares – Fez muito bem.

Diversos Srs. Deputados – Muito bem.

O Sr. Floro Bartholomeu – Sim, fiz muito bem, porque via o risco de sua morte, que, talvez sendo para o mesmo bispo de alguma vantagem, para todos nós, ao contrário, seria um desastre.

Um Sr. Deputado – E as possíveis conseqüências?

O Sr. Domingos Barbosa – Nem se pode prever.

O Sr. Floro Bartholomeu – É uma história complicada.

O Sr. Gentil Tavares – Complicadíssima.

O Sr. Floro Bartholomeu – De todas as portarias do diocesano e das respostas do padre Cícero tenho as cópias, que, analisadas por quem tenha bom senso, darão melhor idéia do que afirmo.

Passada essa crise, em 1924, em uma petição, na qual o padre Cícero requeria, por insistência de um amigo, licença para servir de padrinho no batismo de uma criança, o seu bispo exarou, como despacho à legal solicitação, a definitiva suspensão de todas as suas ordens. (14)

De maneira que ficou pior do que estava, o que cabalmente demonstrava que a intenção do atual diocesano, restituindo-lhe as ordens de celebrar no Juazeiro, como nos demais lugares, para depois caçar-lhe todas, não era das melhores.

Também possuo a cópia desse requerimento, com o respectivo despacho.

---

(14) Esse despacho do diocesano foi exarado, assim creio, em um momento de irreflexão; porque estou certo, se S. Ex. Revmo. tivesse tempo de refletir, o não daria nos termos e na forma em que foi lançado.

O Sr. Simões Lopes – V. Ex. deve estar satisfeito pelo ensejo que teve de fazer a defesa do padre Cícero, de quem faço o melhor juízo.

O Sr. Floro Bartholomeu – Nesta parte, estou de acordo com o meu digno colega.

Os sacerdotes da diocese que freqüentem a casa do padre Cícero, ou, pelo menos, sobre ele e o Juazeiro não se refiram, nas suas práticas e sermões, de maneira descortês e mesmo injuriosa, não gozam de confiança do diocesano.

É de tal modo a pressão, que há alguns de seus amigos que, de viagem, deixam de passar pela rua, para não serem forçados, pela amizade, a visitarem-no e assim não contrariarem o bispo.

Um ou outro, de espírito por demais forte e que não precisa de batina para viver, é que freqüenta a sua casa e não o combate.

Tenho lido cartas de diversos párocos a ele dirigidas, nas quais procuram se desculpar das atitudes inconvenientes assumidas.

Já li uma, de certo vigário de uma diocese vizinha, da qual, entre outros trechos, constavam os seguintes: "Se lhe informarem que eu, na minha paróquia, lhe faço e ao Juazeiro referências injustas, não leve em conta e me perdoe, pois a isso sou obrigado pelo meu bispo que é da mesma massa que o sou, em corpo e alma. Você sabe compreender o quanto pode o diocesano; e eu sou pobre, e não quero perder o único meio que tenho para manter minha numerosa família, que é a minha freguesia.

Mas lhe peço, continue a me ajudar, como irmão em Jesus Cristo, pois os meus ruins paroquianos que ai vão, quando voltam, são melhorados".

A cópia desta carta está em meu poder.

Ai desse vigário se o seu nome eu proferisse neste momento. Pelo menos iria curtir necessidades e privações nos "cafundós" da diocese.

E quem terá dúvidas a respeito, conhecendo o poder sultânico dos bispos das dioceses distantes do Vaticano?

Quem não sabe que o poder deles é muito maior que o dos ditadores?

Quem, por acaso desconhece a quanto vai a passividades dos padres às determinações dos diocesanos.

É uma obediência muito mais rigorosa do que a dos soldados boçais do tempo do Império aos seus cruéis comandantes.

Pelas obrigações do próprio sacerdócio, o padre não tem o direito de dizer e agir como sente, na maioria dos casos. Tem que cumprir as ordens, sejam boas ou inconvenientes.

Daí a generalização do mau conceito sobre o padre Cícero. Ele próprio, para não incorrer na pena de desobediência, tem de manter-se em silêncio e cumprir, ainda que amargurado, as exigências mais esdrúxulas, mais humilhantes.

Tive ocasião de observar a quanto chega a obediência de um sacerdote ao seu bispo.

Quando o atual bispo do Crato esteve, pela segunda vez, em Juazeiro, mandou, por um vigário, uma nota por ele escrita, para o padre Cícero copiar e, à noite, ler, perante o público, de uma tribuna levantada defronte da matriz.

O vigário incumbido da árdua missão fez sentir ao padre Cícero a necessidade do cumprimento da ordem por ser um meio de convencer o bispo da sua obediência às ordens da Igreja.

O padre Cícero, coitado, não obstante perceber que a exigência valia por uma grande humilhação e havia de constituir motivo de ação mais intensa sobre ele, aumentando-lhe o martírio, humildemente escreveu o que constava da citada nota, e, à noite, repetiu perante o público.

O que, porém, me causou revolta, foi ver que os padres da comitiva episcopal, homens, aliás, de alguma cultura, ao invés de entristecerem da perversa humilhação a que estava reduzido o seu companheiro, galhofavam, apoiando o ato do bispo.

É preciso não esquecer que o velho padre, doente, com setenta e seis anos de idade, teve de galgar, com a maior dificuldade, a tal

tribuna, no meio da praça, com sete ou oito metros de altura, correndo risco de ter uma vertigem e até morrer.

São casos graves esses e que devem ser sabidos.

Não quero acreditar que, de consciência, aqueles padres aplaudissem o ato injustificável do bispo, porque, no final das contas, o que não é bom o espírito repele; mas, assim me parece, para não agastar o seu superior, revelaram-se satisfeitos.

Desde esse momento, convenci-me do que há muito eu já ouvia dizer: "Que ódio de padre não se acaba; rende como chuva miúda nos roçados".

Mas, ao mesmo tempo, pensei que esses sacerdotes tinham razão na galhofa com que apoiavam a humilhação do seu colega e irmão em Jesus Cristo, pelo fato de ser uma espécie de defesa própria. Sim, porque se algum deles ousasse fazer o menor comentário desfavorável, por certo teria de passar pela "prensa hidráulica" do diocesano.

E o que poderá fazer um sacerdote quando o seu bispo entende persegui-lo?

Pelo menos, se for vigário, perderá a freguesia, o meio mais seguro de se manter.

Quem quiser, por amor ao extremado catolicismo, para não perder as simpatias da classe, nem ser considerado inimigo da Igreja, que asfixie a sua consciência, ofendendo a Deus mui de perto, e ache bom o que não presta.

Eu, porém, não. Crente, como sou, e certo de que Deus ama a verdade, nunca baterei palmas ao que o bom senso repugna.

Porque, Sr. Presidente, se o caminho do Céu prometido é este, tão sinuoso, tão cheio de injustiças, de maldades, de pretensões estultas, eu prefiro seguir por outro, onde meu espírito não sinta as mordidelas do remorso.

Se não estou com a verdade, devo ser perdoado, porque estou de boa fé. É o quanto basta para me sentir bem.

Dizem, por ironia, que a teoria dos padres é que os católicos "devem fazer o que eles mandam e não imitar o que fazem"; mas, a respeito, eu faço minhas judiciosas restrições: procedo de acordo com a minha consciência e com os verdadeiros ensinamentos constantes da sã moral pregada pelo Cristo, para a regeneração dos costumes da humanidade.

Já li que Leão XIII, o maior luzeiro do papado romano, cuja cerebração foi a mais potente do seu século, ao saber que um jesuíta, admirado pelas virtudes e bondade de uma princesa protestante, tentava inutilmente convertê-la, chamou-o e aconselhou-o a não continuar, dizendo: "Deixe-a, porque é melhor protestante de boa fé, do que má cristã".

Se a ação perseguidora se limitasse, apenas, a conseguir adeptos na mesma classe, ainda bem; mas infelizmente, ela se exerce, e de maneira poderosa, sobre os que à mesma não pertencem. (15)

Não há muito tempo que o monsenhor Fernandes Távora, sacerdote virtuoso e bom, irmão do não menos digno bispo D. Carlotto, meses antes de falecer, mandara, do Amazonas, alguns artigos para serem publicados em Fortaleza, no jornal *Correio do Ceará*, então órgão oficioso do arcebispado. Pela consideração a que fazia jus o autor, foi publicado o primeiro, que ficou sendo o último. Preciso notar que desses mesmos artigos constavam boas referências ao padre Cícero. Não sendo publicados os demais, João

---

(15) O atual bispo do Crato sabendo que, certo homem de letras, cujo nome não declino por não ter sido autorizado, aqui residente e católico prático, em um comentário feito em torno do livro "Sertão a Dentro", escrito pelo Sr. Costa Andrade, sobre o Juazeiro, se referira de maneira elogiosa ao padre Cícero – em um dos seus passeios a esta Capital, procurou o referido literato e censurou-o por assim ter praticado, alegando estar aquele virtuoso sacerdote, excluído da Igreja. Esta informação me foi dada por um católico respeitabilíssimo que, estou certo, sendo moralmente obrigado, confirmará o que digo.

Brígido, depois de saber que a publicação não era continuada, porque o arcebispo se havia contrariado, os obteve e os fez publicar no seu jornal *O Unitário*. Excusado é dizer, que esse jornalista, que era livre pensador e tão convicto de suas idéias, que morreu aos noventa anos sem com elas transgredir, e que vivia em luta contínua com o diocesano, escreveu um longo artigo, atacando, com veemência, o clero.

Eu fui quem evitou a publicação do terrível comentário.

Porventura, o monsenhor Fernandes Távora, padre ilustre, culto e devotado à Igreja, era um fanático, um inconsciente, capaz de dizer mentiras em documentos públicos, sob a responsabilidade do seu nome?

Se fossem calúnias e injúrias, ao padre Cícero, sim, poderiam ser divulgadas por qualquer jornal católico, sem que nenhum obstáculo fosse oposto.

Um outro monsenhor conhecia tão de perto a possibilidade de ser aumentado o martírio do seu amigo padre Cícero, com um bispado no Crato, duas e meia léguas distante do Juazeiro, que, ao saber dos esforços daquele sacerdote para isso conseguir, em uma carta a ele dirigida, lhe disse, mais ou menos, o seguinte: "Admira-me da sua insistência em querer um bispado aí; se você com um bispo distante, vai amargando o pão que o demônio amassou, quanto mais com um trepado na sua garupa".

Enquanto o padre Cícero não se imiscuiu em política, mal ou bem ia encontrando algum conforto nos profissionais dessa arte de bem governar...

Um Sr. Deputado – *Modus in rebus.*

O Sr. Floro Bartholomeu – ...mas, depois que por circunstâncias alheias à sua vontade, caiu nas malhas desse redil complicado, "uniu pé com cabeça", conforme a expressão chula do povo, completou-se o assédio, quase ficou sem ter quem o defendesse.

É claro; porque, se o clero nem sempre se preocupa com certas considerações, quanto mais os políticos, cuja "consciência", no dizer de um correligionário cearense ao se referir a um impenitente adversário,

"é rôta, qual uma estrada de rodagem".

Um Sr. Deputado – Nem sempre.

O Sr. Floro Bartholomeu – Não subscrevo o conceito, mas também não contesto a veracidade. (*Risos*).

Um Sr. Deputado – É um assunto discutível. (*Risos*).

O Sr. Floro Bartholomeu – É muito comum padres políticos serem rudemente atacados, na imprensa, pelos seus adversários, quer na sua vida pública, quer na sua vida íntima; basta, porém, gozarem do prestigio da classe e da confiança dos seus superiores hierárquicos para se reabilitarem com a menor defesa dos correligionários.

Já com o padre Cícero, que tem contra si, injustamente, os seus colegas, não acontece o mesmo: tudo é aproveitado.

Conheço sacerdotes que, – ou por maldade ou por serem agradáveis aos seus superiores, a fim de obterem compensações vantajosas, – se dão ao trabalho paciente de fazer expedir, para todas as dioceses do país e até do estrangeiro, toda e qualquer verrina publicada contra o padre Cícero.

E é esse um dos motivos por que aquele bom sacerdote é mal visto por todo o episcopado brasileiro.

Se não fosse essa campanha oculta, capciosa, eivada de perfídias, da qual não há quem possa livrar-se, por certo, muitos bispos, inteligentes, bons e tementes a Deus, que felizmente os possuímos, fariam outro juízo do padre Cícero, e, talvez, até concorressem para minorar o seu sofrimento.

Há poucos dias fui informado de que foram remetidos de Fortaleza, para todas as dioceses, muitos números do *Correio do Ceará*, jornal editado naquela capital, – porque traz um artigo sob a epígrafe *Estátuas*, no qual, o seu autor, combate a idéia da ereção de uma estátua do padre Cícero, em Juazeiro. Entre outras incoerências, o autor desse mesmo artigo, transcreve a seguinte oração, que afirma trazerem os romeiros ao pescoço:

"Oração de Nossa Senhora das Dores. Santa Mãe de Deus e mãe nossa, mãe das dores, pelo amor de meu padrinho Cícero, nos livre e nos defenda de tudo quanto for perigo e misérias; dai-nos paciência para sofrer tudo pelo vosso amor, ainda que nos custe mesmo a morte. Minha mãe, trazei-me o vosso retrato e o do meu padrinho Cícero no vosso altar retratados no meu coração daqui para sempre; reconheço que vim aqui por vós e pelo meu padrinho Cícero; dai-me a sentença de romeiro da mãe de Deus; dai-me o vosso amor, e a dor dos meus pecados, para nunca mais cair em pecado mortal; abençoai-me todos os dias, dai-me a vossa graça, que precisamos para amar com perfeição nesta vida, para podermos gozar na outra, por toda a eternidade. Amém". (16)

Ora, Sr. Presidente, quem, possuindo um pouco de bom senso, poderá acreditar que o padre Cícero, para manter o seu prestigio, precise de mandar imprimir orações com piedosas invocações do seu nome, nos termos da que acabo de ler?

Como ser verdade semelhante coisa, se lá em Juazeiro e arredores nunca ninguém teve disso conhecimento?

---

(16) Admitindo-se que essa oração fosse usada pelos sertanejos, tão somente poderia ser repelida pelo fato de conter o nome do padre Cícero, porque em tudo mais ela dá uma idéia perfeita da crença católica do povo.

Veja V. Ex., Sr. Presidente, a que ponto chega a maldade humana.

Admitindo-se mesmo que alguns indivíduos, ou para fazerem mal àquele padre ou para conseguirem lucros pecuniários, na falta de outro meio honesto, imprimissem essa e outras orações, e as vendessem, ilaqueando a boa fé dos incautos, que culpa teria o padre Cícero?

Cumpria neste caso, ao diocesano proceder, de maneira prudente, imparcial sem coações ao padre, a rigorosa indagação, até apurar a responsabilidade do culpado.

Este é que devia ser o caminho; e, tendo a certeza de que encontraria da parte do padre Cícero a melhor boa vontade para auxiliar as pesquisas.

Entretanto, assim não se faz; preferem consentir que "corra mundo" a mentira, visando à desmoralização do sacerdote que, tanto quanto o melhor, é incapaz de cometer heresias.

A mesma coisa se dá com relação às medalhas, contra as quais tanto se tem falado e pelas quais o padre tem sido alvo das mais acerbas acusações.

Com muito prazer explicarei o caso minuciosamente.

Em 1910, certo comerciante de preparados medicamentosos, de Fortaleza, para fazer reclame de uma confecção denominada "bálsamo", uma imitação do conhecido "bálsamo filantrópico", muito procurado pelos sertanejos, fez cunhar medalhas com o retrato do padre Cícero e em cada pacote incluía uma delas.

Depois um outro, de Recife, como propaganda de outro preparado, fez cunhar medalhas com a imagem de Nossa Senhora das Dores.

Como era natural, estas eram bentas por todos os padres, mas aquelas, não.

Os romeiros por sua vez possuíam ambas e as usavam, penduradas ou não ao pescoço.

E não eram somente os romeiros, mas também pessoas ilustres.

Em 1914, aqui nesta capital, eu vi o nosso colega, o Deputado por Alagoas, o Sr. Natalício Camboim, ostentando na cadeia do seu

relógio uma medalha de ouro com o retrato do padre Cícero.

Não sei se esse nosso colega e meu prezado amigo também está no rol dos fanáticos.

Passados um ou dois anos, começaram a aparecer, vindas do Recife e de Fortaleza, em grande quantidade, medalhas com o retrato do padre Cícero de um lado, e do outro a imagem de Nossa Senhora das Dores.

Estas, já se vê, não eram bentas; mas, não obstante, eram usadas por alguns com intuitos piedosos, pelo fato de trazerem a imagem de Nossa Senhora das Dores.

Não podendo evitar a circulação por todos os sertões do Nordeste, por serem espalhadas pelas grandes praças comerciais, que vendiam em grosas aos negociantes do interior, e já estando por demais acabrunhado com as acusações que lhe eram feitas pelos padres e pelos bispos em continuados sermões, como autor e responsável pela circulação das referidas medalhas, dirigiu uma carta, que foi entregue por mim, ao ilustre padre lazarista Jeronymo Castro, então professor do Seminário de Fortaleza, de toda confiança do arcebispo D. Manoel Gomes.

Nessa missiva, cuja cópia possuo, o padre Cícero pedia-lhe que se entendesse com aquele diocesano, no sentido de proibir a venda das medalhas nas casas comerciais de Fortaleza e obter que o seu colega do Recife fizesse o mesmo.

Apesar desse alvitre lembrado, nenhuma providência foi tomada e continuaram a responsabilizar o padre Cícero, não mais pela circulação, mas sim por benzê-las, o que é uma calúnia inominável.

Pergunto eu: o padre Cícero agiu, ou não, com honestidade?

O meio por ele indicado não era o único viável?

Procurando fazer o que estava ao seu alcance, comprou todos os estoques que os comerciantes do Juazeiro ainda conservavam e mandou fundi-las por pessoa de sua confiança; e do povo conseguiu grande quantidade e fez entrega ao atual bispo do Crato e ao vigário da paróquia.

Eu de tudo isso dou meu testemunho pessoal, porque a seu

pedido, por meios convincentes, obtive muitas dos que relutaram em entregá-las.

Nessa ocasião ouvi ponderações mui judiciosas de muitos ignorantes.

Alguns, de Alagoas e Pernambuco, especialmente, disseram-me que se admiravam de se querer proibir que usassem a medalha com o retrato do padre Cícero, quando nas suas terras ninguém impedia o uso das de Floriano Peixoto, Dantas Barreto e de outros homens.

E afirmavam que a relutância deles em entregá-las ao vigário de Juazeiro e das demais paróquias, era porque quando eles as exigiam, eram com grosserias e acusações ao padre Cícero.

Alguns me informaram que haviam sido enxotados do confessionário e ficado sem absolvição.

Não me foi difícil compreender o motivo que impedia a obtenção das referidas medalhas com facilidade.

Penso que o melhor meio de se convencer um ignorante, principalmente sertanejo, é pela brandura, pelos bons modos. (17)

A propósito da vantagem da prudência em tais casos, Sr. Presidente, passo a relatar o seguinte: Certo matuto do sul do Ceará, desde muito moço, vivia em lutas contínuas com os vigários da paróquia onde residia. Conheci-o já com cerca de setenta anos de idade, mas sempre trampolineiro, envolvido sempre em questões de terras, continuando, de modo apurado, o que foi quando moço. E a causa era não querer entregar aos herdeiros do sogro, que ele enganara em vida, os bens dos quais indevidamente se apossou.

---

(17) O padre Cícero, certa vez, informado de que o então vigário de Juazeiro desumanamente deixara sem absolvição de hora extrema uma moribunda, porque se negara a entregar-lhe uma dessas medalhas, às duas horas da madrugada, fora, levado pela caridade cristã, absolvê-la, obtendo, ao mesmo tempo, o objeto: porque assim o fez, recebeu do atual bispo uma portaria cheia de *considerandos*, um dos quais encerrava a ameaça de excomunhão.

Por não ser bem versado no assunto, deixo que os entendidos digam se a Santa Igreja estabelece pena tão grave a um padre por praticar um ato de caridade cristã.

Quando os vigários lhe tocavam no assunto, com eles se intrigava por algum tempo e deles dizia o que "Mafoma não disse do toucinho". Causava pena vê-lo nessas fases.

Um vigário, porém, de freguesia vizinha, que o conhecia por demais, aconselhou o colega que procurasse "amansar o bruto" sem lhe falar sobre o caso.

Efetivamente, depois desse conselho, o vigário começou a visitá-lo, convidá-lo para almoçar quando ele ia à missa, a fazer batizados e casamentos em casa dele, quando em desobrigas paroquiais, e a cotizá-lo sempre em menores quantias, quando havia festas.

O resultado é que dentro de pouco tempo, o patife voluntariamente confessou toda a sua *mergueira* e restituiu em dinheiro, com juros regulares, o que pertencia aos herdeiros do sogro. (18)

E, como este, há numerosos casos

O padre bom, prudente e delicado tudo consegue do sertanejo, que o respeita, ainda que aquele mesmo seja de vida a mais irregular.

Há um vigário, do meu conhecimento, que é o maior flagelo dos seus paroquianos e que traz a sua paróquia em constante

(18) Ainda para provar a vantagem da prudência para se conseguir chamar um individuo à razão, entre outros casos, poderei citar o seguinte, do qual fui testemunha:

Um chefe político de um dos municípios do Cariri, homem de grande prestigio e por demais autoritário, em 1909, fez recolher parte do seu gado de leite ao roçado de um dos seus rendeiros, que ainda conservava todo o milho *virado*, bem como o algodão em plena produção.

O pobre lavrador temendo fazer alguma reclamação ao autor, foi ao Juazeiro e queixou-se ao padre Cícero.

O padre, não obstante ter a certeza de que o tal chefe era o autor da perversidade, disse ao queixoso não ter sido o dono da terra, mas sim algum perverso.

Fê-lo esperar e foi escrever uma carta ao chefe, mais ou menos nos seguintes termos:

"Meu bom amigo F.

Informado de que um perverso, sem que V. soubesse, recolheu algumas reses ao roçado deste pobre homem, portador da presente, fazendo grande estrago na plantação do mesmo, peço ao meu bom amigo, que é homem temente a Deus e incapaz de consentir semelhante perversidade, que providencie com urgência."

polvorosa. (*Risos*).

É a alma do *fuxico*; pois em todas as questões o seu nome está em foco. (*Risos*).

E quando os casos se complicam e a gravidade das conseqüências de sua ação perniciosa é manifesta, ele banha-se em prantos, alegando a sua qualidade de ministro de Deus, o que basta para ser perdoado e continuar à sombra do respeito de todos.

Conheci um outro padre que desde moço se caracterizou por contador, sem reservas, de anedotas indecentes, e não cessava, quer suspenso, quer no uso de ordens, de injuriar os bispos e brigar com os párocos da freguesia em que residia, conseguindo até expulsar alguns com ameaça.

Ameaçava a quem quer que o contrariasse, com um bacamarte por ele denominado "Castainho" e que algumas vezes o conduzia ao cabeçote da cela, em viagem, e ostentava à cinta um grande e afiado punhal que dizia ser a "Unha do Padre Eterno..."

O Sr. Eloy Chaves – Como era o nome?

O Sr. Floro Bartholomeu – A "Unha do Padre Eterno". (*Risos*).

O Sr. Cardoso de Almeida – Era interessante. (*Risos*).

O Sr. Floro Bartholomeu – ... com o qual, certa vez, em seu próprio sítio, acovardou o célebre facínora Antônio Silvino, por suspeitar, aliás sem fundamento, que este pretendia casar com uma de suas filhas.

Ainda assim, era por todos obedecido.

Continuação (18) O padre depois que o homem se retirou, disse-me: foi o próprio chefe quem mandou fazer isso, mas agora eu quero "fazer do ladrão fiel".

Conclusão: o coronel, quando recebeu a carta, simulando ignorar o fato, imediatamente mandou retirar o gado, dizendo castigar severamente quem assim houvera procedido.

O pobre lavrador ouvindo o padre dizer que não fora o coronel e assistindo este providenciar sem demora, ameaçando castigar o culpado, voltou ao Juazeiro, e disse àquele: "Bem meu padrinho disse que não foi o coronel; pois este mandou logo retirar o gado e garantiu que castigava o perverso".

. E só quem não conhece o interior ignora o prestígio de qualquer padre.

O sertanejo somente briga, Sr. Presidente, por cachorro, por terra ou pela mulher; no entanto, em casos de suspeita de adultério, os padres, por piores que sejam, conseguem o perdão da vítima e a reconciliação do casal, mediante retirada do acusado de conquistador.

Ora, Sr. Presidente, se é uma verdade o que afirmo; se os romeiros do Juazeiro são sertanejos também; se como os demais são vulneráveis a delicadeza, – porque, então, se preferir o mau trato, a grosseria, o insulto e a injúria para demovê-los de qualquer irregularidade?

Estou certo que se eles vissem o padre Cícero prestigiado, sem sofrer perseguições, necessariamente não hesitariam em atender a todas as exigências.

O que eles não admitem, e têm razão de sobra, é que se lhes imponha não estimarem o padre Cícero.

Para intencional desmoralização desse virtuoso sacerdote os seus gratuitos inimigos não escolhem os meios.

Ainda hoje fazem crer que ele é um grande agiota, e está milionário com os produtos da agiotagem.

Não sei como o Sr. Moraes e Barros não citou que o padre Cícero era um grande agiota, pois é uma das versões que os adversários fazem circular.

Aproveito o ensejo de esmerilhar essa história para que S. S. em outra qualquer ocasião não me obrigue a vir explicá-la.

É muito comum indivíduos abastados de outros Estados irem fixar residência definitiva em Juazeiro.

Entre outros, poderia apontar o Sr. coronel Manoel Fernandes, homem rico, proprietário de diversos engenhos no município de Viçosa, Estado de Alagoas, antigo correligionário do meu ilustre colega o Deputado Euclides Malta. Esse homem, antes de ir ali morar, de dois em dois anos, acompanhado de mais de cem pessoas, com uma numerosa banda de música, tinha por devoção fazer romarias a Nossa

Senhora das Dores, em Juazeiro.

Lembro-me bem que certa vez conduziu um grande pau com cem palmos de comprimento e uns três de diâmetro, carregado pelos companheiros nos próprios ombros, para a obra da igreja.

Mas, como ia dizendo, esses cavalheiros quando ali chegam com o intuito de fixarem residência, antes de se estabelecerem, entregam ao padre Cícero o dinheiro que trazem, mediante recibo, para que, no caso de aparecer alguém que pretenda alguma importância a juros, poder aplicá-lo.

Porque o Cariri é uma zona agrícola e os agricultores, na maioria, são pobres, essas negociações são feitas constantemente.

De maneira que o padre Cícero muitas vezes é delas o intermediário.

Não tem sido muito feliz, porquanto alguns trampolineiros o tem feito pagar, do seu bolso, aos respectivos donos, importâncias que, sob a garantia, foram emprestadas.

Se não fosse cacetear os meus colegas, eu citaria alguns casos nos quais indivíduos porque as suas letras não foram protestadas em tempo, constituírem advogados para não pagarem, sendo o padre obrigado a embolsar os que deram o seu dinheiro.

Não são comuns no interior esses *caloteiros*, como nas cidades adiantadas, todavia, como exceção, às vezes aparecem.

Admitindo-se, porém, que o padre Cícero, com o intuito de auxiliar os agricultores, desse dinheiro a juros, que por lá são de um e dois por cento, ao mês, em que falta podia incorrer, se conheço padres graduados que estão ricos por meio desse negócio e todos sabem da existência de Bancos católicos para o mesmo fim?

Eis, portanto, Sr. Presidente, relatados, nas suas minúcias, alguns fatos pelos quais se há feito a enorme campanha de difamação do padre Cícero.

Por acaso eu me traí na minha exposição, trazendo argumentos capciosos, discutindo com subterfúgios?

Vários Srs. Deputados – Absolutamente, não.

O Sr. Domingos Barbosa – V. Ex. está discutindo com precisão e honestidade.

O Sr. Augusto de Lima – Como é de seu costume.

O Sr. Tavares Cavalcanti – É uma obra de justiça que V. Ex. está fazendo.

O Sr. Floro Bartholomeu – Perfeitamente.

O Sr. Gentil Tavares – Quem diz a verdade não precisa de subterfúgios.

O Sr. Eloy Chaves – A maneira por que V. Ex. discute os assuntos, nesta Casa, agrada a todos nós. (*Apoiados*).

O Sr. Floro Bartholomeu – Muito obrigado.

O Sr. Gentil Tavares – Não tem o que agradecer, porque essa é a verdade.

O Sr. Floro Bartholomeu – Tenho a certeza de que assim não procedi; e não me seria honroso agir de outra maneira, visto ser o meu único interesse reabilitar o nome de um brasileiro ilustre, de um sacerdote exemplar.

Por tudo que hei afirmado ninguém poderá contestar que o padre Cícero haja concorrido para estar suspenso de ordens e repelido pela sua classe; muito ao contrário, os seus atos lhe dão direito a melhor destaque.

É por demais conhecido o recurso da caridade cristã para perdoar as faltas gravíssimas dos padres e frades que perdem a noção das suas responsabilidades.

Citarei alguns casos interessantes em apoio à minha asseveração.

Quando cheguei a ter uso de razão, ouvi dizer que na Bahia, minha terra natal, houve um frade franciscano, conhecido por frei Bastos, homem de talento, cultura e de rara eloqüência na tribuna sacra, que conheceu e praticou todos os vícios.

Chafurdou-se tanto no lodo das misérias humanas que a sua história corre igualmente com a de Bocage, na sua vida de bordéis.

Conta-se que certa vez, achando-se recluso em uma das celas do convento, como castigo, por ordem do provincial, e sabendo que o

arcebispo D. Romualdo Antônio de Seixas ia pontificar uma das missas no respectivo templo da Ordem, compôs um belo soneto, no qual, confessando as suas culpas, implorava o perdão da sua soltura.

Aquele notável príncipe da Igreja, cujas virtudes e austeridade nunca foram postas em dúvida, ficou tão compadecido, que não hesitou em atendê-lo. (*Apoiados*).

E como o provincial se negasse a satisfazer o pedido, ele, D. Romualdo, insistiu, estabelecendo como condição do seu comparecimento, a liberdade do frade, no que foi, por fim, satisfeito.

Quem não verá nesse piedoso gesto de D. Romualdo um dos seus numerosos atos de caridade cristã? (*Apoiados*).

Frei João do Pedrão, frade carmelita, cuja fama de crueldade para os escravos era comentada com escândalo; que mantinha em um sobrado, defronte do convento, uma numerosa família, resultado de uma união ilícita; que muitas vezes da janela ou da porta do mesmo convento, empunhando um grosso *marmelo* que lhe servia de cajado, ameaçava de espancamento, com palavras indecentes, os moços que ele supunha namorados de suas filhas; que em minha presença, à Baixa dos Sapateiros, lá mesmo na Bahia, tentou alisar seu bordão no espinhaço de um rapaz; que insultava a todo o mundo, que agrediu frei Innocêncio, o seu provincial, na sua própria cela, exigindo dinheiro, nem que fosse mediante a venda de alfaias da mesma ordem, motivo por que este, desgostoso, se retirou para o Recôncavo, onde faleceu (19); que, conforme ele próprio nos confessou, na Farmácia Falcão, ameaçou a monsenhor Tonti, o Núncio Apostólico, de, entre outros escândalos, conduzir de hábito, uma carroça de lenha, em plena rua, se fosse privado de suas ordens; que fez, enfim, muito mais do que eu estou citando, – teve como recompensa o próprio Núncio determinar que lhe fosse concedida pelo convento uma diária de cinco mil réis, sem prejuízo dos demais lucros como sacerdote.

---

(19) Pode dar melhor testemunho do que afirmo o Sr. Aloysio Silva, 3º escriturário da Caixa de Amortização, e atualmente residente em Petrópolis, que foi quem escreveu a queixa ao arcebispo para o frei Innocêncio assinar.

E aquele Núncio, o representante do Papa, assim o fizera para estimular a ruindade de frei João do Pedrão?

Não é possível; foi também por caridade cristã.

E quantos outros padres daquela mesma diocese, cujos nomes, em número incalculável, eu poderia tornar público neste momento, porque os conheci e de tudo sei, que eram useiros e vezeiros em todas as faltas ofensivas a Deus e a moral, dos quais alguns sofreram leves castigos e outros faleceram no pleno gozo dos seus direitos sacerdotais e em alto destaque?

E dir-se-á que bispos, como D. Luiz dos Santos e D. Jeronymo Thomé, ornamentos do episcopado brasileiro, que honram a Igreja pelo saber e pelas virtudes, os tolerassem por coniventes nos seus desregramentos?

Hão de convir que também era da caridade cristã que esses dignos prelados lançavam mão para evitar a perdição absoluta daqueles seus subordinados.

Ora, Sr. Presidente, se a caridade cristã, uma das mais belas manifestações da Igreja, se justifica para com os sacerdotes que se enlameiam nas impurezas do mundo, que concorrem para a corrupção dos fiéis e da sociedade, com gravíssima violação dos princípios da nossa religião, – como não ser ela dispensada ao padre Cícero que, em virtudes sacerdotais e pessoais, não é excedido por nenhum outro? (20)

Esta é que é a verdade, Sr. Presidente; e quem o diz, sem o querer, são os padres e os próprios bispos que o conhecem, quando classificam sua honestidade pessoal de incontestável castidade. (21)

O Sr. Augusto de Lima – Penso que a castidade é a maior virtude de um sacerdote.

---

(20) O padre Cícero, ainda hoje, com setenta e oito anos de idade, leva até duas e três horas da madrugada, ao relento, a confessar os moribundos, em número aliás considerável, que lhe são trazidos em redes, à porta de sua residência.

Vários Srs. Deputados – Apoiado.

O Sr. Floro Bartholomeu – Entretanto, em relação ao padre Cícero, para a sua classe, essa virtude não tem nenhum valor.

Um Sr. Deputado – Se não tem na terra, terá para Deus.

O Sr. Floro Bartholomeu – É contra este contraste evidente que trago o meu espírito de cristão em contínua revolta; pois não me é possível conceber, como ato lícito, que algum representante da Santa Igreja recompense o mal com o bem e o bem com o mal.

Por pensar desta maneira foi que me decidi, aproveitando o ensejo proporcionado pelo Sr. Moraes e Barros, a dar conhecimento ao país e a todo o clero, que tudo ignora, da vida do padre Cícero, das suas benemerências, a fim de que não mais seja considerado um desprezível, um embusteiro e um tartufo, como fazem crer, por mero despeito, os seus infelizes perseguidores.

O Sr. Simões Lopes – V. Ex. deve agradecer o ensejo que proporcionou o meu amigo Dr. Moraes e Barros.

O Sr. Floro Bartholomeu – É verdade; todo mal traz um bem.

O Sr. Simões Lopes – Por que do contrário V. Ex. não teria o ensejo de fazer justiça ao padre Cícero, que todos nós consideramos um homem de bem.

O Sr. Floro Bartholomeu – Agradeço a V. Ex. a honrosa referência a esse meu bom amigo.

O Sr. Domingos Barbosa – É um ato de justiça a defesa de V. Ex. ao padre Cícero.

O Sr. Floro Bartholomeu – E por ser um ato de justiça é que estou resolvido a fazer chegar este meu discurso em toda a parte onde haja quem saiba ler.

Vários Srs. Deputados – V. Ex. faz muito bem.

O Sr. Floro Bartholomeu – E o farei sem temer as investidas

---

(21) Quantos padres, nos tempos que correm, podem ter a sua honestidade pessoal, considerada como incontestável castidade? A dificuldade para encontra-los talvez seja maior que a de Diógenes em achar um amigo.

dos que o perseguem francamente ou à socapa; nem dos que o aplaudem por inconsciência ou por interesses inconfessáveis.

O Sr. Gentil Tavares – V. Ex. faz muito bem.

O Sr. Floro Bartholomeu – Quando me externo desta forma é porque não receio contestação séria.

Se não apresento os documentos que possuo e não evidencio com mais clareza certos casos, é tão somente para não promover maior escândalo. Entretanto, se aparecer quem eu julgar autorizado e seja digno de minha resposta, voltarei ao assunto.

Não responderei a "testas de ferro", a esses tipos sem responsabilidade, que se prestam a todos os papéis.

Um Sr. Deputado – Com gente deste jaez não se deve perder tempo. (*Apoiados*).

O Sr. Floro Bartholomeu – O Sr. Moraes e Barros não quis reconhecer algo de gentileza do padre Cícero em hospedá-lo, bem como a comitiva, na casa de um amigo ausente, que é a da minha residência, por ser a maior e a mais confortável; e por isso disse não ter aquele sacerdote assim feito na sua própria casa, "para evitar a invasão dos crentes".

É bem certo o que proclama a sabedoria popular: "ninguém deve estragar sua boa cera com defunto ruim".

Refiro-me a esses pequenos detalhes da conferência aludida, para bem acentuar a ruindade do conferencista.

Vejam os meus ilustres colegas o que disse ainda o Sr. Moraes e Barros:

> "Não vai distante o tempo em que com os seus cangaceiros e fervorosos adeptos, pôs em cheque o prestigio do governo estadual (22). Ainda agora, quando escasseia a mão de obra nas açudagens e estradas é ao padre Cícero que recorrem os chefes de serviço e quem a supre por unidades de mil. Só mesmo

os que conhecem a precariedade e inconstância do trabalhador caboclo, podem ajuizar, do alcance dessa terrena providência.

Outra forma da ação benéfica do padre manifesta-se pela sujeição imposta aos bandoleiros que naquelas paragens de dificuldades para a trabucação honesta da existência, exercem o banditismo como profissão normal.

Tal sujeição é real e de fácil verificação, ao passo que no Nordeste são raras as manifestações do cangaço, nos sertões da Bahia, de Pernambuco e do Piauí, onde a influência do padre Cícero se faz sentir mais diluída, a propósito de tudo e, mesmo sem propósito algum, multiplicam-se as incursões desses aventureiros.

Também foi em Juazeiro que

---

(22) Apesar de todo o país saber que a revolução de Juazeiro foi um movimento de ordem política, com o qual foram solidários moralmente os altos poderes da República e que eu fui o incumbido de chefiá-la pelos chefes políticos, e que unicamente dirigi toda a ação, ainda há quem, por má fé, queira dar a responsabilidade ao padre Cícero.

Algumas pessoas afirmam, não sei se com fundamento, que os atuais arcebispos de Fortaleza e o bispo do Crato deram comunicação a Roma que o padre Cícero fizera uma revolução, que produziu a morte de muitos cristãos, pedindo ao mesmo tempo a excomunhão para ele.

Devo dizer, entretanto, que nunca acreditei em semelhante versão, porque não julgo esses prelados capazes de um ato tão iníquo, qual seja o de, no exercício dos seus elevados cargos, recorrerem à mentira e à calúnia, cometendo grave pecado, iludindo e abusando da boa fé das supremas autoridades da Santa Igreja, com o vil intuito de perseguir, pelo despeito injustificável, um sacerdote que honra a sua classe.

E continuo a pensar desta maneira, enquanto não aparecer prova em contrário.

encontramos notícia de escolas para crianças em número ponderável. Alhures, elas não passam de fábula".

Será possível que não se saiba ainda hoje que fui eu o chefe da revolução do Juazeiro e o único responsável por ela?

Já está por demais repisado este caso.

Esse movimento que, por motivos de ordem especial, fiz irromper no Juazeiro, não foi nem podia ter sido sustentado somente por cangaceiros e por fervorosos adeptos daquele sacerdote, porquanto, com a causa que o determinou, estava grande parte da população cearense, constituída dos correligionários do grande partido em oposição ao governo, partido então chefiado pelo atual Ministro da Viação, Sr. Francisco Sá, então Senador da República, e pelos ex-Deputados Federais Thomaz Cavalcante e Virgílio Brígido.

Esse não foi um movimento sedicioso, uma mazurca, enfim um concluio de bandidos e fanáticos; basta lembrar, neste momento, que no Senado ou em uma entrevista ao *País*, naquele tempo, o atual Ministro da Viação classificou-o de "nobre reação civil contra o militarismo impenitente".

É certo que tanto nas nossas hostes como nas do governo, que nós combatíamos, havia um número relativamente pequeno de indivíduos dignos do nome de cangaceiros, elemento, aliás, indispensável nesses períodos de agitação; mas também não há quem conteste que em ambos os grupos de lutadores, a maioria era de homens de bem, de todos as classes sociais que se viram coagidos a pegar nas armas.

Não vimos, no ano passado, homens de responsabilidade, em Fortaleza, armarem-se para reagir contra os inimigos da ordem que tentavam depor o saudoso Presidente Serpa.

Já estaremos esquecidos de que, mais ou menos, nessa época, em Recife, os políticos amigos do Senador Borba e os dos Srs. Pessoas de Queiroz, homens de posição social definida, estiveram na cartucheira para o que "desse e viesse?"

Não estamos vendo o que agora mesmo se passa no Rio Grande

do Sul, onde, nos sangrentos combates, ao lado dos "oficiais de caveira" estão engenheiros, médicos, bacharéis, capitalistas, enfim, homens de notória respeitabilidade e a flor da mocidade gaúcha?

Porventura, o nosso digno colega, Deputado Antunes Maciel, será um cangaceiro porque estava no acampamento com seus amigos revolucionários, de arma na mão, e que tem declarado que, se não fosse indispensável sua presença aqui, lá estaria combatendo?

Devemos ser sérios e, sobretudo, criteriosos.

O ilustre conferencista, sempre mal informado, engana-se quando acentua que "se escasseia a mão de obra nos açudes e nas estradas, é que o padre Cícero supre por unidades de mil", e que "aquela falta é devida à precariedade e inconstância do trabalhador caboclo".

O Sr. Moraes e Barros "ouviu o galo cantar, mas não soube onde ele cantou"; foi o motivo porque não contou a história tal qual devia ser contada.

Os trabalhadores dos açudes e das estradas no Nordeste, são quase todos do Juazeiro e, com raras exceções, são todos caboclos; e, pode V. Ex., Sr. Presidente, acreditar que, se não fosse a gente daquela terra seria necessário importar emigrantes estrangeiros. (23)

Não tenho dúvida de que o maior prejuízo de S. S., na exposição do que lhe informaram, têve por causa única a maldita literatura.

Com franqueza não consegui entender bem o seguinte período da sua conferência:

---

(23) Se não fosse a população do Juazeiro, a cultura do algodão de parte do sertão da Paraíba desapareceria.

Anualmente, na época da colheita, seguem para os municípios de Souza, Cajazeiras, São João do Rio do Peixe, São José de Piranhas e outros, cerca de cinco mil pessoas, na maioria mulheres.

É um fato conhecido e que não pode ser contestado.

Os lucros são acentuados, não só para os lavradores daquela região, pelo aproveitamento do algodão, como também para os romeiros de Juazeiro, pelo dinheiro adquirido no trabalho honesto, útil e patriótico.

"... a ação benéfica do padre Cícero manifesta-se pela sujeição imposta aos bandoleiros que naquelas paragens de dificuldades para a trabucação honesta da existência, exercem o banditismo como profissão normal".

Eu não apreendi a significação que S. S. quis dar à expressão – "trabucação honesta".

Será que "trabucação honesta" é a honestidade de vida por meio de trabuco? Seria um paradoxo.

Será que "trabucação honesta" é o viver honesto?

Neste caso, se o padre Cícero impõe sujeição a esses bandoleiros, eles não podem, ao mesmo tempo, exercer o banditismo como profissão.

S. S. escreveu esse trecho no sistema do sujeito que dizia: "eu escrevo como entendo e cada um entenda como puder".

Mas isso quase sempre acontece a quem se mete a literato, e se anima a escrever sobre o que não sabe, nem é possível conhecer.

Porque, se não fora isso, S. S. repetiria comigo que no Juazeiro não há bandoleiros, vivendo da "trabucação honesta", nem da "trabucação desonesta", nem tampouco "exercendo o banditismo como profissão normal".

É uma deslavada mentira que S. S., por informações tendenciosas, não devia ter reproduzido em um documento público.

E não há banditismo como profissão normal: porque o padre Cícero, sacerdote de costumes irrepreensíveis, não daria abrigo aos bandidos; porque o Juazeiro é uma comarca cujo juiz de direito é um magistrado íntegro, incapaz de patrocinar crimes e tipos tão ignóbeis; porque igualmente a ele, as demais autoridades policiais saberiam agir

dentro da lei, perseguindo-os; porque nos meios policiais essa gente não se localiza; e porque não há notícia de um fato sequer que permita semelhante conceito.

Tanto não há por lá, nem pelo Cariri, esta casta de malfeitores, que não se registra um assalto a viajantes, apesar de ser uma região constantemente percorrida por negociantes e caixeiros de casas comerciais das capitais, portadores de avultadas somas em dinheiro. (24)

Se esse fato não prova ausência de bandidos, só perguntando "aos sábios da Escritura pelos segredos da natura".

Entretanto, no trecho imediato ao que acabei de analisar. S. S. se contradiz, afirmando que no Nordeste, região da qual faz parte o Juazeiro, são raras as manifestações do cangaço.

Mas, no mesmo período, S. S., sem saber como se explicar, em um verdadeiro "beco sem saída", declara: "nos sertões da Bahia, de Pernambuco e do Piauí, onde a influencia do padre Cícero se faz sentir mais diluída, a propósito de tudo e sem propósito algum, multiplicam-se as incursões desses aventureiros".

A primeira vista parece que S. S. quis provar que as incursões de bandoleiros, nesses três Estados se dão porque a "ação benéfica do padre", não se estende eficientemente até lá, pela distância; mas, refletindo-se bem, sobre a maneira como S. S. concluiu o mesmo período, isto é, "multiplicando-se as incursões desses aventureiros", fica-se a crer que esses aventureiros são os mesmos bandoleiros já referidos por S. S., como existentes em Juazeiro.

Ora, se o padre Cícero aceita bandidos dos sertões vizinhos e, "por uma ação benéfica" lhes impõe sujeição tal que eles abandonam

---

(24) Devo afirmar, a bem da verdade, ainda que os *puritanos* julguem digno de censura, que os homens de responsabilidade daquele sertão cearense consideram ação realmente saneadora o assassinato desses bandidos e protegeriam com satisfação, caso existissem, os que, de quando em vez, os mandassem para o outro mundo.

para sempre o cangaço, ficam morigerados, não prejudicam a ninguém nem fazem incursão em nenhum Estado;
se o padre os recebe e os tolera, mantendo-os à socapa do cangaço, não precisam dali sair para nenhum outro lugar, onde possam ser perseguidos; se, finalmente, o padre os mantivesse em Juazeiro, em absoluta sujeição, sem mal nenhum fazerem, na expectativa, porém, de aproveitá-los em incursões em outros Estados, – todo mundo o saberia e o padre seria mais bandido que eles.

Salvo se S. S. quis dizer, mas não soube se exprimir bem, que esses aventureiros são de outros Estados e não de Juazeiro.

Seja como for, o que fica demonstrado, e de maneira positiva, é que o ilustre conferencista, elogiando o padre Cícero, bordou o elogio com referências injuriosas. (*Risos*).

Desses bem intencionados, repito, é que "o Inferno está cheio". (*Risos*).

A verdade, no entanto, é a seguinte: os únicos bandidos do Nordeste, desses últimos tempos, foram Praxedes Verdegé Cardoso, assassinado em Tauá, no Ceará; Antônio Silvino, recolhido a penitenciária de Recife; Luiz Padre, enclausurado, por último, na cadeia de Natividade, em Goiás; e Sebastião Pereira, seu companheiro, ainda solto por aquelas bandas. Nunca pisaram no Juazeiro. (25)

Veja bem, V. Ex., Sr. Presidente, a terra a que o Sr. Moraes e Barros se refere como sendo de bandidos, que fazem incursões nos demais Estados, é justamente aquela onde eles jamais estiveram.

E leia-se uma história do sertão escrita pelo Sr. Moraes e Barros e outros do seu estalão.

---

(25) No ano de 1920, no governo Serpa, apareceu em Juazeiro o célebre facínora da Paraíba, Manoel Campos, que havia assassinado, pouco meses antes, o chefe da cidade paraibana, Misericórdia, o major Nitão, com o fim de ali homisiar-se, à sombra do seu parente, o comerciante Ladislau de Arruda Campos.
Fi-lo prender pela força local e comuniquei ao governo do Estado.
Chegando em Fortaleza, foi posto em liberdade, em virtude de *habeas-corpus*.
Neste caso foi a própria lei que protegeu o seu violador.

Encontramos no mesmo capítulo, as seguintes palavras do conferencista: "Também foi em Juazeiro que encontrei a notícia de escolas para crianças, em número ponderável, mas que, para muitos não passa de fábula".

Eu poderia responder que, se o Juazeiro, com uma população de mais de trinta mil almas, não tem número de escolas suficiente para educação das crianças, a culpa não é do padre nem do povo, mas tão somente do governo.

Realmente, as escolas oficiais são quatro – duas do Estado e duas do município; entretanto, o padre para suprir essa falta lança mão de meios compensadores.

De acordo com o seu modo de encarar o problema, desde que ele ali chegou, foi aproveitando as pessoas pobres que sabiam ler e escrever regularmente e delas fazendo mestres-escolas.

Escusado é repetir que o pagamento pelo trabalho desses beneméritos era e continua a ser feito com o seu dinheiro.

Por este meio espalhou escolas por toda a cidade, escolas estas que são bem freqüentadas pelo fato das crianças a elas comparecerem com o traje de uso costumado e às horas de folga do serviço.

Ainda ali existe um bacharel em direito, moço inteligente, e preparado, irmão de um vigário da Paraíba, religioso em extremo, cuja crença o reduziu a uma vida mística e que tem um colégio onde são ensinados não só o curso primário como também o secundário. Esse colégio começou auxiliado pelo padre e hoje, muito freqüentado, tem regular remuneração dos seus discípulos.

Não serei capaz de, exagerando, sustentar, que essas escolas do padre Cícero, apesar do número elevado, sejam bastantes para a educação de todas as crianças dali; mas, é certo que dão excelente resultado e constituem testemunhos verdadeiros da ação humanitária e patriótica daquele sacerdote.

Essas escolas também são freqüentadas por adultos, à noite, os quais, para poderem ser eleitores, tomaram essa resolução.

Posso invocar o testemunho do Sr. Daniel Carneiro, meu colega de bancada, que assistindo a última eleição federal ali, viu não haver um eleitor votar sem assinar o nome.

Se não têm boa caligrafia nem por isso fazem exceção, porquanto até letrados não na possuem.

Será possível exigir-se mais, neste terreno, daquele padre, quando se sabe haver municípios do interior com oito e dez léguas de extensão, com três ou quatro escolas oficiais?

Não me deterei na análise das reformas de instrução do nosso país, para não ser tido como "oficial de obra feita"; apenas declaro que quanto mais modernas produzem piores efeitos.

Era de esperar que o Sr. Moraes e Barros, sobre este assunto, lembrasse alvitres aceitáveis; entretanto, nada adiantou.

Vejamos Sr. presidente, e meus dignos colegas, o recurso do conferencista para tornar a sua conferência um bom desopilante do fígado dos seus caceteados ouvintes.

Ouvindo de alguns idiotas ou maldizentes algumas anedotas ou casos absolutamente deturpados, com a mesma inconsciência dos informantes, as repetiu do seguinte modo:

> "Em contraposição contam-se do adorado padrinho coisas do arco da velha. Dentre as muitas, vem a pelo a história de um touro zebu com que foi ele presenteado, o qual, ao cabo de pouco tempo fazia de boi Apis... A princípio levaram-lhe oferendas de milho e capim; depois, de flores e fitas, em festões votivos; e, por fim, ante ele prosternavam-se os romeiros gastando-lhe os cascos como na basílica do Vaticano ao artelho maior de Cristo, passando após a beijar-lhe as respeitáveis barbelas e o

morrudo emblema da raça. A ilustre representante da nação, que navega nas águas políticas do Juazeiro deve-se a extinção do giboso "fetiche", que ameaçava implantar-se como símbolo da redenção.

Outra que nos chegou aos ouvidos, foi o engenhoso truque empregado pelo Messias do Cariri, em prol do cultivo de suas terras. Como são abundantes os braços masculinos no local, em uma semana são convocados os Manueis para a lida na sacerdotal lavoura. E, no instante, crismam-se todos em Manoel. Na semana seguinte é a vez dos Joões e todos transformam-se em João.

E assim, vai ele repassando durante o ano o calendário cristão, proporcionando ocupação útil, e a preço conveniente à sua gente que, de outro modo cavaria o – "pannis et circensi", pela boca dos trabucos".

Essa história do "touro zebu", não é semelhante a do "Boi Apis", nem esse pobre animal, que não pôde escapar, mesmo depois de morto, a ação viperina da língua de S. S., corria risco de se implantar como "símbolo de redenção".

Eu a contarei para S. S. saber repeti-la, amanhã, já que, referindo-se a mim, afirmou que "a um representante da nação, que ali navega em águas políticas, se deve a extinção do giboso fetiche".

Portanto, se S. S. declarou que fui eu quem extinguiu o suposto novo ídolo, somente eu poderia explicar o caso.

Vai para uns 23 anos que certo amigo ofereceu ao padre Cícero um bonito garrote, mestiço de zebu, por ser raça ainda não conhecida naquele meio.

Na impossibilidade de criá-lo dentro da cidade, confiou o tratamento do animal a um negro, de nome Zé Lourenço, residente no sítio "Baixa Dantas", do município do Crato.

Esse preto, quando ali chegou, já era "Penitente em sua terra", isto é, fazia parte de uma associação oficiosa, fundada pelos antigos missionários e ainda hoje tolerada por um ou outro padre.

O intuito desses "Penitentes" era, sem prejuízo dos seus trabalhos, uma ou outra noite da semana, à hora alta, reunidos em grupo avultado, e em trajes de amortalhados, rezarem ofícios pelas almas nos cemitérios e junto às cruzes das sepulturas nas estradas do sertão. Essa prática era intercalada das "disciplinas", isto é, eles com uns aparelhos especiais, que os antigos padres inventaram, se feriam superficialmente nas costas. E os missionários davam o exemplo.

No Crato e em todo o Cariri, até certo tempo, padres como Felix de Moura, monsenhor Monteiro, Felix Arnaud e outros assim faziam.

O padre Cícero foi quem acabou, no Juazeiro, com o uso ostensivo.

Depois das perseguições religiosas ao padre Cícero, começaram a fazer circular que Zé Lourenço, não tendo mais vida de penitente, abusava da crendice do povo, apresentando o "touro como autor de milagres".

Então se dizia que a urina do animal por ele era distribuída como eficaz medicamento para todas as moléstias, que dos seus cascos eram extraídos fragmentos para, em pequenos saquinhos serem pendurados ao pescoço, como relíquias, à moda do Santo Lenho; que todos se ajoelhavam em adoração diante do touro e lhe davam a beber mingaus e papas; enfim, tudo que uma alma perversa possa conceber.

Quando se procurava apurar a verdade, ninguém sabia informar, a começar pelos proprietários do sitio onde Zé Lourenço residia e trabalhava como rendeiro.

Os padres, não sei sob que fundamento, repetiam essas banalidades.

O padre Cícero, não obstante estar convencido da mentira, por diversas vezes tentou vender o animal; mas, não só Zé Lourenço, como também cavalheiros respeitáveis o impediam, fazendo sentir que além de ser inverdade o que espalhavam, o animal era um bom reprodutor e estava melhorando a raça do gado ali.

Por isso mesmo todos os grandes e pequenos, o tratavam com carinho, mesmo porque era muito manso, donde veio a ser conhecido por "Mansinho".

Aconteceu que em um dos meses do ano atrasado, na ladeira do Horto, se deu um conflito entre um doido e alguns indivíduos conhecidos por "Penitentes" e o inspetor policial do quarteirão.

Havendo ferimentos, foram presos os implicados por crime de natureza leve.

De acordo com o padre Cícero, procurei, por meios brandos, conseguir acabar com a prática dos atos dos "Penitentes".

Os próprios "Penitentes" concordaram com a minha resolução entregando-me, para serem queimadas, as vestes apropriadas que ainda possuíam e as respectivas cruzes, as quais mandei queimar no cemitério.

Eles me informaram que às vezes, praticavam aquele ritual pelo hábito de suas terras, com o consentimento dos vigários e na intenção de sufragarem as almas do Purgatório, o que realmente não me era estranho.

Alguns amigos aconselharam-me nessa ocasião que eu desmascarasse os que acusavam Zé Lourenço de prática de feitiçaria.

Respondi-lhes nada poder fazer, em virtude de ser ele morador no município do Crato.

Não sei quem informou o mesmo Zé Lourenço de que eu ia mandar prendê-lo.

O negro, supondo exata a notícia, no terceiro dia

apareceu em minha residência. Foi quando o conheci pessoalmente.

Mandei prendê-lo, e, apesar das suas declarações, dele obtive a promessa de ir morar no Juazeiro, para evitar os boatos.

Ao mesmo tempo fiz vir o touro, e, de acordo com o padre, vendi-o para o corte, sob a condição de ser abatido pelo comprador em frente à cadeia. (26)

Ao chegar a notícia, no Crato, de que Zé Lourenço não mais voltaria ao sitio Baixa Dantas, indo fixar residência no Juazeiro, recebi diversos telegramas, cartas e visitas de homens respeitáveis daquela cidade vizinha, empenhando-se para que eu não retirasse Zé Lourenço do seu sítio, tal a falta que ele fazia aos proprietários, pelo auxílio que lhes prestava nos trabalhos de agricultura, e em outros préstimos.

O pedido, porém, que calou mais no meu espírito foi o do capitão João de Brito, cunhado do nosso colega Deputado Hermenegildo Firmeza, o dono da terra da qual ele, Zé Lourenço, era rendeiro.

Consenti na volta do negro ao seu sitio, e assim terminou a história "das mil e uma noites" do touro "Mansinho". (27)

Interrogando esses cavalheiros que se empenharam pela volta do negro, pelo motivo de não desmentirem os que o caluniavam, me responderam todos sempre assim terem procedido; mas que os boatos eram para desmoralizar o padre Cícero e, dessa maneira, não podiam evitá-los.

Admirei-me do Sr. Moraes e Barros não citar que a carne do touro apodreceu no açougue, porque o povo não quis comê-la, visto ser um santo, conforme se propalava.

---

(26) Abatido o touro em frente à cadeia, em plena rua, às duas horas da tarde, perante centenas de pessoas, de acordo com o padre Cícero, foi a carne conduzida para o açougue público, onde também foi vendida toda ela, não chegando para todos que quiseram compra-la, visto ser da melhor qualidade.

(27) Zé Lourenço, que não freqüentava o Juazeiro, depois disso começou a freqüenta-lo aos domingos para ali fazer sua feira, e, durante o tempo que eu lá estive, nesses mesmos dias, almoçava comigo, em minha casa, onde se hospedava.

Eis o caso. Entretanto, o Sr. Rodolpho Theophilo, no mesmo artigo "Estátuas", a que já aludi, sem medir a responsabilidade da afirmação inverídica, escreveu o seguinte: "Um boi do padre Cícero foi tido por santo e milagroso, tanto que os seus excrementos, mormente a urina, eram disputados pelos romeiros e guardados para curar as suas moléstias".

Quem ouve falar de Rodolpho Theophilo e sabe que é um homem maior de setenta anos, um escritor de responsabilidade, não pode supor que seja capaz de dar curso a inverdades desta natureza em documentos sob sua assinatura; e, necessariamente, há de acreditar.

E é pela ação desses e outros escritores e dos maldizentes que o padre Cícero vive a sofrer.

Outra balela é a dos dois mil homens com o mesmo nome de Manoel ou de João, que o padre escolhe para trabalhar nos seus sítios.

Esta é da mesma classe da dos jumentos que, "nos tempos de seca, cavam cacimbas com os cascos". (*Risos*).

Lá, como em todos os sertões, na ocasião das limpas dos roçados, os lavradores auxiliam-se mutuamente, para evitarem que as novas plantações sejam interrompidas no crescimento, pelo mato, no seu rápido desenvolvimento.

Em vista desta necessidade e por ser praxe secular, o padre Cícero, que possui grande lavoura, recebe do povo o mesmo auxílio.

Mas, não só pela urgência do serviço, como pelo interesse que todos têm em dispensar-lhe um obséquio, torna-se impossível a escolha de milhares de pessoas com um só nome ou com o mesmo dado na ocasião.

Ora, que confusão não seria, Sr. Presidente, a de dois ou três mil homens, de nomes diferentes, acudirem por um que lhes fosse dado no momento do trabalho?

Nem se pode conceber a vantagem de semelhante processo.

Se S. S. conhecesse verdadeiramente o que é agricultura, pelo

menos no Nordeste, ou tivesse ouvido a respeito gente séria, chegaria a saber das aperturas do agricultor nos períodos das limpas das suas terras, para não proferir tolices de tal ordem.

Sobre o caso, há entre os lavradores o conceito seguinte: "a primeira limpa se deve fazer antes do tempo; a segunda no tempo e a terceira em qualquer tempo".

Quer dizer: antes do tempo, quando o mato mal vai surgindo, para que a plantação brote no terreno limpo; no tempo, quando a plantação já está mais desenvolvida, mas quando o mato, pelo seu rápido crescimento, pode absorvê-la; e, em qualquer tempo, quando o desenvolvimento da plantação não mais pode ser interrompido pelo mato. São noções práticas que S. S., por já ter sido secretário da Agricultura, devia conhecer.

Portanto, semelhante referência não tem fundamento e só nela acreditará quem tiver um espírito fraco como o Sr. Moraes e Barros.

Quanto a sua afirmativa de que, se não fosse o pagamento do padre a esses lavradores, nesses poucos dias de limpas, eles "ganhariam o pão por meio do trabuco", nem me darei ao trabalho de responder.

Apenas, faço notar a simpatia que S. S. tem pela palavra – trabuco – e seus derivados.

Há indivíduos assim: apreciam uma palavra qualquer e a propósito de tudo, a empregam.

Já ouvi dizer ter havido uma senhora, metida a letrada, que, agradando-se do vocábulo – impreterível –, em qualquer palestra o empregava.

E certa vez, estando a palestrar com algumas visitas, em sua própria casa, e como um gato de sua estima estivesse brincando junto a seus pés, ela, aborrecendo-se, cheia de ira, deu um "ponta pé" no pobre animal, gritando: "Sai-te daqui *impreterível* gato!" (*Riso*).

Julgo bem aplicado ao caso. (*Riso*).

Devo trazer ao conhecimento da Casa dois fatos de suficiente valor para dar um formal desmentido ao Sr. Moraes e Barros quanto a sua injusta referência.

Durante as secas de 1915 e 1919, aquele povo suportava as mais

duras privações, a fome, junto aos vagões da estrada de ferro, cheios de cereais, e nas estradas, diante dos animais carregados de mantimentos, sem jamais assaltá-los. O próprio vigário de Iguatú, padre Rocha, um dos sacerdotes mais caridosos que conheço, me informou, contristado, dessa nobreza de sentimentos daquela gente. (28)

Se nesses tempos calamitosos, em que para se satisfazer a fome, tudo se justifica, aquelas honestas criaturas preferiram recorrer às raízes de macambira, da mucunã, aos troncos das macaúbas, às folhas dos bredos, e comer animais mortos por elas chamados "comida braba", e até ao sacrifício da vida, pois alguns morreram de fome, para não roubarem, – quanto mais nos tempos normais em que todos trabalham, e, mal ou bem, têm com o que passar?

Enfim, é mais uma das muitas anedotas contadas e repetidas pelos que se comprazem com pilhérias extravagantes.

Por já estar com "a mão na massa", aproveito a ocasião para relatar uma outra da lavra do literato Jorge Jobim. Esse moço, de quem muito me compadeço agora, por saber que está sofrendo das faculdades mentais, – na "Revista Americana", de outubro de 1916, em um conto literário sob a epigrafe "Padre Cícero", começou assim:

> "Sombria figura a deste padre que, sectário de uma religião de caridade e amor, espevitava a chama dos ódios fratricidas, que ele mesmo ateara e aprestava os seus disciplinados bandoleiros, como um novo Leão de Neméa".

---

(28) As mulheres sujeitavam-se ao penosíssimo trabalho de buscar pedras na Serra do Horto, para o calçamento das ruas, em 1919, uma légua distante da rua, carregando-as à cabeça, mediante o pagamento de 2$ ao metro cúbico.

E, depois de outras considerações, cada qual a mais estulta, concluiu com essa formidável mentira:

"No modesto Campo Santo de Juazeiro uma cruz mal aprumada abria os braços sobre um túmulo esborcinado. A mãe do padre nele dormia o seu último sono.

Um dia o filho resolveu dar aos maternais despojos mais condigna morada. Em uma tarde de vento, uma sotaina pancjava junto de uma sepultura.

Quebrava o silêncio da rústica metrópole o barulho oco de enxadas e de pás, cavando o fofo torrão da ressequida gleba mortuária.

O pároco ia assistir a exumação dos ossos de sua mãe.

"Quando dois coveiros terminaram o afanoso mister, uma coisa altamente impressionante se passou.

Esperando encontrar os restos de um cadáver, encontraram o cadáver, ele mesmo, perfeitamente conservado, tantos anos após o enterramento, entre as alças mordidas pelo oxido e as fibras da apodentrada madeira do caixão.

A ciência bem podia explicar o fenômeno, mas para os dois desenterradores a única explicação plausível era a da santidade da morta, incontestavelmente provada pela incorrupção do cadáver.

Foi então que uma idéia sacrílega fosforeou no espírito vulpiano do padre.

Contra-ordenou a exumação; o

corpo desceu de novo aos sete palmos; o montão de argila desmoronou-se outra vez sobre ele e o sacerdote, fazendo ver em tudo aquilo intuitos do alto, impôs sigilo aos dois sertanejos invadidos de um divino terror.

Pelos quadrívios desertos voltou o pároco à solitária paróquia.

Os caminhos estavam ermos, mas a sua imaginação vinha povoada de idéias atrevidas.

Na prédica costumeira de domingo, narrou ele, com vivo colorido, aos ouvintes pasmados, um sonho em que a imagem materna lhe aparecera, pedindo-lhe, chorosa, que lhe retirasse os ossos da tumba em que jaziam, pois, se assim o fizesse, um grande milagre se havia de verificar.

Nas práticas posteriores continuou frisando o mesmo ponto, dizendo que sonhos atormentados o salteavam outras noites, nos quais a visão da morta esvoaçava sempre, insistindo, desolada, no pedido.

Padre Cícero abria assim grandes sulcos de superstição na consciência grosseira dos seus assistentes, preparando astutamente o desfecho da farsa profanadora e impiedosa.

Quando percebeu que solapara todos os ânimos e o plano amadurecera, julgou o momento azado para a audácia que planejara.

Concitou e exortou os habitantes de Juazeiro para acompanharem processionalmente ao Cemitério, a fim de que fosse realizada a aspiração da defunta. Foram.

"A múmia reapareceu de novo à flor

da terra". O *milagre* prometido realizou-se. A multidão prosternada beijou e rebeijou a fimbria da batina do iluminado.

E desde esse dia o padre ardiloso pôde, como um paracleto, explorar ao seu talante a crendice obstinada dos míseros sertanejos".

Vejam bem os que me ouvem como esse moço, conhecido literato, arquitetou essa história, que nunca se passou.

Por não ser verdadeira, o Dr. Hildebrando Accioly, digno oficial do Ministério das Relações Exteriores, espontaneamente, dirigiu ao Sr. Jorge Jobim uma carta que foi publicada no número imediato da mesma "Revista Americana", da qual constam os seguintes trechos.

"Ora, toda essa lenda se esboroa de um só golpe, desde que se saiba que a digna genitora do padre Cícero morreu há cerca de dois anos.

O seu falecimento foi noticiado por jornais daqui e do Ceará. E quase podemos asseverar que a boa velhinha ainda dorme o seu sono derradeiro no mesmo canto do modesto cemitério do Juazeiro, onde a terá mandado depositar o filho extremoso.

Eu poderia, se não receasse fatigar a tua atenção, contar-te fatos sabidos em todo o Ceará, pelos quais melhormente se certificarias da injustiça, que, de certo, involuntariamente cometeste para com o padre Cícero.

E verias, então, que o que fez o

prestigio imenso deste, o qual se estende até os sertões da Bahia (29) e de Minas, foi principalmente, a sua vida simples e honesta, a sua mansidão natural, e a sua generosidade sem limites.

Mais alto do que as minhas palavras falam os atos de nobreza e de bondade do virtuoso sacerdote, cujo reconforto moral e religioso – cujos auxílios materiais nunca faltaram aos pobres necessitados, durante as

---

(29) Em 1908, poucos meses após a minha chegada em Juazeiro, estando eu a palestrar com o padre Cícero, em sua casa, foi trazido à sua presença um indivíduo, que lhe entregou uma carta em nome do coronel José Manoel.
O padre, não tendo os óculos na ocasião, pediu-me para abri-la e lê-la.
Dentro dela encontrei uma nota de duzentos e uma de cem mil réis.
O conteúdo da missiva, em resumo, era mais ou menos o seguinte:

> "Se bem não tenha a honra e o prazer de conhecer pessoalmente V. Revdm. mas tendo a certeza dos seus atos de caridade, envio a importância inclusa para V. Revdm. dispor como quiser. Peço-lhe que me abençoe e a toda minha família e rogue a Deus pela minha felicidade na outra vida".

Era essa carta assinada por José Manoel Vianna e datada de Casa Nova, município ou povoação da margem do Rio S. Francisco, do sertão do Estado da Bahia.
O padre Cícero, não conhecendo o signatário, perguntou-me se eu o conhecia, ao que lhe respondi ser o pai do conselheiro e senador Luiz Viana.
Em 1910, quando veio aqui a esta capital, indo tomar o navio na Bahia, foi pelo sertão e tomou o trem em Juazeiro, cidade do Estado Baiano.
Não só pelas localidades sertanejas de Pernambuco por onde passou, a cavalo, como pelas da Bahia, à margem da estrada de ferro, recebeu demonstrações de elevado apreço, que lhe causaram surpresa.
Em Maceió, capital de Alagoas, as manifestações, às quais o governo do Estado se associou, foram estrondosas.

tremendas crises climatéricas que, de vez em quando, assolam o Ceará".

Se, neste caso, a calúnia foi logo rebatida, da maneira mais completa, pelo Dr. Hildebrando Accioly, em outros, porém, o mesmo não se dá.

Não é fácil, bem sabe V. Ex., Sr. Presidente, nos tempos atuais, aparecer quem tenha a virtude de, só por amor a verdade, defender um amigo rudemente acusado, como o fez esse digno moço

A genitora do padre Cícero havia falecido em agosto de 1914 e sido enterrada em sepultura perpétua; no entanto o Sr. Jorge Jobim, que nem sabe para que lado fica o Juazeiro, afirmou ter ocorrido o seu falecimento muitos anos antes.

E, com esta, são todas as histórias circulantes.

Em 1897, quando, por determinação do diocesano, o padre Cícero foi aguardar, na cidade de Salgueiro, Estado de Pernambuco, a ordem de seguir para Roma, fizeram chegar ao conhecimento do então Governador, o Dr. Joaquim Correia de Araújo, que aquele sacerdote estava aliciando cangaceiros para auxiliar Antônio Conselheiro, em Canudos.

Esse prestigio de que dispõe, sem o menor esforço de sua parte, todo espontâneo, apesar das perseguições da sua classe, realmente é para "dar o que fazer" e fazer "criar cabelos brancos" aos seus perseguidores.

Quando ele tinha ordens e celebrava, em qualquer lugar que fosse, estivessem presentes outros padres ou bispos, conforme posso dar meu testemunho, não somente a igreja ficava repleta, como toda a rua, onde o povo reverentemente se mantinha de joelhos até o fim do Santo Sacrifício da Missa.

Será possível que, para atender as exigências dos bispos, ele diga ao povo que não assista à Missa por ele celebrada?

E creio que pela impossibilidade disso conseguirem, foi que, por fim, o suspenderam de todas as ordens.

Pode ser que semelhante medida, os bispos que o perseguem possam justificar, mas, no meu fraco modo de pensar, só poderá denotar ser o efeito da grande soma de despeito, incompatível com os sãos princípios da nossa boa religião.

Justamente nessa ocasião, estavam em luta naqueles sertões duas famílias importantes: a dos Farias, protegida pela família Pereira, do Pageú; e a dos Maurícios, auxiliada pelos coronéis Aristides Xavier e Ancilon Barros, de Jardim.

Centenas de homens armados ameaçavam-se mutuamente e ao Governo não era fácil acomodá-los, tanto assim que antes do esperado encontro decisivo, já se contava número regular de mortos em emboscadas.

O padre, ali chegando, com a sua autoridade moral, conseguiu dirigir-se a cada um dos grupos, pacificar a questão e desarmá-los.

Quando já estava a questão quase terminada, ainda o padre Cícero lá no meio das famílias revoltadas, pelo Governo de Pernambuco foi solicitada, às respectivas autoridades, a sua prisão como aliciador de bandidos para Antônio Conselheiro.

A ordem de prisão do padre Cícero foi por todos recebida com o maior espanto, visto como a sua ação estava sendo pacificadora.

Então foram dirigidos ao Governo os seguintes telegramas:

"Salgueiro, 14 de agosto de 1897 – Exmo. Governador – Recife.

Afirmo ser absolutamente falsa notícia padre Cícero deixar Juazeiro do Crato, procurando Canudos para prestar auxílio Antônio Conselheiro. Em obediência ordem bispo ausentar-se, em dez dias, quarenta léguas daquela localidade, retirou-se para esta Vila, não tendo passado Água Branca, noventa léguas Juazeiro. Daqui telegrafou Papa comunicando residência provisória, e aguarda ordem.

Posso garantir ser ele virtuoso

sacerdote, completamente hostil movimento sedicioso Canudos e incapaz tentar contra a ordem pública.

Do Crato a São Francisco quarenta e uma léguas. Saudações, – *Lima Borges*, juiz de direito".

"Leopoldina, 15 de agosto de 1897 – Exmo. Governador – Recife.

Recebido vosso telegrama ontem. Padre Cícero reside provisoriamente em Salgueiro. Conta haver deixado o Juazeiro em virtude intimação bispo Ceará, motivo religião. Mostra-se contrário movimento Canudos, aconselha paz.

Crato dista quarenta e cinco léguas de São Francisco, aproximadamente. Saudações. – *Olympio Bonald*, juiz de direito".

"Granito, 16 de agosto de 1897 – Exmo. Governador – Recife.

Inteiramente falsa notícia sobre o padre Cícero, que se acha Salgueiro mais de mês, constando manifestar-se hostil movimento Canudos. – *Praxedes Brederodes*, juiz de direito. – *Antônio Geraldo de Carvalho*, delegado de polícia".moço

"Ouricuri, 21 de agosto de 1897. Exmo. Sr. Conselheiro Dr.

Governador – Recife.

No intuito de esclarecer V. Ex. verdade, retificamos nosso último telegrama. São destituídos fundamentos boatos padre Cícero aderir movimento Canudos.

Pessoa fidedigna Salgueiro afiança sua permanência ali alheio lutas, sendo até elemento ordem.

Precedentes padre Cícero evidenciam submissão leis e aversão crime. Saudações – *Honorato Marinho*, juiz de direito, interino. – *Cypriano Castro*, delegado".

"Cabrobró, 14 de agosto de 1897. Exmo. Sr. Governador do Estado – Recife.

Padre deixando o Juazeiro acha-se Vila Salgueiro. Nada consta por aqui sobre intervenção padre Cícero negócio Canudos. Do rio São Francisco ao Crato são quarenta léguas. Saudações, – *Manoel Cassiano*, delegado em exercício".

"Salgueiro, 15 de agosto de 1897. Exmo. Sr. Bispo de Olinda – Recife;

Padre Cícero retirando-se Juazeiro, em obediência decreto Congregação, veio esta Vila, onde está. Tenho inteiro conhecimento sua dedicação paz, ordem, tranqüilidade todos e o julgo incapaz qualquer tentativa

agitação pública.

Posso afirmar V. Ex. que tem sido ele todos os tempos e todos lugares, elemento ordem. Autoridades aqui telegrafara Governador mesmo sentido. – Vigário, padre *João Carlos Augusto*".

"Salgueiro, 17 de agosto de 1897. Exmo. Sr. Bispo de Olinda – Recife.

Com a devida vênia ainda uma vez pondero V. Ex. que decreto Congregação prescreve padre Cícero ausentar-se Juazeiro e limites. Estando Salgueiro trinta léguas daquela circunscrição, vê-se claramente não haver sofisma sentença, cujos efeitos pendem recurso Sumo Pontífice.

Garantindo leis país plenitude direitos civis não é possível vedar-lhe locomoção. Não receie V. Ex. perturbação consciências nem abuso ignorância povo, produzindo agitação. Sua índole pacifica, humildade, caridade, são seguras garantias contra tais cometimentos. Admirador suas virtudes, não me escuso responsabilidade seus atos, sempre inspirados acrisolado amor Santa Religião, Deus, suportando verdadeiros sacrifícios em bem da humanidade. – O vigário, padre *João Carlos Augusto*".

"Salgueiro, 14 de agosto de 1897. – Coronel Delmiro Gouveia –

Recife.

Questões daqui vão tomando caráter pacifico. Padre Cícero do Juazeiro tem sido incansável. Havia adjacências essa Vila cerca trezentos homens em armas. Ele tem conseguido desarmar grande parte, e retrair o resto. É possível em breve tempo entrarmos inteira calma. Abraços. – *Coimbra*".

Eis, finalmente, o telegrama do Governador de Pernambuco, ao Prefeito e ao Conselho Municipal de Salgueiro.

"Recife, 17 de agosto de 1897. – Ao Prefeito e Conselho Municipal – Salgueiro.

Agradeço-vos informações que me transmitistes em nome do povo.

Acredito que o padre Cícero não auxiliará Antônio Conselheiro e nem promoverá agitação hostil Governo.

Segue para aí destacamento pedido autoridades. Podeis assegurar povo, meu nome, telegrama Governo não tentou procedimento algum contra aludido padre. Saudações. – *Joaquim Correia Araújo*."

Quem seria o autor da caluniosa denúncia ao Governo de Pernambuco?

De todos os telegramas, cujas cópias acabo de ler, Sr. Presidente, se deduz claramente que grande já era o prestigio do padre Cícero naquele tempo, vinte e seis anos passados (30), e iníqua por demais a perseguição que lhe era movida.

Não admira, entretanto, força é confessar, que estranhos e inimigos gratuitos concorram para o desprestígio daquele sacerdote, quando outros que têm por dever lhe serem gratos, a mesma coisa o têm feito.

Quero referir-me ao Sr. Dr. Antônio Xavier de Oliveira, autor do livro "Beatos e Cangaceiros", que, entre outros capítulos de sua obra, no que trata do Beato José da Cruz, comete injustiças

---

(30) Em 1888 uma sobrinha do Barão de Pajeú, então chefe de grande prestigio da zona pernambucana do mesmo nome e patriarca de numerosa e abastada família sertaneja, foi raptada da casa da genitora, que era viúva e residia no município de Vila Bela, Estado de Pernambuco.

O raptor, que era um moço de boa família, mas exercia a profissão de vaqueiro, temendo a perseguição da família ofendida, conduziu a moça para o Juazeiro, viajando dia e noite por estradas diferentes das comumente palmilhadas, e apresenta-se ao padre Cícero, dizendo que, apesar da raptada achar-se no mesmo estado em que saíra da casa materna, desejava com ela casar-se, manifestando, ao mesmo tempo, o receio de ser assassinado.

Efetivamente, no dia imediato, foi o padre avisado da chegada de três cangaceiros, vindos de Pajeú de Flores.

O padre fê-los vir a sua presença e eles confessaram haver trazido ordens de tirar a vida do raptor, onde o encontrassem, salvo se estivesse em Juazeiro.

Certo do plano sinistro, o padre ordenou que os cangaceiros voltassem

Continuação (30) ao Pajeú, declarando aos mesmos que ia escrever à mãe da moça e que o portador da carta seria o próprio raptor.

Recomendou ainda mais que, se eles o encontrassem em caminho, o respeitassem como se fosse ele próprio.

Em vista desta recomendação os cangaceiros respeitosamente responderam que o moço podia até acompanhá-los, caso o padre determinasse.

Dois dias depois seguiu o moço sozinho, tão somente confiando na garantia que o padre lhe fizera, de que ele não sofreria.

Ao chegar à casa da senhora, sua futura sogra, foi logo cercado por cabras

deploráveis.

Ocupo-me deste caso porque não devo perder a ocasião para restabelecer verdades.

Esse moço, ou por ignorância ou por ter "mau fígado", quando asseverou "dar uma idéia exata e perfeita aos seus leitores do que seja o beato", no que diz ser uma "entidade exótica e singular, própria do meio religioso, que é o Juazeiro do Padre Cícero", descreveu-o da seguinte maneira:

> "É um sujeito celibatário, que faz votos de castidade (real ou aparentemente), que não tem profissão,

---

armados, em atitude ameaçadora; bastou, porém, ele alegar ser portador de uma carta do padre Cícero para não sofrer nenhum desacato.

A mãe da moça, informada da presença do raptor de sua filha, no terreiro da sua casa, levando uma carta do padre Cícero, não querendo vê-lo, mandou buscar a missiva, ordenando que ele se retirasse imediatamente.

Quem conhece a perversidade da família Pereira, cujos rebentos são, entre outros, Luiz Padre e Sebastião Pereira, para com os inimigos (porque, para os amigos são de extrema gentileza), bem poderá compreender que aquele moço não morreu logo naquela ocasião unicamente por ser portador de uma carta do padre Cícero.

Para demonstrar o risco que correm os inimigos daquela família, basta lembrar que, da luta, há cinqüenta anos, mais ou menos, travada entre ela e a família Carvalho, a qual está ligada por parentesco íntimo, o morticínio, de crueldade a mais requintada, tem sido entre primos, cunhados, tios e sobrinhos.

Na carta o padre declarava estar a moça em seu poder e exigia a presença da família em Juazeiro.

Continuação (30) Dez ou quinze dias após chegaram cerca de cinqüenta membros da família, inclusive a genitora da raptada e o tio, o Barão de Pajeú.

Depois de repetida conferências e confissão de todos pelo padre Cícero, que naquele tempo estava em pleno gozo de suas ordens, a mãe da moça a ele entregou a solução do caso, acentuando que assim o fazia, por confiar que o "seu padrinho" não guiava ninguém para o mal, e reafirmando ainda que só ele poderia ter salvo a vida do raptor.

Casaram-se em Juazeiro, sendo celebrante o padre Cícero e voltaram todos reconciliados para o Pajeú.

E como, segundo o padre garantira, o moço, que então era pobre e metido a

porque deixou de trabalhar e que vive da caridade dos bons e das explorações aos crentes.

Passa o dia a rezar nas igrejas, a visitar os enfermos, a enterrar os mortos, a ensinar orações aos crédulos, tudo de acordo com os preceitos do catecismo!

Veste à maneira de um frade: uma batina de algodão tinta de preto, uma cruz às costas, um cordão de São

---

valente, se tornasse rico pelo trabalho, honesto e bom e viesse a ser sustentáculo da família, ainda hoje toda ela nada resolve sem ouvir aquele sacerdote.

E não se diga que a família desistiu do assassinato pelo fato de resolver-se o caso com o casamento, porque, de ordinário, no sertão só a existência do rapto constitui grande injúria e empecilho para a união pelo matrimônio.

Preferem matar o indivíduo para evitar o precedente desonroso na família e casar a moça com um parente qualquer.

Para o sertanejo não civilizado, mas de elevada posição no meio em que vive, o casamento não limpa a família da desonra determinada pelo rapto, pelo defloramento ou pela prostituição de uma viúva.

Em 1918 o calista e curandeiro Arco Verde, raptando uma viúva do sertão de Jaicós, Estado do Piauí, membros da família foram ao seu encalço e depois de tomarem a raptada, em caminho o assassinaram barbaramente, já no município de Ouricuri, no Estado de Pernambuco.

O capitão reformado da polícia paraibana, João dos Reis, residente no município de Alagoa do Monteiro, do Estado da Paraíba, homem valente e experimentado em lutas, opunha-se ao casamento de uma filha com um certo moço de boa família, cujo único defeito que tinha era ser pobre.

Uma tia paterna da moça, supondo ser possível demover o irmão do propósito, aconselhou o moço que raptasse a sobrinha e a levasse para a sua própria casa. Feito o rapto, o velho *estrilou* e, ainda se opondo ao casamento, resolveu assassinar o rapaz.

Diante da certeza de que morria, o moço, poucos dias depois, evadiu-se, vindo para o município de Missão Velha do Cariri, Estado do Ceará, cerca de cem léguas de distância, onde me pediu para tê-lo na minha fazenda, como garantia

Francisco amarrado à cintura, uma dezena de rosários, uma centena de bentinhos de São Bento, uns saquinhos com breves religiosos e com orações poderosas, tudo pendurado ao pescoço.

São geralmente, indivíduos vagabundos, hipócritas, delirantes, religiosos ou bandidos!"

Antes de desfazer as inverdades referentes ao Beato da Cruz, farei algumas considerações sobre estes trechos que acabei de ler.

Se realmente, o beato fosse criação do Juazeiro e a sua ocupação contínua fosse rezar, visitar enfermos, enterrar mortos e ensinar orações de acordo com os preceitos do catecismo, não poderia ser vagabundo, nem bandido, nem explorador dos crentes.

Quando muito, poderia ser um maníaco, mas cuja mania não

---

contra qualquer tentativa sinistra do velho João dos Reis.

E por ser prático e conhecedor de certas possibilidades, fi-lo ficar perto da minha casa, na minha própria fazenda.

Na minha ausência, mandei-o, recomendado a um amigo, para o sertão da Bahia.

Enfim, inúmeros são os casos comprobativos do que afirmo.

Depois de pôr-me ao corrente de todo o caso e me convencer de que o pobre moço era uma vítima de sua boa fé, escrevi a meu amigo, o Dr. Augusto Santa Cruz, solicitando os seus bons esforços no sentido de facilitar o casamento.

Ainda não havia recebido resposta do Dr. Santa Cruz, certo dia fui informado de que o capitão João dos Reis estava arranchado em casa de um dos meus moradores, no extremo da minha propriedade, o Sr. José Canário, que já o conhecia.

No dia imediato José Canário me informou que João dos Reis estivera em sua casa e lhe pedira para dizer onde se achava o moço, mas afirmando sempre estar desonrado e não desejar tê-lo como seu genro; e que ele lhe garantindo que o moço estava residindo comigo, o velho chorara de raiva e se retirara na mesma noite, dizendo: "Já vejo que é impossível pegar esse patife".

Após mais alguns dias Santa Cruz em carta me respondera não convir a presença do moço em Alagoa do Monteiro, pelo risco de vida que corria, tal a perversidade de João dos Reis, que vivia inconsolável.

Tendo eu de seguir para Fortaleza e receando uma investida do velho na

prejudicaria a ninguém.

Mas a verdade é que a existência de beatos é conhecida desde o aparecimento no Brasil dos primeiros missionários, esses grandes beneméritos da Igreja, que sacrificavam a vida na árdua tarefa da educação do povo.

Antes do país ser descoberto, até mesmo quando Cristo andou no mundo, já eles existiam, tanto assim que muitos estão hoje canonizados.

E os de hoje são da mesma ordem dos daqueles tempos: homens bons, na maioria virtuosos, humildes, desinteressados e incapazes do mal.

O que se lhes pode atribuir, como causa da sua profissão, é um certo desequilíbrio mental, pelo qual nem eles nem ninguém é culpado.

O traje usado pelo reduzidíssimo número dos de Juazeiro, é o mesmo dos de sempre, com exceção da cruz, pois somente Zé Beato a conduz.

Os que lá existem são os seguintes: Zé da Cruz, Manoel João, Elias Italiano, José Leôncio, Manoel Izidro, Domingos Victorino, Antônio do Monte, Oliveirinha, José do Padre e Manoel Cego.

Excetuando José da Cruz, José Carneiro e Manoel Cego, que pedem esmolas e José do Padre que é sustentado pelo padre Cícero, os demais vivem por sua conta, trabalhando nos sítios sem auxílio de ninguém.

Convém notar que Manoel Cego com esmolas construiu no cemitério dos variolosos uma capela, cujo padroeiro é São Miguel, onde são feitas anualmente festas pomposas.

Eu, quando em 1905 estive em Remanso, na Bahia, e em 1908 em Triunfo, cidade de Pernambuco, antes de ir ao Juazeiro, encontrei *beatas e beatos*.

Como então, dizer-se que esse tipo singular é próprio do meio religioso do Juazeiro?

O porteiro do arcebispado de Fortaleza, há pouco falecido, era um beato tão desequilibrado mentalmente quanto bom e piedoso como os demais, inclusive os do Juazeiro.

A diferença única é que só se ocupam dos daquele lugar e tão somente para deprimi-los.

Assim é que o Sr. Dr. Xavier, para dar colorido ao seu desenxabido conto literário, pintou o Zé Beato como um bandido, quando, ao contrário, é uma santa criatura.

O literato começou logo errando, como se vê:

> "Pelo ano de 1894, um rico fazendeiro do Rio Grande do Norte de nome José da Cruz, veio em romaria a Juazeiro pagar uma promessa que fizera a Nossa Senhora das Dores e ao padre Cícero, e empolgado o seu espírito pelos sentimentos de religiosidade que ali observou em romeiros residentes, encontrou o campo onde medrassem com exuberância as idéias delirantes do que já se achava possuído".

Ora, o beato Zé da Cruz não é natural do Rio Grande do Norte, mas sim da Vila de Afogados de Ingazeiras do Estado de Pernambuco, nem se fez beato em Juazeiro, pois lá chegou como tal.

Conforme declaração dos seus parentes e de uma senhora que foi com ele criada, por ser afilhada da genitora do mesmo, cujo depoimento está testemunhado e com firmas reconhecidas pelo tabelião, eis a história do velhinho Zé da Cruz, que deve contar, atualmente, cerca de oitenta anos de idade:

Com poucos dias de nascido, foi acometido de *espasmo*, nome dado no sertão à meningite infantil, e, salvando-se, quando

chegou a certa idade, foi revelando certa perturbação mental.

Desde cedo mostrou-se chegado aos santos e à Igreja.

Quando já rapaz, foi em companhia da família para Recife. Anos após, falecendo o pai, de morte natural, voltou a viúva a viver com o seu filho José Beato em sua fazenda na vila sertaneja.

Desiludida da cura do filho, a velha redobrou de cuidados para com ele; de maneira que, já homem só passeava pelos arredores, em visita aos parentes, acompanhado de um escravo ou de um amigo da casa.

Morta a sua mãe, na ocasião do inventário, ele brigou com os irmãos porque lhe não quiseram dar o oratório dos santos, junto ao qual, desde criança, fazia suas orações.

Exasperado, não aceitou nenhum dos bens que lhe couberam e, vestindo-se de beato, saiu pelo mundo afora, conduzindo alguns carneiros, com pequenas cangalhas e os respectivos "cassuás", a pedir esmolas de cereais e dinheiro para, ao mesmo tempo, distribui-los com os pobres e enfermos, pelas estradas do sertão, carregando ao ombro uma cruz de quase duas arrobas, que ainda hoje conduz. (31)

Pára aqui, pára acolá, por fim chegou ao Juazeiro, pela primeira vez, há mais de trinta anos.

Porém, ali não fixou residência: continuou a sua inocente e benfazeja peregrinação pelo interior dos Estados do Ceará, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, demorando-se dias e meses nas fazendas, de cujos donos sempre foi estimado.

Eu mesmo conheci-o em 1908, quando seguia para o Cariri,

---

(31) Durante a revolução de Juazeiro, em que estivemos quatro meses em armas, Zé Beato foi um grande auxiliar que encontrei.
Era ele quem, por minha ordem, com os seus incansáveis carneirinhos, carregados de gêneros alimentícios, ia socorrer os necessitados e doentes em suas casas e debaixo de árvores, para não morrer de fome quem não podia trabalhar, nem tão pouco encontrar, naqueles dias agitados, quem fizesse a caridade costumada.
E, coisa singular, Zé Beato, não se esquecia de nenhum dos socorridos e sabia os nomes de todos eles.

na propriedade do Sr. Pedro Cardoso dos Santos, cinco léguas distante da vila de Brejo dos Santos, onde estava seguramente há um ano.

Nesta sua vida, depois das perseguições religiosas ao padre Cícero, em Pernambuco e Ceará, foi, por diversas vezes, barbaramente espancado por soldados da polícia.

A última surra que tomou, foi, creio, em 1909 ou 1910, em Mauriti, povoado de Milagres, para onde se havia retirado, justamente quando se achava naquela cidade o então bispo interino, o Sr. D. Manoel Lopes, em excursão pastoral.

Se não fossem os cuidados do caridoso vigário padre Manoel Furtado Maranhão; que o tratou em sua própria casa, teria morrido o pobre velhinho.

E o motivo dos espancamentos era tão somente por que carregava a cruz e orava, chorando, ao pé dos cruzeiros, à frente das igrejas.

Em vista de semelhante barbaridade, foi que o padre Cícero fê-lo voltar ao Juazeiro não mais consentindo que dali saísse.

Provado, como fica, que José da Cruz não nasceu no Rio Grande do Norte, não matou o pai, nem se fez beato em Juazeiro, nem é bandido, vou desmentir o autor do citado livro nos seguintes períodos:

> "De uma feita, os guardas locais, Pedro Araújo, Zé de Binda e Zé Biá, a mando de um famoso João Bento, por esse tempo delegado da então povoação do Juazeiro, quiseram *desenferrujar* os seus facões em suas costas. Mas se arrependeram da empresa. O Beato arrancou de debaixo da sua batina azul o seu *língua de peba*, um punhal de dois gumes, estreito e longo, e fez debandar

a tropa que o queria surrar".

O Sr. Antônio Xavier relatou o caso de maneira a fazer crer ser verdadeiro, sem se lembrar, porém, de que um dos guardas-locais, por ele citados, o Zé de Binda, ainda era e continua vivo, e podia falar com melhor conhecimento de causa.

Eis o depoimento de Zé de Binda que foi tomado perante testemunhas, pelo tabelião, que reconheceu todas as firmas:

> "Que estando ele em luta corporal com um cangaceiro de nome Victorino, capanga de Antônio Quelé, de Macapá, que acompanhava um inimigo do sub-delegado João Bento, Zé Beato tentara apartá-los; mas que em um dos movimentos por ambos feitos, o velho recebeu um tombo e caiu, quebrando-se, nessa ocasião, a sua pesada cruz".

Esta narrativa de Zé de Binda é confirmada pelo padre Cícero.

Se um fato, cujos responsáveis e testemunhas estão vivas, é deturpado com tanta sem cerimônia, o que não acontecerá com outros cuja elucidação não seja tão fácil?

O mesmo literato asseverou que o "corpo de Zé Beato baixou ao túmulo em 1914" e que "o seu cordeirinho já foi comido pelos famintos da grande metrópole sertaneja".

Devo declarar, a bem da verdade, que o velho beato ainda não faleceu, que está, portanto, vivo, são e salvo, em Juazeiro, onde em 1921 fi-lo fotografar; e que alguns dos seus carneirinhos estão em minha fazenda, engordando.

Não sei como o Sr. Dr. Antônio Xavier se justificará perante os seus leitores, especialmente o Sr. Dr. Júlio Afrânio, a quem ele ofereceu o seu livro e de quem recebe calorosos aplausos como autor de uma obra literária de valor.

Não comentarei, por ora, os demais contos do mesmo livro *Beatos e Cangaceiros*, que são do mesmo jaez – inverídicos e mal descritos.

Apenas me preocupei com este por achar oportuno analisá-lo, unicamente para demonstrar como se mente sobre coisas do Juazeiro.

Mesmo que fosse verdade o Beato carregar uma faca ou punhal para se defender de alguma agressão, ele não poderia ser considerado bandido. Acaso o Sr. Dr. Antônio Xavier pensará como João Brígido, que propalava ser S. Pedro um pescador perverso porque cortara a orelha de Marcos?

Quantos padres, ameaçados na sua vida, subiram ao altar para celebrar o Santo Sacrifício da Missa, armados, como meio de defesa, contra súbitas agressões?

Consta dos ensinamentos, em nome de Deus, o seguinte: "livra-te dos ares que eu te livrarei dos males"; e mais: "faze de tua parte, que eu te ajudarei".

O cônego João Antônio, então vigário de Lençóis, na Bahia, sendo meu hóspede na cidade de Remanso, naquele mesmo Estado, contou-me que depois de ter recebido um tiro de emboscada jamais deixara de celebrar armado.

O padre Manoel Felix de Moura, que foi vitima de duas ou três emboscadas, em Vila Bela, no Estado de Pernambuco, salvando-se miraculosamente, nunca deixou de andar suficientemente armado de rifle e mais apetrechos bélicos, nem de ser acompanhado, até na igreja, de cangaceiros bem equipados.

O mesmo sistema de defesa era usado pelo monsenhor Afonso Pequeno, não só em Vila Bela como em Triunfo, em Pernambuco, quando, ameaçado na sua vida pela família Pereira,

que ele, ao lado da família Carvalho, derrotara na política local.

Enfim, são numerosos os casos.

E o que eu acho interessante é um homem sensato ridicularizar um pobre vivente porque, em virtude do seu desequilíbrio mental, se fez beato e se veste de maneira exótica.

Não teriam sido, porventura, do mesmo estofo desse Zé Beato, os que, em tempos idos, viveram pelos desertos, nas grutas e cavernas, vestidos de folhas e peles de animais, alimentando-se de gafanhotos e lagartas, em penitência e oração, e que hoje todos nós veneramos como santos?

Quem poderá dizer sobre o destino de Zé Beato, essa inocente e boa criatura, na terra?

Se ele fosse um dos companheiros de Santo Antão, não seria santo também?

Se os daquele tempo aparecessem hoje, nos trajes então usados e na prática dos mesmos atos, não correriam o risco de terem os lombos contundidos pelos facões dos soldados de polícia, como Zé Beato e do mesmo modo que este, não seriam troçados e caluniados pelo Sr. Antônio Xavier e outros?

Esta é que é a verdade; o mais é "conversa fiada".

Mais uma vez dou uma prova incontestável de que se não deve dar crédito ao que fazem constar de mau e inconveniente sobre o Juazeiro e o padre Cícero.

Não será demasiado repetir uma outra anedota corrente e explicar a sua origem.

Corre como certo que o padre Cícero, por vaidade, quando a grande guerra estava no auge, escreveu ao kaiser oferecendo-lhe os seus romeiros para servirem nas fileiras germânicas; e, estou bem informado de que alguns sacerdotes perfidamente deram curso à ridícula balela.

Por esse tempo, dois caixeiros viajantes, moços folgazões, de viagem do Cariri para Fortaleza, ao meio dia, arrancharam-se em uma choupana à beira da estrada, entre Missão Velha e Aurora,

local onde se achavam em serviços de estrada de ferro romeiros em grande número.

À falta de outro meio de distração, em palestra com alguns deles, que procuraram saber o que havia de novo em Juazeiro, um dos moços contara-lhes que eu os tinha vendido a Guilherme Segundo.

O outro companheiro, porém, atalhou, dizendo que o Imperador era quem tinha escrito ao padre Cícero, pedindo-lhe o auxílio dos romeiros, mediante concessão de quarenta léguas de terras, em quadro, para serem divididas com os que fossem para a guerra.

Os ouvintes manifestaram-se satisfeitos com a futura recompensa, e foram logo dando conhecimento aos que passavam perto do rancho.

Os moços a certa hora seguiram viagem, e a notícia foi circulando de barraca em barraca. Não tardou muito que por toda a estrada se falasse unicamente no caso.

Voltando de Fortaleza, onde me achava tomando parte nos trabalhos legislativos, para Juazeiro, desembarquei em Cedro, a última estação de estrada de ferro naquele tempo.

Não querendo ir a cavalo até a cidade de Lavras, cinco léguas distante, fiz demorar a minha condução e viajei em um *troly* empurrado por dois homens.

Pois bem: de quando em vez era obrigado a interromper a viagem para atender aos grupos de romeiros que me perguntavam se eu já vinha buscá-los para mandá-los para a guerra.

A cada um desmenti a história, informando-os ser uma pilhéria dos moços viajantes.

Também não me foi difícil convencê-los.

No entanto, com o intuito de ridicularizar o padre Cícero, havia quem propalasse ser verdadeira essa notícia resultante de uma simples brincadeira de dois moços.

Afirmam também que o padre Cícero, quando quer, faz "dias santos".

Ora, os sertanejos nordestinos são extremamente católicos, mas ignoram que a Igreja reduziu a número limitadíssimo os dias santificados.

Além disso, os vigários, não obstante essa resolução da Igreja, consideram santificados certos dias, especialmente os dos padroeiros das matrizes e capelas das paróquias.

Assim, se qualquer indivíduo, por ouvir dizer ou por um interesse qualquer, anuncia, por conta própria ou valendo-se do nome de qualquer vigário ou de outro qualquer sacerdote, inclusive o padre Cícero, que tal dia é santificado, eles não trabalham. Isto não ocorre em Juazeiro porque o padre dá, sem demora, o desmentido; mas em outros lugares, o dia fica irremediavelmente santificado.

Por algum tempo foi alvo de censuras, como tendo instalado em sua própria casa um sistema de jogo, conhecido pela denominação – "Banca" – com o intuito de explorar a população.

Posto que seja dispensável uma explicação neste sentido, em virtude da sua incapacidade para prática de semelhantes atos, todavia não deixarei de relatar o fato, para que, sem a precisa elucidação, o seu nome não venha a ser ainda comprometido pela ação dos maldizentes.

Em 1912, com a queda da situação Rosa e Silva, em Pernambuco, alguns dos seus prepostos políticos tiveram de abandonar os seus municípios.

Um desses foi o Sr. coronel Deodato Monteiro, então prefeito de Triunfo.

Esse homem, que por sinal foi assassinado, já vai para três anos, de emboscada, entre a Vila de Flores e a sua terra, no mesmo Estado, baldo de recursos, fez-se agente de diversas companhias de seguros e foi explorar o novo ramo de negócio em Juazeiro, sob a proteção do padre Cícero, dali retirando-se dias antes de começar a revolução, em fins de 1913.

Durante o tempo de sua estadia ali, agiu com a maior

correção, inspirando a todos confiança.

Em setembro de 1914, quando eu me achava aqui no Rio, voltou ele ao Juazeiro, não mais para se ocupar de seguros de vida, mas sim para fundar uma das tais "bancas", conhecidas "arapucas", que tipos de destaque social armaram em quase todas as capitais do país e com elas ficaram ricos da noite para o dia.

Ciente do fim de sua volta, o padre impugnou a execução do plano, sob a alegação de possível prejuízo ao povo.

Deodato, porém, conhecedor das boas intenções do padre Cícero, para vencer-lhe a resistência e provar a lisura dos seus intuitos, lhe propôs depositar o cofre, em que seria recolhido o dinheiro apurado, onde ele achasse melhor e sob a imediata fiscalização de pessoa de sua confiança.

Então, o padre, já porque Deodato não lhe inspirava desconfiança, já porque, na boa fé, supôs deste modo evitar bandalheiras, aceitou o alvitre e determinou que o referido cofre fosse depositado em um compartimento anexo à sua casa, e que um seu amigo, homem sério, assistisse o recolhimento do dinheiro em todas as partes, tomando nota da importância recolhida.

Iniciado o negócio, outras tantas "bancas" foram criadas nos demais municípios, por outros indivíduos e geralmente reinou o entusiasmo do povo, pois que, não há negar, as vantagens auferidas, em começo, sobremaneira o justificava.

Devido as suas múltiplas ocupações naquele período, conseqüente à revolução, e a não ouvir nenhuma queixa, supondo estar tudo em boa ordem, conformava-se com o que lhe afirmava Deodato. Este, porém, que, preconcebidamente, tinha a idéia de furtar, não obstante os furtos inerentes ao jogo, não recolhia ao citado cofre todo o dinheiro apurado durante o dia; guardava uma certa parte, fato este que depois se veio ter conhecimento.

Passados alguns dias, foi ele acometido de varíola e, assim, doente, comunicou ao padre Cícero que o substituira na direção do negócio um dos auxiliares que trouxera de Pernambuco, o qual

continuaria a agir da mesma maneira.

Poucos dias depois o padre Cícero informado de ter sido adiado o pagamento aos portadores das "poules", interrompeu o jogo para saber qual a causa.

Foi quando "caiu em si" e se convenceu de que havia sido ilaqueado na sua boa fé.

Pelo exame mandado proceder, verificou o prejuízo do povo.

Fez distribuir, do melhor modo possível, o que restava no cofre com os prejudicados, sendo obrigado a entrar com o seu dinheiro para satisfazer os que não puderam ser aquinhoados com a distribuição por ele ordenada. Nessa ocasião já Deodato se havia retirado para o Crato e ainda o padre Cícero foi quem o salvou de, ali mesmo, ser desacatado pelos prejudicados.

Quando já tudo estava acabado, soube-se que Deodato fizera imprimir, em Recife, boletins, dando o padre Cícero como tesoureiro da "banca" e os espalhara pelos sertões dos Estados de Paraíba e Pernambuco. (32)

Porque esses boletins não circularam no Cariri, chegou tal notícia ao conhecimento do padre tardiamente.

É este o caso, nos seus mínimos detalhes.

Raciocinemos: que necessidade tinha o padre Cícero de concordar com aquela "banca", se houvesse percebido a possibilidade de ser desfalcada a bolsa da pobreza que ele socorre(33) e expor-se ao prejuízo que teve pela indenização aos prejudicados?

---

(32) Há alguns anos passados, quando o padre Cícero confiava em qualquer pessoa, um tipo *escovado*, com fumaças de rico, de um município vizinho, recebera dele dezoito contos em notas que já estavam sendo recolhidas, para trocá-las pelas da nova circulação, sem passar nenhum documento e depois negara, cinicamente, ao próprio padre que as tivesse recebido.
E o padre silenciou sobre o caso, porque o patife ameaçou-o de processá-lo.
Mas como atos de tal ordem não felicitam aos que os praticam, esse homem morreu sem recursos, deixando a família em penúria.

Quando muito, poder-se-á dizer que foi inadvertido em se deixar convencer pelo traficante, mas nunca um explorador.

Qualquer homem, por mais sensato, está sujeito a cair no laço dos espertos.

Vários Srs. Deputados – Apoiados.

O Sr. Floro Bartholomeu – Deixarei de comentar sobre os indivíduos que exploraram essas "bancas" e as célebres "mutuárias" e "caixas de pensões vitalícias" que fizeram a ruína da população brasileira naquela época, porque sabe V. Ex., Sr. Presidente, serem todos de alta categoria, e nem por isso perderam a confiança nem ficaram privados das mais elevadas posições na administração, no comércio e na política.

Por tudo que acabo de relatar, é fácil de calcular-se o valor das acusações ao velho padre e ao seu povo.

Vejamos, agora, mais um trecho da conferência do impagável Sr. Dr. Moraes e Barros:

> "Da dominação que exerce sobre as suas ovelhas podemos aquilatar a latitude, quando nos acompanhou em cortês despedida, abrindo passagem a cajado, até as guias da calçada. Da turba que o assediava, homens e mulheres de aspecto alucinado, olhos esbugalhados, com os braços estendidos atiravam-se por terra tentando tocar-lhe a barra da batina".

---

(33) Se é ele quem unicamente auxilia de modo eficaz a pobreza do lugar, a ponto de concorrer com todas as despesas para os casamentos e enterramentos das pessoas pobres, como teria satisfação em prejudicá-las nos seus mínimos recursos nas vésperas de uma tão grande seca como foi a de 1915?

Acredito que S. S. tivesse visto, em número talvez maior do que o existente, alguns homens e mulheres com fisionomia de loucos, porque realmente lá os há; mas também garanto que S. S. foi, como sempre, exagerado, em afirmar que todos eles tinham olhos esbugalhados e prostavam-se por terra "de braços estendidos", visto como são loucos mansos.

Sobre este caso devo fazer algumas considerações dignas de interesse.

A afluência de loucos em Juazeiro tem sua razão de ser.

No sertão, quando um individuo enlouquece, a família pobre ou rica, lança mão de todos os recursos ao seu alcance para obter a cura; mas, se depois de esgotados os seus esforços, não consegue o restabelecimento do parente, o abandona, pouco se importando com a sua sorte.

Se ele é um louco manso, a família ainda o conserva tratando como se fosse um estranho; se, porém, as exacerbações se repetem, o enviam para o Juazeiro, a fim de que o padre Cícero o trate e o sustente.

Já porque o padre é extremamente caridoso e se compadece desses infelizes, já porque ele tem um dom especial de dominar qualquer louco, – por lá se ficam, sustentados por ele, havendo diversos casos de cura completa.

Citarei alguns. Quando ali cheguei, em 1908, encontrei um louco, de cor preta, muito moço ainda, cuja mania era não falar, e habitar a sombra de um jatobazeiro que tem junto à igreja matriz.

Debaixo daquela árvore passou anos, suportando as estações de ardente verão e de copioso inverno, dia e noite.

Comia e vestia do que lhe desse o padre Cícero, a única pessoa com quem ele conversava e de quem tomava remédios.

Do ano atrasado para cá ficou restabelecido por completo e é um bom trabalhador e por todos estimado.

Há um outro que foi marinheiro e fez parte da revolta de João Candido e que ali foi parar não sei por que.

É moço, natural de Pernambuco e tem força hercúlea.

Chegou amarrado, tal o seu estado de alucinação.

Melhorou de tal maneira, que, por ser forte, é procurado para carregar volumes pesados, serviço este que desempenha com satisfação.

O que, porém, há de mais interessante é que quando ele sente alguma perturbação em certas fases da lua, se dirige ao quartel e pede à guarda que o recolha à cadeia, porque lhe parece que vai ter algum acesso. Quando se julga bom, pede para ser solto e vai trabalhar.

A única pessoa que S. S. podia ter presenciado com o aspecto de alucinada, com olhos esbugalhados e procurando beijar a batina do padre Cícero, era a velha Maria Panta, uma mulher do Rio Grande do Norte e de família abastada.

Mas, a fisionomia dessa criatura é um contraste com o seu mal, pois, não tem alucinação, apenas tem a mania dispendiosa de comer muito, uma espécie de "fome canina", não se farta com o que come.

E como o padre Cícero é quem a sustenta, ela o acompanha por toda a parte, invadindo qualquer casa onde ele penetre.

Além de alguns loucos nas condições por mim citadas, encontram-se algumas pessoas que o não são, mas sim desvalidas que também o acompanham à espera da esmola de todo dia.

O Sr. Moraes e Barros para escrever uma obra de mérito, deveria ter procurado seguros informes a respeito.

Não há quem desconheça a dedicação e a obediência dos loucos para com as pessoas que os não maltratam e, ao contrario, lhes dão o que comer.

Esses sentimentos afetivos em geral se mantém intactos nesses estados patológicos.

Quando eu residia, temporariamente, em Missão Velha, no Ceará, chegara uma louca mulher branca, de tipo distinto, pertencente a uma família importante da vila de Santo Antônio do

Piancó, na Paraíba.

Essa criatura, pelo fato de eu não consentir que os garotos a perseguissem, e dar-lhe comida, obedecia-me; e para me agradar furtava dos quintais vizinhos flores e as depositava à porta da rua de minha casa.

Até mesmo nos momentos de exacerbação, bastava que falassem em meu nome para ela atender imediatamente.

Em Triunfo conheço uma senhora, D. Sinhá Santos, que por ser muito caridosa e compadecida dos loucos, tem a sua casa sempre freqüentada por eles, que lá vão buscar o que precisam.

O mesmo se dá com a do padre Cícero que os sustenta, os trata e com eles tem paciência e caridade.

Ao tempo em que eu residia em sua casa, inúmeras foram as noites que o vi levantar-se alta hora, para atender a alguns doidos que batiam à porta.

Em uma dessas ocasiões acompanhei-o e tive que assistir um caso interessante.

Eram quatro loucas que haviam brigado, porque uma delas dissera que as outras não sabiam rezar o Padre-Nosso.

O padre, pacientemente, ouviu a queixa e, depois de mandar, cada uma delas repetir a oração, convenceu-as de que todas sabiam e abençoando-as fê-las voltar para os seus cômodos, o que fizeram na maior harmonia, sorrindo.

Para muitos, especialmente para os literatos da ordem do Dr. Moraes e Barros, essas coisas não têm nenhum valor, mas, ao meu ver, têm alta significação, visto como revelam a pureza do espírito daquele sacerdote.

Não conheço sacerdote capaz de, por simples caridade, deixar o seu leito, alta hora da noite, para vir atender a doidos. Só o faz quem, realmente, possui noções muito nítidas do que seja caridade cristã.

E atos como esses, que se passam sem testemunhas, demonstram bem claro a não existência de ostentação nem de hipocrisia

de quem os pratica.

Eis, portanto, o real motivo da afluência de doidos em torno do padre Cícero.

Se por isso ele merece censura e é digno do ridículo, então não percebo qual o meio a que ele deve recorrer para revelar a sua bondade.

Felizmente, ele conhece os homens e sabe quanto vale a estultice das pretensões humanas.

Desde que estou falando sobre coisas do sertão, não é importuno referir-me a uma das manifestações de caráter do sertanejo.

O mesmo abandono que de costume é dado pela família ao parente louco, quando se desengana da cura, nota-se para o que, gozando boa saúde, não se entrega com eficiência aos trabalhos e vive na penúria.

Não raro são encontrados indivíduos residindo em sítios de parentes ricos, mas em extrema pobreza, trabalhando de aluguel.

Essa norma é violada, no entanto, se eles chegam a sofrer qualquer desacato de alguém, principalmente de estranhos ao meio.

Neste caso, o parente rico sente-se ferido na sua vaidade e faz valer o célebre conceito de que "o sangue de parentes corre nas veias".

Muita vez é a causa de grandes questões.

Se o ofendido revela covardia, pacificada a luta, da qual foi ele a causa, volta ao antigo abandono; se, porém, reage valentemente, demonstrando capacidade para reação ou desafronta, ainda que vagabundo, começa a ter consideração e auxílio.

E dizem os que assim procedem que o parente inspira mais confiança que o estranho.

Passemos a outro ponto da conferência, no qual culmina a grosseria do Dr. Moraes e Barros.

Ei-lo nos seus termos textuais:

"O mordomo do padre. – Como não há Messias moderno sem secretário ou mordomo, o de Juazeiro tem o seu na figura um tanto rebarbativa de um fidalgo de linhagem "duvidosa", que acode a teuto apelido, esforçando-se por ser gaulês no sotaque, mas, que em realidade deve ser da mesma laia que o caricato imperador do Saara, rei do Conarú. O que há de certo, é haver o tal magano há cerca de vinte anos, firmado pacto matrimonial com uma afilhada do padrinho, desfrutando desde então a doce menagem do seu lar".

O conferencista nunca viu, senão naquelas poucas horas, nem conheceu por ouvir dizer, o conde Adolpho van den Brule, ilustre francês, engenheiro de minas; e, no entanto, com o maior desplante, o injuria, caluniando-o.

O Sr. Moraes e Barros ou é um doido ou um petulante de gorda marca.

Apesar de conhecer os precedentes honrosos do conde Adolpho, solicitei-lhe informações mais minuciosas.

Eis a resposta:

"Meu nome é conde Adolpho van den Brule. Nasci em Paris e sou filho legítimo do parisiense conde Ildefonso Pilo Jevaule, falecido na mesma capital francesa em 1898. Meu pai, quando morreu era diretor aposentado do Banco de França,

cargo que exerceu durante vinte e cinco anos, percebendo os vencimentos correspondentes e, não obstante aposentado, continuou a fazer parte do respectivo conselho, no qual serviu enquanto permitiram suas forças e sua saúde.

Meu titulo de conde foi concedido a todos os descendentes da família van den Brule, por um privilégio do rei Leopoldo, em recompensa a serviços militares que lhe prestaram os meus antepassados, que acompanharam a família do rei da Polônia para salvar aquele rei do cerco dos turcos em 1683.

Este meu titulo é conservado como um legítimo direito dos meus antepassados.

Fiz meu curso na escola de minas, em Paris, concluindo-o em 1882, saindo diplomado engenheiro de minas".

Por estes dados fornecidos pelo ofendido, o Sr. Moraes e Barros melhor se informará do governo francês, por intermédio dos respectivos consulados ou da própria embaixada no país.

Não há quem trate com o conde Adolpho, que logo não tenha a impressão de que fala com um homem finamente educado e, sobretudo, inteligente e preparado.

Dos muitos engenheiros que conheço, não encontrei nenhum que maneje tão bem, de modo prático, as matemáticas aplicadas à sua profissão, nem que faça melhores plantas do que ele. Certa vez ouvi-o conversar com o Dr. Arrojado Lisboa, sobre poços, e me convenci do seu preparo, tal a segurança dos seus conceitos em resposta às

interpelações daquele notável engenheiro, inspetor das obras contra as secas.

O seu "teuto apelido" tem origem justificada, mas não fala o alemão nem o belga; tão somente o francês, com a maior correção, e o português, que escreve melhor.

Ele não pode ser da laia do caricato imperador do Saara, Jacques Lebaudy, nem de Adolphe Brezet, que se dizia presidente da suposta República de Counany, no Amapá, que S. S., erradamente, suponho, chamou "Conarú".

Suponho que os dois únicos patifes que se diziam chefes de Estado e, como tais, vendiam nos bairros de Paris, aos incautos, títulos dos seus governos, foram Lebaudy, suposto imperador do Saara, e Adolphe Brezet, que se intitulou Presidente da República de Counany e não Conarú.

E porque tinha dúvidas a respeito, consultei o nosso colega Nelson de Senna, Deputado por Minas, homem dado a estudos de história, e ele me confirmou o que acabo de dizer.

Logo o Sr. Moraes e Barros é um leviano, porque, além de ofender, sem razão, a quem não conhece e nunca lhe ofendeu, incorre em erros imperdoáveis, citando coisas por ouvir dizer.

E termina a sua "lenga-lenga" chamando aquele digno cavalheiro de "magano" e afirmando que ele contraiu matrimônio com uma "afilhada do padrinho".

Pelas afirmações injuriosas de S. S., do começo ao fim da sua inútil conferência, eu me sinto no dever de estranhar que S. S. querendo dizer que a esposa do conde Adolpho é afilhada do padre Cícero, empregasse, em tom pejorativo, a expressão – "afilhada do padrinho".

Não pude compreender o que S. S. quis significar, externando-se de tal maneira.

Enfim, para que a honra pessoal e sacerdotal do padre Cícero não fique enlameada pelas acanalhadas expressões a que S. S. descortesmente recorreu, devo notar que aquela senhora

nasceu em Alagoas, na cidade de Maceió, e para o Juazeiro foi, pequena, em companhia dos pais; e que, por morte destes, a irmã do padre Cícero tomou-a, mantendo-a em sua casa até quando se casou com o conde Adolpho.

Atendendo a que os que me ouvem possam indagar como um estrangeiro nobre, filho de outro nobre, fora parar naquele sertão, anteciparei a explicação.

Falecendo o seu pai, anos depois, certo de que os recursos herdados não lhe permitiam a mesma vida de ostentação condigna no meio, como especialista, em minas, resolveu vir ao Brasil aventurar.

Chegando em Recife, foi informado de que nos limites de Pernambuco com a Paraíba havia uma grande mina de ouro, em terrenos de fácil aquisição, e partiu para o lugar. Chegando a Triunfo, verificou que o terreno pertencia à cidade de Princesa, da Paraíba, sete léguas de distância.

Mas como as comunicações entre as duas cidades eram fáceis, sendo que aquela mais adiantada, ali fixou residência.

Não podendo comprar os terrenos em virtude das ambições despertadas, associou-se com alguns cavalheiros das duas cidades para os primeiros estudos, até conseguir um sindicato.

Homem honesto, supondo ter bom resultado, contraiu casamento com uma senhorita pertencente a uma das melhores famílias da localidade.

Organizado o sindicato em Paris e vindo a comissão de profissionais, chefiada pelo engenheiro Paul Dupuy, quando, depois de seis meses de estudos e soma regular despendida pelo mesmo sindicato, iam lavrar os primeiros contratos, certo individuo, abusando da boa fé do conde Adolpho, de posse de umas pequenas posses de terras exigiu elevada importância, imediatamente, para assinar os documentos.

Não podendo ser atendido, visto como os engenheiros não tinham autorização para isso fazer, nem querendo o chantagista

entrar em nenhum acordo, voltou a comissão a Paris, sem nada poder conseguir, dissolvendo-se, por conseqüência, o sindicato, e ficando o negócio prejudicado por completo.

Desiludido desse negócio e já sem meios, um tanto sacrificado, foi ao Ceará verificar um terreno de minério de cobre, no município de Aurora; e, enquanto se conseguia reunir todos os proprietários, estabeleceu um contrato provisório e foi fazer uma excursão, utilizando-se da arte fotográfica para viver.

Nessa viagem foi ter aos sertões da Bahia, no povoado do Patamuté, município de Capim Grosso, onde eu me achava, de passagem, clinicando.

Relacionamo-nos e, dentro em pouco tempo, ele contando-me toda a sua história, me convenci de que, realmente era ele um homem de bem.

Dali retirando-me para o Morro do Chapéu, ele me acompanhou.

Resolvendo demorar-me algum tempo na vila de Ventura, lugar de extração de diamantes e carbonatos, fi-lo ficar, associando-me com ele no serviço de garimpo.

Em fins de 1907, sendo ele informado pelo já citado engenheiro Dupuy de que o mesmo individuo que perturbou o negócio da mina de ouro, por intermédio do cônsul francês, em Pernambuco, estava organizando, em nome dele, outro sindicato, com documentos supostos falsos, para explorar a mina de cobre de Aurora – ele me convidou para acompanhá-lo até o Cariri, a fim de evitar que fosse novamente enganado.

Partimos em novembro e chegamos em Triunfo no fim de dezembro.

Adoecendo sua esposa, faleceu em fevereiro de 1908.

Em maio seguimos para o Juazeiro, e foi quando conheci o padre Cícero.

Chegando a nova comissão chefiada pelo engenheiro Frochot, tudo se aclarou; mas nenhum negócio se pôde fazer,

porque as terras não estavam demarcadas.

Começada a demarcação, somente no ano passado, quatorze anos depois, teve a última decisão que foi – anular o feito.

À espera da solução do caso, lá se ficou o conde Adolpho, onde se casou com a senhora que é a sua atual esposa.

Dada a explicação, verá o Sr. Moraes e Barros quanto foi leviano em referir-se tão grosseiramente a um digno cavalheiro que, pelo menos na delicadeza de trato, é superior a S. S.

Com certeza S.S. estranhou o cavalheirismo desse distinto homem.

Há indivíduos que, segundo os seus hábitos, só se sentem satisfeitos quando são maltratados.

É o caso do conde Adolpho repetir a resposta de Franz Pacheco a Sylvio Romero, em virtude de uma crítica indelicada por este feita a uma sua produção literária: "Deus lhe pague com um burro aos coices e três aos pinotes". (*Risos*).

Pelo trecho que vou ler, Sr. Presidente, verá V. Ex. como o Sr. Moraes e Barros andou "matutando" no terreno da psicologia política e social daquela secção do Nordeste.

> "Matutando. – Vêm a talho de foices ligeiras considerações sobre a psicologia política e social desta secção do Nordeste.
>
> Juazeiro, como dissemos, não é mais do que um vasto acampamento, onde muitos milhares de habitações vivem em sórdida promiscuidade, em contato diário com as levas de peregrinos que lá vão buscar problemáticos remédios para os males do corpo e do espírito. Se, nesse meio

> propício, algumas, dentre as miríades de colônias de germes infecciosos que pululam no organismo humano, tais como o tifo, a varíola, a escarlatina, a febre amarela, o cólera, a bubônica, a disenteria, conhecidos pela exaltação da sua virulência, irromperem com a vulgar expansibilidade, ai do Cariri e de todo o sertão! Esse vai-vem ininterrupto de fanáticos boçais disseminaria a peste por toda a parte em razia devastadora".

Se o Juazeiro é uma cidade organizada, uma comarca; enfim, um município com sua administração legal, de acordo com a Constituição da República e a do Estado a que pertence, como pode ser, simplesmente, "um vasto acampamento"?

A verdadeira significação desta palavra, assim me parece, é a de uma "área onde um exército em campanha ergue as suas tendas, ou a do terreno onde os trabalhadores de grandes serviços residem temporariamente em suas barracas ou choupanas, de construção inferior, para habitação provisória".

Se as ruas são mais ou menos bem alinhadas e calçadas em cerca de sete mil metros quadrados, com praças, onde se erguem prédios bons, de sólida construção, como se admitir que as habitações estejam "em sórdida promiscuidade"?

Promiscuidade quer dizer "misturado, confuso e desordenado". Assim sendo, conforme consta dos dicionários, não podem estar em promiscuidade, prédios bons ou inferiores, edificados em ruas alinhadas.

E nem se compreende em "promiscuidade" as casas de uma localidade qualquer, por mais inferiores que sejam.

Mesmo no caso de haver essa tal promiscuidade, para que

ela fosse "sórdida", era preciso que essas casas, bem como os seus habitantes, fossem imundos, repugnantes, nojosas, nojentas, sujas e asquerosas.

Apelo para o meu nobre colega, o Sr. Simões Lopes, no sentido de vir dizer se é verdade o que afirmou o seu desastrado companheiro de comitiva.

Um Sr. Deputado – Não está no recinto.

O Sr. Floro Bartholomeu – O Sr. Moraes e Barros aplicou mal a palavra "sórdida" à disposição dos prédios e ao povo do Juazeiro; entretanto, ela teria aplicação apropriada a S. S., porque diz o dicionário, este livro injustamente denominado "pai dos burros", que "*sórdido* também é todo aquele que emprega meios degradantes para conseguir alguma coisa".

É indiscutível que S.S., recorrendo à injuria, à calúnia e à mentira, para conseguir notoriedade como literato, historiador e psicólogo, ainda que de marca ordinária, empregou meio degradante, e assim, não passa de um sórdido.

Ainda que S. S. procure desculpar-se, alegando capciosamente ter empregado a palavra "sórdida" em relação ao contato daquela população com as "levas de peregrinos", não se livrará da carapuça.

Sim, porque neste caso seria também sórdida a promiscuidade observada em todos os lugares de romarias e muito especialmente no de N. S. Aparecida, no Estado de São Paulo, ao qual S.S, por todos os motivos, não se animaria a se referir de maneira tão ofensiva.

A suspeição de S.S. em historiar os fatos é tão acentuada que ao descrever o local do sertão cearense, denominado "Poço dos Paus", onde está sendo construído um grande açude, pela Inspetoria das Secas, por intermédio de uma companhia estrangeira, um simples povoado recentemente formado, salientando a beleza das suas ruas – retas, largas, e dos seus edifícios – higiênicos e de alvenaria, para morada dos negros de Barbados, contratados pela mesma empresa – não quis

dizer que tudo aquilo foi feito com o dinheiro da Nação, ainda pagando o Governo, sobre os gastos por ele feitos, mais 15%.

Deste modo, à custa dos cofres públicos, todas as localidades sertanejas seriam dignas de admiração e iguais ou melhores que muitas capitais adiantadas.

O Sr. Raymundo de Miranda – Está claro.

O Sr. Floro Bartholomeu – Ora, Sr. Presidente, o Sr. Moraes e Barros sustenta, procurando atrair o ridículo para o Juazeiro, que "as levas de peregrinos lá vão buscar problemáticos remédios para os males do corpo e do espírito".

Com muito prazer me deterei na discussão desse ponto.

Em tese, quase todos os remédios, a não serem os específicos, na maioria dos casos, são considerados problemáticos, tais as circunstâncias que concorrem para a falta do bom êxito.

Acredito que, em grande parte, as curas se dão mais pelas condições orgânicas do individuo; tanto assim que o conceito salutar é de que se deve, de preferência, evitar a moléstia, porque curá-la nem sempre é fácil ou, melhor, quase sempre é difícil, pelo menos em virtude das suas conseqüências.

Contudo, a humanidade, ou pelo seu estado ainda de ignorância relativa, ou pelas tendências especiais do espírito às misteriosidades, encontra-se abarbada na interpretação do melhor meio de curar-se e por isto mesmo recorre aos múltiplos modos de tratamento, conforme pensa, ou é aconselhada.

Não se diga que esse fenômeno é observado unicamente no indivíduo ignorante; manifesta-se também no civilizado.

Daí resulta a procura dos remédios para o espírito e para o corpo, ou para ambos ao mesmo tempo.

Discutamos, separadamente, os dois casos.

Quais serão os remédios verdadeiros para o espírito?

Serão todos aqueles que lhe restabeleçam a calma, a tranqüilidade, o bom humor, enfim, que ponham termo a toda e qualquer perturbação existente.

Nesta classe estão os bons conselhos, as boas palestras, a segura orientação para o bem por nós imaginado na terra, pela palavra, pelos exemplos nos atos, pelo conforto das promessas votivas a Deus e aos santos e pelas orações dos crentes.

Estes remédios são encontrados no Juazeiro, porque são os mesmos existentes em todos os lugares de romarias, repito como em Bom Jesus da Lapa, São Francisco de Canindé, Candeias, Lourdes, Aparecida e tantos outros, muito especialmente onde haja um sacerdote de bons costumes, capaz de regenerar os indivíduos em lugar de corrompê-los, e de tranqüilizá-los em vez de perturbá-los.

Melhor do que eu, poderão falar a respeito os padres da Igreja.

Quais são os remédios problemáticos para o espírito?

Entre outros são os encontrados nas casas dos ocultistas, das cartomantes e dos adivinhos, dos *candomblés, macumbas ou canjerês,* onde os embusteiros exploram a boa fé e a ignorância dos que os procuram.

Mas, esses não se encontram em Juazeiro, porque lá não existe esta casta de gente.

E se porventura houvesse, estou certo, seria em número muito menor do que nesta Capital, em Niterói, talvez em São Paulo e outros meios adiantados.

Nos jornais de maior circulação desta cidade, particularmente o *Jornal do Brasil*, que mantém uma secção especial, sob a epigrafe "Cartomantes", encontramos os seguintes anúncios.

"Madame Oriental, à rua da Constituição nº 47, 1º andar; Madame Gioconda, à rua Souza Neves nº 19, Estação; Madames Bahianas, à rua Visconde de Santa Cruz nº 52 e à rua

Fernandes Marinho, na estação Oswaldo Cruz; Madame Maria Emília, à rua São João, em Niterói; Espírita Sonâmbula, à rua Barão de Petrópolis nº 93; Espírita residente à rua da Lapa nº 67; Madame Tagilda, à rua São Januário nº 224; Madame Souza, à praça Marechal Deodoro nº 36, 1º andar, e Madame Leão, à rua Riachuelo nº 27".

Já não quero citar os que não anunciam, como o Barão Ergonte e os chefes de *candomblés* ou *canjerês,* espalhados por todos os recantos da cidade.

Conquanto sejam casas pouco recomendáveis, são freqüentadas assiduamente por tipos de gravata e paletó, alguns de elevada posição social, e por muitas senhoras da conceituada sociedade carioca, – e não pelos matutos de Juazeiro.

O Sr. Raymundo de Miranda – Infelizmente, é uma verdade.

Vários Srs. Deputados – Que nos envergonha.

O Sr. Floro Bartholomeu – E o que vão ali buscar?

O Sr. Gentil Tavares – O que não presta.

O Sr. Domingos Barbosa – Serem explorados.

O Sr. Floro Bartholomeu – Dizem – desembaraços de vida, soluções para casamentos, saberem o "bicho" que dá e tantas outras coisas das quais o povo de Juazeiro seria capaz de zombar.

E quem sabe se o Sr. Moraes e Barros já não foi um freguês assíduo de madame Zizinha e não continua cliente do Barão Ergonte?

Sim, porque há indivíduos que cultivam o mal e, hipocritamente, o combatem, pregando o bem, à semelhança de Satanás que, segundo a lenda, para enganar os filhos de Deus, andou pelo mundo a pregar os Evangelhos. (*Risos*).

Quais serão os remédios para o corpo?

Necessariamente todos os que possam melhorar ou curar os males.

Destes são, em geral, considerados verdadeiros os que, aplicados de modo racional, de conformidade com os preceitos da ciência, dão bom resultado; são problemáticos os que, pela sua má ou inoportuna aplicação, por profissionais ou não, ou pela sua inexequibilidade de ação devida a múltiplas causas, inclusive as intrínsecas, isto é, as do próprio organismo – têm efeitos negativos e duvidosos.

No primeiro caso, temos os medicamentos de origem alopática ou homeopática quando racionalmente empregados, e os processos de sugestão; no segundo caso possuímos as tisanas e beberagens, indistintamente confeccionados com folhas, cascas e raízes de paus, nas suas múltiplas formas, bem como os preparados farmacêuticos tolerados pela Saúde Pública, e de fértil propaganda, para a cura de todas as moléstias, não somente indicados por charlatões, mas também por muitos médicos.

Mas, Sr. Presidente, sabe V. Ex., que estes medicamentos ou remédios, verdadeiros ou problemáticos, por mim citados, de preferência se encontram nos grandes centros e com especialidade nesta Capital, que é a principal do país.

Todos nós sabemos que em quase todas as ruas desta cidade há casas onde são vendidas folhas, cascas e raízes de paus, de todas as qualidades, e tisanas da mesma origem, e que os proprietários, de boa ou má fé, convencidos dos bons efeitos, indicam a aplicação.

Há até uma farmácia cujo proprietário é o Sr. Dr. Júlio Pereira Leite, que emprega tratamentos simples e de natureza vegetal.

Quanto aos preparados farmacêuticos, que pelos prospectos são eficazes, ao mesmo tempo, para as moléstias do pulmão, do coração, do estômago, dos rins, da sífilis e do artritismo, nem devo me referir, porquanto são do conhecimento de todos.

Em tais condições, como considerar os remédios

procurados em Juazeiro os únicos problemáticos?

Naquela cidade, como nesta Capital, sem tirar nem por, apenas em ponto menor, há médicos, há farmacêuticos, charlatães e curandeiros, farmácias e bodegas, onde são vendidos todos os medicamentos alopáticos e homeopáticos, folhas, raízes e cascas de paus.

O Sr. Augusto de Lima – Como em todo lugar.

Vários Srs. Deputados – Perfeitamente.

O Sr. Raymundo de Miranda – Quantos letrados tomam tisanas de preferência a outro qualquer remédio.

Um Sr. Deputado – E, às vezes, com bons resultados.

O Sr. Floro Bartholomeu – Quem tiver bom senso há de convir, Sr. Presidente, que se em Juazeiro só houvessem esses remédios problemáticos a que me referi, não era para causar espanto ao Sr. Moraes e Barros, porquanto é uma cidade sertaneja, constituída de gente pobre na sua quase totalidade.

O Sr. Gentil Tavares – Muito bem.

Vários Srs. Deputados – Apoiado.

O Sr. Floro Bartholomeu – S. S. devia admirar-se da existência destes remédios problemáticos aqui, na Capital, e, talvez, senão com certeza, na cidade de S. Paulo.

Já me ia esquecendo de fazer uma referência digna de atenção, para justificar até certo ponto a afluência de pessoas ali, em busca de tratamento.

Entre os motivos por mim aludidos, avulta o de ter o padre Cícero curado, por sugestão, alguns indivíduos, portadores de moléstias nervosas.

Afora os inúmeros casos de loucos por ele dominados facilmente no auge da alucinação, poderei citar dois muito interessantes, que suponho serem de histeria simuladora, dos quais dou meu testemunho pessoal.

Um cavalheiro, abastado fazendeiro dos sertões de Pernambuco foi acometido de uma perturbação nervosa e cuja

manifestação era a de que, ao levantar-se do leito, lhe havia caído uma banda do corpo, da cabeça aos pés.

A família recorreu aos médicos da localidade e dos arredores (chegou mesmo a se medicar em Recife), consultou a todos os charlatães e curandeiros, ao vigário da freguesia; enfim lançou mão de todos os meios possíveis, sem nenhum resultado.

O paciente sentia-se sempre pior quando se lhe dizia ser uma simples impressão.

Desiludida, a família levou-o ao padre Cícero, de quem ele era compadre.

O padre, homem inteligente, percebendo que o doente era um indivíduo sugestionável, ao invés de contrariá-lo, apoiou-o, concordando com o que ele afirmava, isto é, que realmente estava sem uma banda do corpo.

O homem mal tomava um caldo ou um pouco de leite, derramado, cuidadosamente, por um canto da boca.

Só o fato do padre afirmar que ele estava nas condições alegadas, foi o bastante para que ele, em palavras mal proferidas, dissesse: "Eu bem dizia que o meu compadre conhecia muita doença".

Então o padre fê-lo tomar, na mesma ocasião, uma forte dose de aguardente alemã, e ordenou que o levassem para casa, garantindo que o poria bom no fim de três dias de "resguardo".

O tal "resguardo" é uma espécie de dieta a que o sertanejo voluntariamente se submete quando toma qualquer purgativo, que ele denomina "uma purga", e com especial menção se for de jalapa e que consiste em ficar em um quarto fechado, durante três dias pelo menos.

E o médico que não estabelecer esta prescrição ou quiser contrariá-lo nessa prática, perde a confiança, passa como incompetente.

Findo o prazo, conduziram-no à presença do padre Cícero.

Perante todos, o padre, sorrindo da esquisitice do estado de impressão do doente, dizendo achá-lo melhor, fê-lo fechar os

olhos e fazer uma prece qualquer e, apertando-lhe a cabeça como quem estava grudando alguma coisa, ordenou que se levantasse, afirmando-lhe já estar curado.

Com surpresa para todas as pessoas presentes, o homem levantou-se imediatamente, marchando na sala, e declarou sentir-se bom.

Bebeu, nessa ocasião, cerca de um litro de leite, sem auxílio de ninguém.

Voltando o doente ao seu rancho, o padre, em lugar de fazer crer ser milagre, sorria, dizendo a todos: "É moléstia nervosa".

Outro homem, chefe de família numerosa, honesto e trabalhador, residente em Missão Velha, vila do Ceará, me foi apresentado pelo vigário, o padre Horácio Teixeira, para dispensar-lhe cuidados médicos.

A impressão desse doente era de que, não obstante a sua vida de costumes austeros e dedicação à Igreja, sempre ouvia alguém lhe dizer que ele "iria para o Inferno".

Não houve meio de melhorá-lo, quanto mais de curá-lo; e já havia consultado os demais clínicos da região.

E, porque eu com ele era paciente, não me deixava a casa, vindo de quando em vez.

Aborrecido com as suas repetidas visitas e me recordando do primeiro caso já relatado, aconselhei-o a procurar o padre Cícero.

Para não perturbar a marcha do tratamento por sugestão, designei o dia que ele devia ir ao Juazeiro, e, então, fui ter com o padre Cícero, a quem expliquei o caso.

No dia determinado, lá foi ele entender-se com o padre Cícero.

Este, depois de ouvi-lo, garantiu-lhe que, em vista dos seus bons costumes, ele não "iria para o Inferno". Foi o bastante para que esse pobre homem ficasse melhorado e voltasse ao trabalho, no qual ainda hoje continua, sem nada mais sofrer.

E não cito estes casos por ser um fanático, para apresentar

o padre Cícero como autor de milagres; mas para provar o efeito da sugestão por ele exercida. (34)

Nem poderia ser por outro motivo, porquanto tenho um exemplo semelhante em pessoa de minha família, que passo a relatar.

Uma tia paterna, extremamente histérica, certa noite, no ano de 1893, na capital da Bahia, foi bruscamente acometida de um acesso com todas as manifestações de loucura.

Foi o seu médico assistente o Dr. José Marques dos Reis, que ainda é vivo.

Durante vinte e cinco dias esteve no mesmo estado, sem nenhuma melhora, de modo que, de acordo com o médico nos dispusemos a recolhê-la ao manicômio.

Aconteceu, porém, que na véspera do seu brusco restabelecimento, foi visitá-la o monsenhor Vitório Pinto das Neves, vigário geral do arcebispado e vigário da paróquia de Sant'Anna, que a estimava pelo fato de ser ela uma dedicada zeladora do altar de Nossa Senhora de Lourdes, da igreja matriz, e presenteou-a com um pequeno registro da mesma imagem, em moldura de madeira.

Durante a noite, foi tal a gravidade do estado, que o médico a não abandonou.

Pela manhã, porém, cerca das 7 horas, ela, espontaneamente, apertou o tal quadrinho do registro à cabeça, e de modo rápido levantou-se, gritando: "Estou boa!".

Ficamos todos pasmos com o que vimos, e supusemos ser passageira a lucidez; no entanto, nada mais teve e ainda está viva, com quase setenta anos de idade.

Seja por sugestão, conforme os preceitos científicos, seja

---

(34) Além do tratamento nesses casos e de indicar remédios de ação curativa conhecida de moléstias comuns, dando o dinheiro para a compra dos mesmos, paga aos médicos quando examinam e receitam ou tratam muitos dos doentes que o procuram.

por milagre, de acordo com os ensinamentos da Igreja e a opinião dos padres, o que não há dúvida e´que são fatos comuns.

E, felizes daqueles que, achando-se em semelhantes condições, possam obter a cura por esses meios.

O que há de certo, por fim, é que não podemos falar com ironia sobre "remédios problemáticos" de Juazeiro, da Aparecida ou de outro qualquer lugar de romarias, porquanto, não raro, entre os educados, ouvimos dizer que a salvação dos doentes não é devida ao efeito dos medicamentos prescritos pelos profissionais, mas sim a Deus,

O povo, de baixa ou alta escala social, ignorante ou educado, tem o hábito de afirmar, quando o doente morre, que foi o médico quem o matou, e quando se restabelece, que foi Deus quem o salvou.

Tanto assim que cotidianamente missas são celebradas em ação de graças pelo restabelecimento da saúde de pessoas.

Indivíduos há, aliás, de boa educação, que só se tratam com homeopatia, outros com tisanas, outros ainda por meio do espiritismo, enfim muitos que não acreditam na alopatia.

Conheci até dois médicos, clínicos de reputação firmada, que nunca deixaram de fazer promessas votivas e manter velas acesas em oratórios de casa, quando tinham sob seus cuidados clientes de posição elevada.

Muitas vezes ouvimos o medico dizer, referindo-se ao cliente, quando o mal se agrava, a despeito do melhor tratamento empregado – nada mais tenho a fazer, só Deus o salvará.

Se nos meios educados tudo isso é observado, quanto mais no interior do país, onde todo individuo letrado – seja padre, magistrado, professor ou advogado, na falta de médico, farmacêutico ou de curandeiro acreditado, é pelo povo ignorante, procurado para indicar medicamentos.

O sertanejo entende que todo "formado", conhece medicina.

E quem, porventura, ignora que os portadores de moléstias crônicas, até profissionais, quando desiludidos da cura, pelos meios terapêuticos, recorrem aos "remédios problemáticos" ou mesmo aos reconhecidamente ineficazes, sob o fundamento de que "quando Deus quer água fria é remédio?".

Qual o clínico que ainda não surpreendeu clientes no uso, às ocultas, de beberagens fornecidas por charlatães, de preferência à medicação por ele empregada?

São fatos comumente observados na vida clínica.

Nestas condições, não se justifica a referência do Sr. Moraes e Barros sobre a procura de "remédios problemáticos", no Juazeiro, pelos peregrinos que ali vão.

O Sr. Moraes e Barros, querendo salientar a possibilidade de epidemias em todo o sertão nordestino, saiu-se com esta banalíssima ponderação:

> "Se, nesse meio propício, alguns, dentre as miríades de colônias de germes infecciosos que pululam no organismo humano, tais como o tifo, a varíola, a escarlatina, a febre amarela, o cólera, a bubônica, a disenteria, conhecidos pela exaltação da sua virulência, irromperem com a vulgar expansibilidade, ai do Cariri e de todo o sertão!"

Antes de tudo devo acentuar as dúvidas que tenho sobre a afirmação do conferencista de que as "miríades de colônias, desses germes infecciosos" a que aludiu, "pululam normalmente no organismo humano"; porque, se não estou enganado, eles existem

nos elementos que cercam o indivíduo, como a água, o ar, o solo e os seres inferiores, intermediários entre estes e aquele.

Sim, porque nos raros casos de existência de algum desses germens no organismo, são no estado de saprofitismo, sem nenhuma virulência.

Porque, se assim não fosse, o estado normal não seria a saúde.

Não discutirei esse ponto, atendendo a sua complexidade e por não ser o verdadeiro assunto do meu discurso.

E quando a população do Juazeiro chegar a ser assolada por qualquer dessas moléstias, que, em regra geral, se originam no litoral, as demais já estarão arrasadas; assim, não será o Juazeiro o responsável pela disseminação, mas sim uma das vítimas.

Acresce a circunstância de que a maioria delas, as de caráter mais grave e de difícil tratamento, como a febre amarela, o cólera e a bubônica, só irrompem no interior pelo desleixo da Saúde Pública nas cidades do litoral, ou, melhor, nos portos.

E casos há em que nem mesmo os cuidados da Saúde Pública podem evitá-las.

Senão, vejamos o que ocorreu com a "espanhola" ou "bailarina", que assolou todos os continentes, todas as cidades adiantadas, onde a profilaxia é praticada com desvelo.

O que há de mais interessante é que essa terrível epidemia ceifou mais vidas aqui nesta Capital, sede da Saúde Pública, onde não faltam médicos nem farmácias, do que no interior, onde esses recursos são por demais escassos.

Por isso é que o povo, não sei se com razão, proclama, a propósito, que "Deus dá o frio conforme a roupa".

Não subscrevo, em absoluto, este conceito popular, pois que não sou um estacionário e muito menos um retrógrado, mas como homem prático, entendo que sobre umas tantas coisas não devemos falar conforme pensamos; ao contrário, somos forçados a obedecer a um critério especial encarando-as de acordo com as

circunstâncias que as cercam.

A capital da Bahia, que tem um serviço profilático bem regular, foi vitima de epidemia de varíola, da forma, a mais virulenta.

Quanto à varíola, contra a qual a vacina é seguro preventivo, em Juazeiro, foi jugulada porque o padre Cícero, há alguns anos, mantém, por meio de pessoas práticas, pagas do seu bolso, a constante vacinação do povo, e ainda hoje se preocupa com essa medida.

Aproveito o ensejo para salientar que o padre Cícero para combater o tracoma, pagou do seu bolso, durante um certo tempo, ao oculista Dr. José Furtado, clínico do Crato, para ir ao Juazeiro duas vezes por semana, a fim de tratar os acometidos deste mal e habilitar o farmacêutico do lugar no tratamento.

E o risco que corre em Juazeiro, não será o mesmo que poderá correr na Aparecida, em S. Paulo, pelas "levas de peregrinos?"

O Sr. Moraes e Barros deveria "arriar o saco e contar essa história direito", e não se valer do Juazeiro para fazer uma "fita" de literato.

Eu poderei também dizer – "ai do interior de S. Paulo, de Minas e dos Estados vizinhos, se essas epidemias irromperem na Aparecida, pelo "vai-vem ininterrupto de fanáticos boçais que ali freqüentam".

Sim, porque se são "fanáticos e boçais" os romeiros ou peregrinos que vão ao Juazeiro, o são também os que freqüentam a Aparecida.

É também digno de análise, Sr. Presidente, este último capitulo da já aludida conferência, que passo a ler:

"Outro perigo não menos temeroso diz respeito à ordem pública. Por enquanto os cangaceiros estão

acorrentados aos gestos complacentes de um homem. É preciso, porém, não olvidar que esse homem é feito da mesma massa que os outros e conta 79 anos de idade; mais dia, menos dia, cumprindo o seu fado, como os seus semelhantes, terá de emigrar desta para melhor. E então?! Bem poderá ser o dilúvio do cangaço em liberdade inundando todos os recessos e, quiçá, levando a ferro e fogo os lares transerranos.

Para anteparar os perigos destas presentes perspectivas existe recurso que não falha – a estrada de ferro. Ela reintegrará aquela parte do território sob a égide da lei comum; ela extinguirá o perigoso foco armado de Juazeiro, sujeitando-o à pronta e eficiente ação das autoridades centrais; ela facilitará as providências sanitárias defensivas e ofensivas; ela estimulará o desenvolvimento econômico do Cariri. Não serão dois, e sim uma fileira de coelhos a matar de uma cajadada. Para prevenir o perigo eminente da eventual liberdade do cangaço, seria preciso cuidar desde logo, com jeitoso tato, da sucessão da influência da atual sotaina, que se assenta em mística superstição por outra que se apóia na religião verdadeira, tolerante e arguta.

A quem prestígio e energia não faltaram para suprimir o fetiche zebu, incumbe completar a obra meritória

preparando "a transição".

Eu não sei de quem o Sr. Moraes e Barros ouviu essa lenda de "cangaceiros acorrentados aos gestos complacentes".

Admitindo-se com certo rigor de condescendência, a possibilidade de "gestos" servirem de "correntes" para serem amarrados cangaceiros, não seriam os "complacentes", mas sim os repressores.

Enfim, como é certo que a imaginação dos literatos concebe imagens de múltiplas formas, é natural que assim o fizesse, de acordo com o seu nefelibatismo.

Já demonstrei, com dados positivos, a inexistência ali de cangaceiros; portanto, S. S. não deve ter receio do seu previsto "dilúvio de cangaço", quando o padre Cícero "se for desta para melhor".

Se S. S. fosse um homem de critério na observação, perceberia que o único risco a se temer depois da morte daquele sacerdote, é grande parte daquela população, coagida por perseguições ou desolada pela sua falta, abandonar o lugar, dando avultado prejuízo ao Estado, pela diminuição da lavoura, redução de comércio e falta de braços para o trabalho útil e compensador.

O Juazeiro é uma comarca que tem completa, e agindo legalmente, organização administrativa, policial e judiciária; e, desta forma, não precisa de estrada de ferro para "se reintegrar sob a égide da lei", "nem extinguir o perigoso foco armado", que somente S. S. foi quem viu nas quatro horas que lá esteve.

Com franqueza, Sr. Presidente, nunca vi um homem de tanta coragem como o Sr. Moraes e Barros em afrontar, sem acanhamento, o justo juízo do público pela sua leviandade em falar e escrever.

Os sertanejos, quando vêem um senhor com tal coragem, cheios de pavor, dizem: "este cabra é capaz de tirar leite em uma

onça jejuada". (*Risos*).

Um Sr. deputado – realmente, é preciso ter muita coragem. (*Risos*).

O Sr. Floro Bartholomeu – Não acredito, em tese, que a estrada de ferro, evite crimes. (35) E não acredito porque sou testemunha ocular de que nesta cidade, a capital do país onde há cerca de quinze mil praças entre polícia, guarda civil e exército, os crimes mais hediondos são cometidos. Inútil será me alongar em considerações referentes às inverdades e oncoerências do Sr. Moraes e Barros, nas suas conferências sobre o Nordeste e, em particular, sobre o Juazeiro e o padre Cicero.

Esse conferencista, Sr. Presidente, teve a veleidade de se julgar em condições de dissertar sobre o sertanejo nordestino, com a observação feita em uma viagem de automóvel, em menos de um mês,

---

(35) Em um dos números d'*A Noite*, de um dos meses do ano de 1921, li que em uma das ruas bem transitadas desta capital, às nove ou dez horas da noite, um capadócio laçou, de surpresa, pelas costas, uma senhora casada, com uma corda, jogou-a ao chão e, com o maior escândalo, tentou violentá-la, com fins libidinosos.

Nem foi preso, porque, não podendo vencer a relutância da vitima, fugiu.

Há bem poucos meses passados, também em uma das ruas desta cidade, um negro, para desafrontar a irmã que era criada da casa de uma família e havia sido dispensada por não prestar, esbordoou barbaramente duas senhoritas, uma professora e outra normalista, machucando-as, à vontade, com os pés, até deixá-las sem sentidos, em estado grave e nada sofreu, porque no momento não houve quem o castigasse, nem foi preso por ter escapulido.

Casos de tal ordem, revestidos de tanta selvageria e maior insolência, pelo sertão não são registrados, porque não há quem garanta os autores, e a punição preferida é a morte por parte da família ofendida.

Há cerca de dois ou três meses, às onze horas da noite, no *bar* da Brahma, na Avenida Central, o ponto mais concorrido, perante mais de cem homens, um bacharel assassinou um médico notável, seu cunhado, com seis tiros de revólver, sendo cinco pelas costas, e não houve quem evitasse o desastre.

No sertão o crime desta natureza constitui de ordinário a destruição de uma família e o autor, ainda que absolvido, não terá mais tranqüilidade, visto ser

pelos sertões de três ou quatro Estados.

Sem a mínima noção de tamanha responsabilidade, disse o que lhe pareceu provável.

Em resumo, particularizando o Ceará, afirmou que o sertanejo daquele Estado "É extremamente degenerado não só pelo lado físico como pelo moral".

Antes de mais nada, devo insistir que o sertanejo cearense é do mesmo tipo, tem os mesmos hábitos, possui os mesmos caracteres físicos e morais do dos demais Estados do Norte do país.

Assim, não se justifica a especialização do cearense.

Não obstante o meu seguro conhecimento, por uma observação ininterrupta durante dezenove anos, pelos sertões da Bahia, Pernambuco, Paraíba, Piauí e Ceará, acastelo-me na valiosa opinião de Euclides da Cunha, que diz: "o sertanejo do norte é um

---

irremediável a vingança.

Dias antes da minha chegada à cidade de Remanso, no Estado da Bahia, onde eu fora iniciar minha vida clínica, em abril de 1895, havia sido assassinado na própria cadeia pública, guarnecida por um regular destacamento de polícia, um preso, morrendo, também na ocasião o tenente comandante, que exercia o cargo de delegado do termo.

A causa do crime foi a seguinte: o preso tirara a vida de um primo legitimo, filho do coronel Medrado Castello Branco, chefe de uma família importantíssima do rio S. Francisco, que era a esse tempo oposicionista ao governo do Estado.

O autor do primeiro crime, logo após o cometimento, evadiu-se.

Andou por muitos lugares, mas em nenhum se julgou garantido.

Por fim, para não morrer, preferiu recolher-se à prisão, o que realmente o fez.

Não obstante essa resolução, os irmãos da primeira vítima, os filhos do mesmo coronel Medrado, com cangaceiros, em uma noite de luar, em uma quarta-feira da Semana Santa, ostensivamente penetraram na rua e se vingaram, matando o primo junto da própria mãe, tia legitima deles.

No sertão, especialmente no Nordeste, o respeito às famílias é um fato que não merece discussão.

A propósito, citarei, entre outros do meu conhecimento, o seguinte:

Já vai lá para uns treze anos que no município de Jardim, Estado do

retrógrado; não é um degenerado".

E continuando, o grande escritor frisa com alta competência que "a sua evolução física, por mais demorada que esteja destinada a ser, tem agora, a garantia de um tipo fisicamente constituído e forte".

Acrescenta ainda o saudoso literato que "nos sertões a integridade orgânica do mestiço desponta inteiriça e robusta, imune de estranhas mesclas", e que "o sertanejo é, antes de tudo, um forte, porque não tem o raquitismo excêntrico dos mestiços neurastênicos do litoral".

Penso que S.S., não conhecendo o interior do Nordeste, para sobre ele escrever ou falar, deveria, ao menos consultar alguns livros que bem tratassem do assunto.

Eu, porém, não me quero limitar a citar Euclides da Cunha;

Ceará, estavam em luta renhida dois chefes políticos de grande prestígio, tendo cada qual número avultado de homens armados.

De um desses grupos fazia parte um cangaceiro de nome Salvador, homem de vinte e poucos anos, mestiço de "cabelo corrido", bem parecido e valente.

Quando a questão estava no auge, um dia Salvador, vindo com alguns companheiros dos arredores para a cidade, ao encontrar uma vaca deitada no meio da estrada, meteu-lhe os pés, dizendo:

"Sai daqui fulana" e proferiu o nome da esposa do chefe adversário do seu patrão.

Um dos companheiros, cabra traquejado na vida e conhecedor das normas de respeito, imediatamente, disse: – "Salvador, não diga isto com sinhá dona fulana, que é uma mulher honrada". Salvador, porém, sem perceber a gravidade da sua insolência, retorquiu: – "Cabra chaleira, se não gostou, vá dizer ao coronel fulano que *mande minha ceroula que eu deixei amarrada nos punhos da rede dele*".

(É uma expressão injuriosa usada entre os cabras, uns com os outros).

Não sei como, com poucas horas mais, chegou ao conhecimento de toda a população da cidade a notícia da ofensa proferida por Salvador.

Sem mais demora a respeitável senhora atingida pelo insulto e o seu digno esposo receberam um emissário do chefe adversário, que lhes fora declarar em nome deste que Salvador não encontrava apoio da parte dele para tamanha insolência e que o cabra seria castigado conforme os ofendidos determinassem.

Das repetidas conferências ficou resolvido, com a maior reserva, que a

vou usar "a louça de casa", isto é, o que sei por criteriosa observação.

Se S. S. trouxesse, como seguro apoio à sua opinião sobre o estado de degenerescência física, a mediana estatura do povo do sertão, eu poderia, fazendo algumas restrições, deixar passar o engano ou o erro; mas, desde que não particularizou e, ao contrário, falou generalizando, sinto-me no dever de opor valioso argumento.

O indivíduo fisicamente degenerado é aquele, cujo tipo é definhado por vícios constitucionais, doenças ou moléstias adquiridas, sem disposição para o trabalho, sem atividade, sem confiança no esforço, sempre abatido e incapaz de resistir às inclemências nas suas múltiplas formas, que atuam sobre o corpo e sobre o espírito; enfim, aquele que dificilmente chega à velhice no uso mais ou menos integral

---

única solução seria a morte de Salvador, por intermédio do próprio patrão.

Então este, fiel ao compromisso, mas sem demonstrar o intuito, tão somente fazendo valer o receio do assassinato do cabra, ali mesmo, por ordem da senhora ofendida, mandou Salvador para um município vizinho, com a recomendação ao respectivo chefe sobre o que tinha havido e o que haveria de ocorrer em tempo oportuno.

O chefe a quem Salvador fora recomendado, por sua vez fê-lo seguir para o sítio de um seu sobrinho, aconselhando-o tal chefe, ciente de toda manobra, mas sem dar a perceber que tudo sabia, fê-los seguir com Salvador, que estava presente, para o mesmo sítio do sobrinho, repetindo a recomendação de que tivessem cuidado, acentuando ser mais fácil livra-los da polícia do que de outros cangaceiros.

Ainda nessa ocasião Salvador com a mesma petulância insistiu que se quando estava sozinho não tinha medo quanto mais unido aos três companheiros.

Eu, mesmo, de passagem pelo local tive ocasião de vê-los na mais íntima camaradagem.

Passados já dois meses, em uma noite de sábado, foram os quatro cabras juntos a uma festa de casamento de um morador de um sítio vizinho.

Mas antes de partirem, Salvador não querendo ir armado de *rifle* para a festa, Faveleira, Antônio Leite e Cravo Branco disseram: – "Salvador, você não vai armado?" – ao que ele respondeu: – "Não, aqui não tenho inimigo, e assim somente conduzo o meu punhal e o meu revólver".

E foram. Sambaram à vontade, e às três horas, mais ou menos, da

de suas funções orgânicas.

Quem conhece o sertanejo do norte, há de nele observar o contrário de tudo isso.

A sua comum aparência de enfraquecido contrasta, de maneira positiva, com a sua real resistência.

É fácil a demonstração prática, pois não quero discutir com teorias.

O individuo do litoral, especialmente o civilizado, ou tido como tal, é um eterno escravo da magnésia bisurada, do bicarbonato de

---

madrugada, retiraram-se juntos e satisfeitos.

Trinta dias mais ou menos eram passados, quando chegaram ao município, onde se achava Salvador, três dos seus companheiros, seus íntimos amigos, cabras do mesmo patrão, conhecidos pelos nomes de Faveleira, Cravo Branco e Antônio Leite, pedindo proteção ao mesmo chefe, sob o fundamento de que o patrão os havia expulsado do seu grupo.

Depois de uma légua de viagem, caiu Salvador ferido mortalmente pelos seus três íntimos companheiros.

Eu, que estava a cinco léguas de distância, em outro município, dispensando cuidados médicos a esposa do Sr. Pedro Cardoso dos Santos, sendo convidado para ir até a casa do chefe, sob a proteção do qual estava Salvador e os companheiros, lá chegando lhe perguntei se era verdadeira a notícia da morte do cabra, ao que ele, calmamente, me respondeu:

"Felizmente é verdade, doutor; cem dias de indulgências para quem matou Salvador e trezentos para quem matar Faveleira, Cravo Branco e Antônio Leite".

Estes, atualmente, já são mortos, pois também foram assassinados por outras causas. E com a morte de Salvador ficou terminada a questão entre os dois chefes.

Fatos dessa ordem são testemunhos evidentes de como no sertão se leva em consideração o respeito à honra das famílias.

Em uma capital civilizada, já mesmo pela natureza do crime, quando muito, Salvador seria processado, para logo ser posto em liberdade, visto a pena, segundo o Código, ser pequena, correndo o risco de ficar estabelecido o precedente.

Por aquelas bandas qualquer senhora de família, casada, solteira ou viúva, viaja sozinha, acompanhada de um ou mais cabras, muitos até de cor branca, sem receio de ser desrespeitada.

sódio, da cascara sacra, dos tônicos, do mercúrio, do soro hormônico e outros; da água filtrada para evitar infecções intestinais; do automóvel para não se fatigar; dos capotes para não se resfriar, e de todos os cuidados capazes de evitar e corrigir incômodos e males.

Entretanto, o sertanejo vive ao desabrigo de todos esses meios de defesa e, relativamente goza de melhor saúde e é mais forte.

Enquanto o civilizado come o filé, a fatia de fiambre, o *purê* de batata, simplesmente com fatias de pão, e é perseguido pelas más digestões, pela acidez – o seu maior tormento, – pela insuficiência renal,

---

Frei Marcelino de Milão, frade franciscano, sacerdote de talento e ilustração, notável orador sacro, cujas virtudes nunca foram postas em dúvida, residente em Fortaleza, no tempo da revolução do Juazeiro, quando as nossas forças se espalharam pelas localidades à margem da estrada de ferro de Baturité, espontaneamente apareceu por lá com os bons intuitos de evitar abusos.

Realmente, sua ação foi salutaríssima, não só pela sua energia prudente e sua acentuada bondade, mas também pela natural obediência e costumado respeito dos romeiros de Juazeiro aos padres.

Incansavelmente acompanhava os cabras, confessando-os pelas estradas, incutindo-lhes idéias de ordem, no que era obedecido.

Terminada a luta, chegando eu a Fortaleza, fui visitá-lo e agradecer-lhe pelos inestimáveis serviços prestados.

Em palestra, dele ouvi o seguinte: "Nunca vi um povo ignorante tão respeitador de famílias, pois o acompanhei naqueles dias agitados e de possíveis desregramentos e não tive conhecimento de um só fato a respeito".

E porque esse digno sacerdote me garantiu que quando eu quisesse daria por escrito esta declaração, é que cito o caso.

Esta afirmação, no entanto, não me surpreenderia, pois era um fato por mim conhecido.

Como estou escrevendo para história, querendo ser verdadeiro, a propósito, devo relatar o fato seguinte, ainda que sobre mim possa recair alguma censura: naquele mesmo período revolucionário, uma vez fui informado de que um cabra de nome Domingos, nos arredores da cidade de Iguatú, havia invadido uma casa de pessoas pobres, espancando os velhos e deflorando uma filha destes. Admirado da petulância do cabra e muito mais revoltado contra a crapulice do mesmo, confesso com a maior sinceridade, mandei imediatamente cinco homens com o fim de verificar se era exata a informação, com ordens terminantes de, no caso afirmativo, ser ele morto, para exemplo dos outros.

pelas enxaquecas, o sertanejo, depois de devorar prato regular de feijão cozido na água e sal, com farinha ou arroz, e, raramente, um pedaço de carne de boi ou de bode, seca, porque a fresca só usa aos domingos, derrama em um prato toda a medula, (por eles chamada "tutano") de uma canela de boi (também denominada "corredor") e misturando um pedaço de rapadura esfarelada, come satisfeito, como sobremesa apetitosa, para logo após dormir tranqüilamente.

Uma alimentação desta natureza usada por um indivíduo das cidades adiantadas, seria o suficiente para ter um médico à cabeceira; mas para o sertanejo nenhuma perturbação produz, nem indigestão, nem acidez.

No campo, muita vez, bebe o mel de dois ou três cortiços de abelhas, correspondente a mais de um litro, e nada sente.

Trabalha exposto ao sol e à chuva, dorme ao relento em noites frias; logo após o despertar, em madrugadas friorentas, penetra no mato; viaja a pé de quinze e até vinte léguas por dia; corre a cavalo dias e dias atrás do gado em vaquejada; e de ordinário só usa tisanas de raízes e casca de pau; e, por fim, chega aos setenta e aos oitenta anos. (36)

Não tem reumatismo, nem dores de cabeça, nem dentes cariados.

Ao passo que o homem da cidade, a despeito do melhor

Felizmente não era verdade, mas sim uma mentira propalada por desafetos.

Quando ele voltou ao Juazeiro, já ciente do ocorrido, me procurou para dizer-me "que se fosse verdade o que me haviam informado ele me perdoaria a sua morte, alegando ser incapaz de injuriar o padre Cícero".

É de mister acentuar que no interior os homens de responsabilidade, os mais católicos e tementes a Deus, e de costumes mais irrepreensíveis, em se tratando de casos semelhantes, não hesitam em concordar ou ordenar medidas repressoras como esta.o que tivesse muito cuidado, alegando ser mais fácil livrá-lo da polícia do que de um outro cangaceiro.

Salvador, não compreendendo o que o chefe lhe queria dizer, arrogantemente respondera que de cangaceiros ele saberia defender-se.

tratamento, acometido de uma pneumonia, morre de colapso, – ele, atacado do mesmo mal, atravessa a marcha cíclica da moléstia, exposto ao ar, em uma rede de corda, algumas vezes nu da cintura para cima, usando como remédio simples beberagens de quina-quina, e se restabelece do seu "catarro de sangue", que é a denominação por ele dada.

Acometido de paratifo, quase sem nenhum tratamento, por fim se restabelece.

Conheço três casos de castração completa, dos quais um, por simples perversidade de Luiz Padre, na cidade de Cajazeiras, em Paraíba, e dois por vingança, tirada a dois desonradores de donzelas, nos arredores de Milagres, no Ceará, – cujas vítimas, em completo abandono, quase sem nenhum cuidado médico, ficaram boas e estão vivas, com saúde.

É muito comum nas grandes cidades, o menor arranhão, de ordinário, produzir o tétano, a septicemia; entretanto, pelo interior, indivíduos há que são feridos gravemente a faca e a bala, e com o

---

(36) Conheci uma doida, de nome Maria Macaúbas, que, acometida de varíola confluente, em pleno estado febril e de erupção, saía as ocultas de casa, à noite, e banhava-se algumas horas em um poço onde se lavavam os cavalos e burros dos comboeiros, e ficou boa. burros dos comboeiros, e ficou boa. Tenho em meu poder, como meu morador, um cabra de nome Maximiano Barbosa, que, vítima também da varíola, em Juazeiro, depois da revolução, quando eu já me achava aqui, teve como tratamento, aplicado por uma velha curandeira, uma garrafa de cachaça, misturada com pólvora inglesa, diariamente, às xícaras.

Ninguém poderá dizer que semelhante beberagem pudesse curá-lo e que não fosse bastante para levá-lo a sepultura; o que é verdade, porém, é que, não obstante o uso de um veneno, se assim se classificar, sem auxílio de um medicamento, por fim se restabeleceu.

São fatos que somente sendo observados podem não ser tidos no mesmo plano do contado pelo Sr. Moraes e Barros, isto é, dos "jumentos cavarem cacimbas com os cascos, nos tempos da seca no Nordeste".

Não há dúvida de que o organismo é de uma resistência especial.

tratamento dos curandeiros, dentro em pouco ficam bons. (37)

Dirá o Sr. Moraes e Barros que, nestes casos, a ausência dos germes responsáveis é a justificativa.

Sim, de acordo; mas isso tão somente prova que o meio é menos contaminável que o das capitais; e se assim é, por isso mesmo é que o homem sertanejo está em melhores condições para não ser um degenerado fisicamente.

---

(37) Em 1910, em pleno inverno, um homem, que atualmente é meu compadre, de nome José Joaquim, residente no sítio "Carneiro", no município de Juazeiro, certo dia, correndo atrás de um novilhote, em uma *capoeira* cheia de *moitas*, ao saltar para amarrar e *encaretar* o animal, *estrepou-se* em um toco de pau de ponta fina, na face interna da coxa, ferindo-se profundamente. Segundo ele mesmo me afirmou, o sangue esguichava ao longe, o que me fez supor ter sido lesada, pelo menos uma das colaterais da artéria femural.

Temendo a hemorragia, ele e o companheiro lançaram mão do costumado processo do mato, e buscando um pouco de excremento de animais, entupiram a ferida, amarrando a parte lesada com um pano qualquer, sujo, talvez retalho da calça ou da camisa que vestia.

Transportado para uma cabana, lá mesmo no campo, me foram chamar em Juazeiro, quatro horas depois, para vê-lo. Chegando ao local e ouvindo a história, intimamente considerei um caso perdido, tais as circunstâncias que o cercavam. E, não só porque a casinha de palha era um *quichó*, tal a escuridão do interior, como também porque seria impossível qualquer intervenção, mas sempre supondo o doente irremediavelmente perdido, apesar do mesmo mostrar-se bem disposto, aconselhei que o levassem para a rua, sem demora.

Voltando à casa, esperei-o até cerca de meia noite.

Não vindo, fui dormir.

No outro dia, pelas dez horas da manhã, fui avisado da vinda do doente.

Encontrei-o ainda mais bem disposto, sem febre nem nenhum outro fenômeno, pelo menos, característico do início de infecção.

Então, refletindo sobre a situação especial do doente e o risco de uma intervenção pelas possíveis conseqüências desagradáveis, limitei-me a acompanhar a marcha, incumbindo o farmacêutico de visitá-lo de quando em vez. Em resumo, passaram-se dias sem que nada mais tivesse, e, retirado o tal tampão de excremento, a cicatrização foi rápida e o restabelecimento por completo.

Esse homem ainda está vivo, em Juazeiro.

Ora, casos como este são dignos de menção, porque, a não ser por um milagre,

E no caso de resistência às infecções de que são acometidos?

Não há negar ser devida à reação do organismo o que demonstra, com maioria de razão, que pelo lado físico não é um degenerado.

Como explicar um homem maior de setenta anos, contrair núpcias e morrer deixando prole regular, sadia e forte?

---

só se pode atribuir ou a reação especialíssima do organismo do sertanejo ou a admirável assepsia do excremento por ele aplicado e dos panos que serviam de atadura.

Entre os sertanejos pobres, em particular os que residem nas *caatingas*, há o uso de uma interessante medicação a que eles dão o nome de "chá de pinto", e empregam sempre em casos de facadas. Esse tal "chá de pinto" é o seguinte: um pinto vivo, com penas, é levado ao pilão e machucado até virar uma porção de massa informe; depois misturam um pouco de água ou de um cozimento ou de infusão de folhas ou cascas verdes da árvore "quixabeira", e coam em um pano. Feito isto dão ao doente para beber.

O resultado é o individuo vomitar extraordinariamente, com o que ficam satisfeitos, na crença de que o "sangue se espalha", não produzindo inflamações internas. Alguns dias após, voltando a Milagres, vi Isidoro, de pé à porta de sua casa, que me afirmou estar quase bom, "com a ferida largando a casca". Esse mesmo cabra, meses depois, matou no mesmo povoado o que lhe havia ferido.

São fatos autênticos que, por demais demonstram a resistência orgânica do sertanejo.

O médico do sertão, mesmo pela necessidade de firmar o seu prestígio e grangear confiança, tem que se adaptar, ainda que forçado, a umas tantas coisas, que constituem praxe inviolável dos incultos, porque, no meio sertanejo civilizado, isso não acontece, pois é um povo habituado a procurar médico.

Não há médico que consiga se fazer compreendido, se, interrogando uma senhora do campo sobre perturbações menstruais, não empregar a palavra "desmantelo". Outra qualquer pode ser tida como uma expressão desrespeitosa.

Um meu colega, o Dr. Paracampos, moço inteligente e aplicado, de boa orientação clínica, mas filho do sertão cearense e conhecedor dos costumes e hábitos dos sertanejos, em excursão clínica por Cajazeiras, cidade da Paraíba, em pouco tempo firmou bom conceito entre os matutos.

E o real motivo era que ele, depois de sério e meticuloso exame, sem nada perguntar ao cliente, e certo do incomodo, fazia ao mesmo perguntas sobre fenômenos

Não será resistência orgânica acentuada, completa, negativa de degenerescência física?

Que valor pode ter o exercício dos diversos esportes dos moços da cidade, se pelo modo exagerado, sem método e pelo concomitante desregramento da vida – nos cabarés, nos prostíbulos, nas farras, nas constantes vigílias, o efeito é contraproducente?

Poder-se-á dizer que há vantagens nestes exercícios comparados com os do sertanejo, pelo trabalho cotidiano a par de uma vida simples como a do lar, que eles cuidadosamente mantêm?

Além disto, não é sifilítico nem artrítico o camponês.

---

peculiares à doença e sobre outros comumente observados em qualquer pessoa, mesmo em estado de saúde, cujas respostas eram afirmativas.

O fato dele falar sobre fenômenos que os clientes realmente sentiam, grangeou fama de "doutor sabido".

Retirando-se Paracampos para Fortaleza, um outro colega, que clinicava perto da capital da Paraíba, o substituiu em Cajazeiras.

Não conhecendo o costume do povo, antes do exame dos órgãos, pedia ao doente que lhe dissesse o que sentia. Era o bastante para ouvir dos clientes: "o doutor Paracampos não precisava que a gente dissesse o que sofria; ele conhecia logo".

O resultado é que esse moço, apesar de competente, dentro em pouco, era considerado "doutor ruim" e retirou-se por não ser procurado.

O médico que indicar um purgativo e não recomendar o "resguardo" de três dias e aconselhar uso do limão ou de limonadas às mulheres, perde a confiança.

Não sei por que, o temor da ação do limão que as mulheres sertanejas têm é tal, que nem debaixo de um limoeiro elas passam nos períodos catameniais.

Na vida prática temos que nos adaptarmos aos costumes e usos do povo e atendermos que o ignorante não é um civilizado.

O Dr. Aurélio de Lavor, médico em Fortaleza, passando alguns dias em Juazeiro, antes de rebentar o movimento revolucionário de 1913, e sendo chamado para examinar uma mulher do povo, com a *pose* que lhe é peculiar, todo cheio de *nove horas*, depois de examina-la meticulosamente, entregou-lhe o termômetro, dizendo: "coloque na axila". A pobre mulher, nunca tinha ouvido aquela palavra, recebeu o aparelho, mas ficou sem saber o que fizesse.

O Dr. Lavor, irritado pelo fato da mulher não lhe ter compreendido, tomou o termômetro e colocou-o na axila. Ela, verificando qual era a região, disse: "se eu

Aproveito o ensejo para declarar não ser verdade que a sífilis, no sertão nordestino, conforme afirmou o Sr. Moraes e Barros, está na dianteira do sul do país.

Não sei quem prestou semelhante informação ao conferencista.

É fato conhecido que o matuto, por índole e educação, se casa muito cedo, mais ou menos aos dezessete ou dezoito anos e se conserva até essa ocasião afastado da corrupção, em estado de pureza, de modo, conforme dizia Rui Barbosa, "a sair da casa da família para a casa da

---

soubesse que era no *sovaco* eu mesmo tinha botado".

Há outra expressão geralmente usada pelo sertanejo para explicar todo e qualquer incômodo de forma crônica, rebelde a tratamento, que é – "estalicídio".

Nestas condições, é preciso o médico estar prevenido para não dar passos falsos na vida clínica, quanto a confiança que deve inspirar para poder colher os proventos.

Quando, no entanto, por uma insensibilidade digna de nota, o doente não repugna, não sentindo nem apenas náuseas, ficam apreensivos.

Semelhante medicamento, quando, por condescendência de apreciação, não fosse capaz de produzir uma infecção ou concorrer para agravar o estado do doente pelo esforço do vômito, não teria, é certo, nenhum efeito benéfico.

Entretanto, porque devido a outras causas, a cura se dá, o sertanejo está convencido da ação curativa do seu "chá de pinto".

Em 1909, um cabra de nome Isidoro, residente no povoado Rosário, uma légua distante da cidade de Milagres, no Ceará, recebeu uma facada no ventre, produzindo exposição de parte do intestino.

Imediatamente um sapateiro vizinho, a pedido da vítima, recolheu a *ansa* intestinal e cozeu a ferida com uma agulha do seu ofício, usando fio encerado.

Eu estava em Milagres e, tendo de ir ao Juazeiro, o escrivão pediu-me que, na passagem pelo povoado, examinasse o ferido para se poder instaurar o processo.

Procurando ver o doente, uma velha que servia de enfermeira não consentiu que eu penetrasse no quarto onde ele se achava, sob o pretexto de que "eu podia ter sangue ruim e arruinar a ferida". Mas sabendo quem era, permitiu que eu o visse.

Contou-me o ocorrido, com as minudências por mim já descritas e mandou que a velha me informasse qual o remédio que ela estava aplicando. Ela então me disse "que estava lavando o ferimento com cozimento de fumo e aplicando *teia de aranha, ou pucumam*, com açúcar".

Achando graça no que ouvira, retirei-me, verificando que nem febre ele havia sentido.

esposa", sem se desviar, na vida matrimonial, dos preceitos conjugais.

O maior desgosto da família sertaneja é saber ou ouvir dizer que um dos seus membros é "amancebado", expressão empregada para os que vivem ilicitamente.

Há sífilis, não há negar, mas em menor escala que no litoral e no sul do país; está disseminada nas sedes das cidades sertanejas adiantadas, centros estes freqüentados de há muito pelo pessoal das capitais, que as contamina; e os vitimados por ela são os indivíduos que se julgam civilizados, mas nunca os incultos, os que, realmente, são matutos.

De modo que o número de sifilíticos é relativamente diminuto.

Quanto às verminoses, sabem todos os que me ouvem não constituírem elas privilégio do sertanejo do Norte e muito menos do cearense, porquanto são comuns às pessoas que trabalham no campo e de pés descalços.

O fato das estatísticas dos encarregados da profilaxia rural, acusarem percentagem considerável de portadores dela, não quer dizer que sejam todos os casos de gravidade, e de modo a ser considerado aquele sertão um vasto hospital.

Sim, porque não devemos ignorar a existência de inúmeras pessoas atacadas desses parasitas, que revelam aparência de boa saúde sem nenhum fenômeno digno de nota.

Para se ter uma idéia do que assevero, sobre a resistência física, basta Sr. Presidente, compararmos os soldados dos batalhões do Exército aquartelados nesta capital, constituídos na maioria, de moços da nossa sociedade, com os do Batalhão Naval, que são todos homens do Nordeste, inclusive o Ceará. (38)

E qual a verdadeira causa real da degenerescência física de um povo, senão a civilização?

Não será, por ventura, fisicamente degenerado quem precisa de injeções tônicas para se fortalecer e de cremes e de *rouge* para ostentar, no rosto, colorido significativo de boa saúde, como só acontece aqui, em S. Paulo, e em outras cidades importantes?

Deixará de ser fisicamente degenerado quem precisa, ainda moço, recorrer aos medicamentos que despertem a virilidade, quase extinta, conforme é comum aqui mesmo?

Enquanto o sertanejo não se civilizar, há de ser uma raça fisicamente forte, salvo se nesse tempo os meios profiláticos forem de molde a evitar simultaneamente o depauperamento produzido pela civilização.

Não é certo que a civilização transforma os campos em cidades, as choupanas em palácios e fábricas, onde a vida coletiva é sobrecarregada de esforços e a alimentação fraudada; a vegetação exuberante renovada do oxigênio do ar, em uma outra definhada, incapaz de servir com eficiência: a vida calma do lar em uma agitação constante, em virtude da qual a vigília substitui o repouso compensador?

O que vale a higiene neste caso, senão para evitar a total degeneração do organismo combalido pelo inevitável depauperamento conseqüente às condições do meio civilizado?

Tanto assim que quanto mais se adianta um povo, tanto mais são redobradas as medidas higiênicas pelos Governos, não para manter a resistência primitiva do organismo, – o que é impossível – mas para evitar que o pouco que ainda não foi perdido, seja, com dificuldade, conservado.

Se assim é, porque se dizer que o sertanejo do Norte é fisicamente um degenerado?

Ainda que S. S. entendesse de se referir ao cearense, eu lhe traria, como exemplo palpitante do contrário, o fato conhecido de ser

---

(38) Os cabras sertanejos, cangaceiros ou não, quando em luta ou perseguidos pela polícia, viajam dias e noites, com sol ou chuva, subindo e descendo serras, em terrenos arenosos ou pedregosos, de pé, conduzindo três e quatro cartucheiras de cem, duzentos e mais cartuchos de rifle, um *bisaco* com maior número às vezes, um grande *patuá* com rede e roupas, ainda com uma colcha atravessada no tronco, afora a arma, o punhal e um revólver, de ordinário "mal comidos".

ele o desbravador da Amazônia e o capaz de afrontar os rigores das secas periódicas e outras dificuldades, e, ao mesmo tempo, quando vêem as chuvas, sem esmorecimentos, se esforçar no cultivo da terra.

Devo em tempo acentuar não ter fundamento o que S. S. afirmou quanto à "calidez do clima, no Ceará, de começo ao fim do ano, sem vegetação enfolhada, renovadora do oxigênio do ar".

Se S. S. melhor se tivesse informado, saberia que a não ser nas crises climatéricas, que não são anuais, nos tempos normais há chuvas de janeiro a junho, e a vegetação se mantém verdejante e enfolhada até julho pelo menos.

Além disso, pela fertilidade do seu solo, com o inverno, a vida é farta.

E a falta d'água no Ceará é tão somente para a irrigação dos terrenos, que sem ela nada podem produzir.

Se o sertanejo nordestino pode se depauperar pelas secas, pelas endemias e epidemias, e pelas verminoses e pelas demais infecções, com maioria de razão os das demais regiões, e com especialidade as populações civilizadas ou não do litoral, que, excetuando as crises climatéricas, têm tudo em dose maior e sem recursos correspondentes.

Eu conheço um professor da Faculdade de Medicina da Bahia semelhante a S. S. no terreno das contradições, que, para vencer tempo na explicação da matéria que ensinava, – mas nela não era bem versado, – fazia constantes digressões.

Entre as muitas, certa vez, declamando contra o Brasil, disse que "o brasileiro é uma raça degenerada porque teve origem no maroto ladrão, assassino e peralta e no negro que é raça que não está sujeita às leis do progresso".

Entretanto, como era mulato, fazia escandalosa apologia do mestiço, do qual ele é o tipo mais perfeito.

O sertanejo do Nordeste não é um degenerado moral, conforme S. S. garantiu.

O que na realidade, S. S. entende por degenerescência

moral?

Suponho que moralmente degenerado é o povo escravo dos vícios que se entrega ao jogo, ao uso exagerado das bebidas, ao lenocínio, à traficância, à vida de bordéis e ao crime nas suas formas mais impressionantes.

Tudo isso somente é encontrado nos centros civilizados.

Ninguém, de boa fé, poderá dizer que no sertão o furto e o roubo são cultivados com inteligência, constituindo um meio de vida; que a bebida alcoólica tem extração comprometedora; que a prostituição é tolerada ou estimulada; que a pederastia, nas suas hediondas modalidades, é praticada; que o homem cobiça a mulher alheia ou se conforma que a sua seja cobiçada (39); que se prostitui a filha do próximo e não se reage até pelo assassinato, quando a sua é prostituída; que se freqüenta *rendez-vous*, casas de jogos; que se passe noites em orgias, se caloteie os credores, se premedite os crimes, e que se retalhe a honra alheia, pela imprensa.

Pelo sertão Sr. Presidente, não há nada disto, mas tão somente nos meios adiantados e, especialmente, aqui, na Capital Federal, onde o progresso não tem limites.

E se todos estes desvios da sã moral, são criações da civilização, como ser possível um povo não civilizado ainda, ser

---

(39) As mulheres sertanejas, da alta ou baixa classe, por serem honestas, entendem que os maridos, igualmente a elas, devem respeitar os preceitos conjugais, não admitindo o adultério da parte deles.

E porque são amorosas, quando os esposos se desviam, não lhes dão castigo, mas fazem castigar severamente as mulheres que concorrem voluntariamente para o desvio ou se deixam seduzir por eles.

E não há quem possa evitar a desafronta, sobretudo porque todas as mulheres casadas são solidárias com o castigo e desta maneira as próprias autoridades ficam tolhidas na sua ação preventiva ou reparadora.

Nunca vi mulheres casadas no sertão se compadecerem das que são castigadas por tal motivo.

Lembro-me bem que, estando no sítio "Barro", no município de Milagres, em 1909, fui chamado para ver uma mulher de "vida livre", no sítio "Chique-

moralmente degenerado?

O que há de certo é que no sertão é onde está o patrimônio moral do país.

Rebatidas, em todos os pontos, as conferências do Sr. Moraes e Barros, no que se refere ao Juazeiro e ao padre Cícero, preciso trazer ao conhecimento desta Casa algumas informações que julgo necessárias.

Chique", que havia sido surrada barbaramente, à noite, de surpresa, em sua própria casa, por uns cabras mascarados, com grossos cipós de mucunam, por ordem da esposa de um cavalheiro residente no povoado "Cuncas".

A pobre mulher estava gravemente contundida.

Voltando a casa onde me achava hospedado e revelando compaixão pelo estado da vítima, a dona da casa que é minha comadre, imediatamente disse: "Compadre, a bordoada perdida foi a que não pegou no corpo daquela *bicha ruim*". E cada qual das presentes reforçou o conceito.

No ano de 1921, no Juazeiro, estava eu em casa, quando uma mulher de "vida livre" me procurou para queixar-se de que uma senhora casada peitara um cabra para surrá-la, por ciúme, mal fundado, do marido com ela.

Mandei chamar a senhora, que era uma mulher honesta e boa, e, interrogando-a, ela com a maior franqueza, me respondeu: "Doutor, o senhor pode me prender e fazer o que quiser, mas aquela *bicha*, ficando aqui, não escapará da surra".

Então, lhe ponderei, por gracejo, porque ela não mandava surrar o marido, ao que me respondeu: "porque ela é a culpada em aceitá-lo, sabendo ser ele casado".

E eu, considerando que não poderia evitar a execução do plano, tal a disposição por ela manifestada, nem devia contra ela agir atendendo a sua boa conduta, tranqüilizei-a prometendo fazer retirar a outra para o Crato, o que consegui.

Ficou muita agradecida e retirou-se satisfeita.

De modo que por aquelas bandas os maridos bilontras não se sentiriam bem..

Poderão dizer que são atos característicos da ignorância e perversidade da mulher sertaneja, mas, não há de negar, significam a segura noção de moralidade.

Nos centros civilizados o desvio do marido de ordinário é uma justificativa para o da esposa.

Segundo telegramas recebidos dos coletores federal e estadual e do respectivo escrivão do crime do Juazeiro, por ordem do competente juiz de direito, posso apresentar a seguinte estatística:

RENDAS

Coletoria Federal

Anos

1916	2:440$000
1917	5:717$000
1918	19:942$000
1919	19:140$000
1920	18:831$000
1921	24:831$000
1922	31:800$000
1923 (seis meses)	36:550$000

Coletoria Estadual

Anos

1912	29:800$000
1913	31:700$000
1914	30:600$000
1915 (ano da seca)	15:700$000

1916..... 19:500$000
1917..... 24:600$000
1918..... 31:500$000
1919..... 43:000$000
1920..... 32:100$000
1921..... 47:900$000
1922..... 52:100$000

Crimes

Anos

1913 – Um crime de morte.
1914 – Três crimes de morte.
1915 – Dois crimes de morte.
1916 – Um crime de morte.
1917 – Quatro crimes de ferimentos leves.
1917 – Um crime de ferimentos graves.
1917 – Um crime de infanticídio.
1917 – Um crime de furto de cavalo.
1918 – Dois crimes de morte.
1918 – Um crime de ferimentos leves.
1918 – Uma tentativa de morte.
1918 – Um crime de roubo (em uma bodega).
1918 – Um crime de furto de cavalo.
1919 – Um crime de morte.
1919 – Um crime de morte.
1919 – Cinco crimes de ferimentos leves.
1919 – Cinco crimes de furto de cavalo.
1919 – Cinco crimes de ferimentos graves.
1920 – Dois crimes de morte.

1920 – Um crime de ferimentos leves.
1920 – Um crime de roubo (em uma bodega).
1920 – Um crime de furto de cavalo.
1921 – Um crime de ferimentos graves.
1921 – Dois crimes de ferimentos leves.
1922 – Dois crimes de morte.
1923 – Dois crimes de furto de cavalo.

E todos os responsáveis são punidos e condenados em muitos casos; sendo para notar, o que não é muito comum em todos os lugares, que os que são absolvidos, só isto conseguem depois de esgotados todos os recursos de apelação da parte da justiça pública. (40)

Há casos, nos crimes leves, em que os delinqüentes, em virtude da demora do julgamento e das últimas decisões do Tribunal da Relação, cumprem maior pena que a do máximo do Código; e nos crimes de morte, nunca deixaram de cumprir, pelo mesmo motivo, dois a três anos de reclusão na cadeia local.

Não será uma prova de que o Juazeiro está dentro da lei, e assim não precisa de estrada de ferro para ser nela reintegrado?

E mais alto do que possa dizer o Sr. Moraes e Barros, eis o seguinte telegrama do juiz de direito daquela comarca.

---

(40) Os criminosos absolvidos, não apelados, foram os seguintes: 1°. João Mendes de Oliveira, versejador popular, cujo nome e produções são citados por Leonardo Motta, no seu livro sobre poetas sertanejos.

Eis o seu crime: casado em Alagoas, sua terra natal, com uma sua conterrânea, foi residir em Juazeiro.

Um tanto desequilibrado, mentalmente, tomou a profissão de fazer versos e vendê-los em fascículos, meio este com o qual mantinha a subsistência da família.

Indo para aquela cidade o tenente de polícia João Moreira da Costa, como delegado e comandante do destacamento, corrompeu a mulher de João Mendes. Ela, por sua vez, já corrompida, apaixonou-se por um cabo do mesmo destacamento. O tenente, cheio de ciúmes, transferiu o cabo para Várzea Alegre.

A mulher, não suportando a ausência do amante, abandonou a casa e seguiu para aquela localidade.

"Deputado Floro Bartholomeu.

Oponho sinceramente o meu protesto aos conceitos bordados conferência Moraes e Barros, sobre nosso venerando padre Cícero.

Esse cavalheiro, tendo demorado poucas horas nesta cidade, deverá aguardar melhores estudos para tecer comentários torno respeitável sacerdote, cuja ação, quer política, quer

---

João Mendes, que até o momento tudo ignorava, ficou desolado com a ingratidão da esposa.

O tenente, também não resistindo à separação da mulher que amava, ainda que não fosse o preferido, conformou-se com a preferência do cabo e fê-lo voltar a Juazeiro.

João Mendes, informado da volta da sua esposa com o raptor, dirigiu-se ao tenente e pediu que não transferisse o cabo para ali, alegando não se conformar com a presença da esposa em mancebia com o soldado.

O tenente, cego pela paixão, sem perceber a possibilidade do desenlace, por ser João Mendes desequilibrado, respondeu: – "que tem que sua mulher volte? Questão de *corno* eu sei acomodar".

João Mendes, sem proferir uma palavra, retirou-se e, comprando um *revólver* e um punhal, foi esperar a mulher em caminho, onde assassinou-a.

2°. Eram duas mocinhas de Alagoas, órfãs de pai e mãe, que viviam honestamente do trabalho de artefatos de palha de carnaúba, em companhia de um irmão, que trabalhava nos serviços da Estrada de Ferro.

Eram bonitas e sérias.

Um sujeito, metido a conquistador, começou a perseguir uma delas e, como não fosse correspondido, um dia penetrou de súbito na casa e tentou violentá-la.

Quando em luta estava quase suplantada, chegou a irmã mais velha, que tinha ido comprar palhas para o seu trabalho, e se atracou com o perverso. Este, revoltado contra a interferência da irmã, volta-se contra esta e começa a esbordoá-la. A outra, já livre das garras do canalha e compadecida do sofrimento da irmã, que a defendera, com uma faca de desfiar palhas, feriu mortalmente o patife pelas costas.

particular, tem sido indubitavelmente consagrada à paz e bem-estar todo Nordeste brasileiro.

Sua obra, largamente conhecida e fecunda, nestas informações inverídicas prestadas covardemente para pontos de vista, não dá direito a que se leve em conta atrair o ódio nacional contra sua pessoa. Como juiz de direito desta comarca, tenho encontrado franco apoio do padre

---

Morto o canalha, entregaram-se à prisão e, pelo júri, foram absolvidas unanimemente, com aplausos de toda a população.

Era também uma rapariga de Alagoas, de dezoito anos de idade, que, prostituída na sua terra, ali foi parar.

Justamente em uma noite em que ela curtia fome, por não possuir um real sequer, apareceu-lhe um sujeito que, "desfrutando-a" não lhe recompensou e ainda espancou-a.

No auge da cólera, valeu-se de uma faca e matou-o.

4°. Era um cego, de nome João, que, por ser atrevido, tinha o apelido de "Barulhento".

Intrigado com uma vizinha, certo dia deu-lhe uma pancada certeira, com o seu bastão, ferindo-a profundamente na cabeça.

Esclarecendo esses fatos, é meu intuito demonstrar que, em Juazeiro, os jurados, apesar de matutos, sabem julgar com equidade.

Por lá não se perdoa um ladrão como aqui, que, na maioria dos casos, ao chegar a polícia, é logo solto por *habeas corpus*, pelos celebérrimos advogados de porta de xadrez.

No sertão raramente se mata em plena rua; e quando assim acontece, toda a população se revolta e persegue o criminoso.

Entretanto, nesta capital os assassinatos são praticados nos "cafés", às portas dos templos, perante muitas pessoas, com a singularidade de não haver quem evite a consumação do crime, ou, pelo menos, prenda o criminoso.

Ademais, no sertão, é raro um homem de posição ser assassinado, mesmo de emboscada, nas estradas desertas; sempre esses fatos ocorrem entre cabras, cangaceiros ou não, gente que não faz falta.

Cícero ao prestígio da minha autoridade; e por isso gostosamente proclamo-o estimador da ordem pública, que tão carinhosamente o preocupa.

Outro julgamento, se não revela ignorância de sua ação social, constitui positiva injustiça ou outro nome, como melhor convenha. – *Juvêncio Sant'Anna.*, juiz de direito.

E não podia ser de outro modo encarada a ordem ali mantida, se, além da ação moralizadora do padre Cícero, como cidadão e sacerdote, e das autoridades judiciais, não fosse digno de realce o esforço dos governos do Ceará, nas medidas de repressão, por intermédio da polícia – nobre atitude esta bem demonstrada no fato de, na cidade do Crato, sempre ser conservada uma companhia do Regimento Policial até mesmo quase todo ele, ficando a capital com um reduzido número de praças, quando há risco de invasão de bandoleiros dos Estados vizinhos.

Antes de terminar, farei, em síntese, um ligeiro resumo, dos atos daquele sacerdote, tão rudemente ultrajado pelo Sr. Moraes e Barros.

Quem de um pequeno povoado de cinco ou seis casas de taipa, fez uma cidade de mais de seis mil prédios, com uma população de mais de trinta mil almas e um comércio que ocupa o segundo lugar na zona do Cariri, sendo, se não me engano, em rendimento, a melhor paróquia da diocese do Crato; quem aproveita uma população

---

Conheci um cabra, de nome José Antônio, do município de Milagres, que, ao saber do assassínio do Dr. Agostinho de Araújo Jorge, da cidade de Triunfo, em Pernambuco, em fevereiro de 1911, me disse: "Seu Doutor, em lugar do Dr. Agostinho, antes morressem cinqüenta cabras, porque cabra é como capim de burro – arranca-se um pé e nascem mais de cem – e um doutor custa muito a se fazer".

inculta e a modela nos bons costumes e na crença católica, (41) a ponto de não ser dominada pelos vícios; quem promove a instrução do povo com dinheiro do seu bolso; quem estimula e desenvolve a agricultura de maneira a ser o Cariri uma das regiões mais produtoras de cana de açúcar, de algodão, de maniçoba, de mandioca, de arroz e mais cereais, constituindo-a o farto celeiro de todo o Nordeste; quem fornece braços com eficiência para trabalhos úteis à nação, como os das grandes obras do Governo; quem dispende importância avultada no transporte de uma perfuratriz da Inspetoria das Secas, para facilitar água na Serra Araripe, a fim de que os lavradores não palmilhem algumas léguas para obtê-la; quem importuna constantemente os governos, em reiteradas solicitações, para que seja construído no Juazeiro o Açude Carás, já estudado, visto a respectiva irrigação beneficiar cerca de seis léguas de terra; quem, pela sua autoridade moral, auxilia o sorteio militar, ordenando a todos que não se neguem ao serviço da Pátria, conforme será possível provar com diversas cartas e telegramas de agradecimento dos comandantes das regiões militares do Nordeste, inclusive o ex-Ministro da Guerra, o marechal Caetano de Faria; quem oferece, por doação, ao Ministério da Guerra, uma área de terreno de sua propriedade, na sede do seu município, para ser nela construído um quartel no qual se abriguem os sorteados sertanejos; quem suplica sempre

---

(41) É o único lugar onde não há quem professe seita ou qualquer outra religião a não ser a Católica, Apostólica Romana.

A este respeito devo citar o seguinte: há cerca de três anos, chegou em Juazeiro um pastor protestante. Esse homem já havia sofrido mil tormentos, em algumas localidades pela reação dos vigários. Ali chegando dirigiu-se ao padre Cícero para pedir que o não deixasse sofrer.

Então o padre, tranqüilizando-o, fê-lo descansar ali dois dias, e paternalmente, tanto aconselhou-o que o moço se externou da maneira seguinte: "Padre Cícero, nunca encontrei um sacerdote católico como V. Revma., cujas palavras me seduzissem tanto. Estou certo que se eu aqui morasse não seria protestante; e estou convencido de que aqui, enquanto V. Revma, for vivo, só medrará o Catolicismo Romano". Essas palavras foram por mim ouvidas.

e sempre, apesar de não ser atendido, a criação de um patronato agrícola no Juazeiro, do que pode muito bem dar testemunho o nosso digno colega, Dr. Simões Lopes; quem, não obstante setenta e oito anos de idade, ainda viaja léguas a cavalo com o fim benfazejo de pacificar lutas políticas ou entre famílias daqueles sertões (42); quem, por votação quase unânime, já foi duas vezes Vice-Presidente do Estado do Ceará e não é seu representante nesta Casa porque, sem ter pretensão, prefere ser simples Prefeito de sua terra; quem se esforçou para que o Juazeiro fosse comarca, de maneira a ser mais seguramente distribuída a justiça, e a lei mais bem cumprida; quem, finalmente, e por ser bom e honrado, tem prestígio inigualável, não pode ser um tartufo, um embusteiro (43), um chefe de cangaceiros, consoante as pérfidas e perversas referências do Sr. Moraes e Barros!

O Sr. Augusto de Lima – É um benemérito. (*Apoiados*)

O Sr. Raymundo de Miranda – É digno por todos os títulos.

O Sr. Gilberto Amado – Merece muita consideração.

O Sr. Floro Bartholomeu – Quem assim procede, quer como sacerdote, quer como cidadão, é um benemérito da Igreja e da Pátria, é digno do respeito e da consideração dos seus compatriotas.

Terminando, Sr. Presidente, sinto-me convencido de que o

(42) Até 1911 reinava séria divergência, senão inimizade, entre os chefes políticos da zona sul do Ceará, a despeito de todos serem do mesmo partido, que então dominava.

Disso resultara a deposição pelas armas dos chefes dos municípios do Crato, o coronel José Belém, que era também vice-presidente do Estado, de Missão Velha, o coronel Antônio Jamacaru, no exercício de deputado estadual, de Barbalha, o coronel Neco Ribeiro, de Lavras, o coronel Honório Lima e o de Aurora, o coronel Antônio Leite Netto, atos esses que ficaram consumados pelo prestígio da força e dos elementos políticos dos vencedores.

Como conseqüência inevitável, era notada escandalosa proteção a criminosos. De maneira que um cabra cometia um crime em um município, logo se evadia e se homiziava no outro do qual o chefe fosse inimigo do daquele e vice-versa.

O Juazeiro apesar de ser um simples povoado, era refúgio dos vencidos e o padre Cícero o intermediário oficioso do governo e dos litigantes, no sentido de pacificar os ânimos e evitar desafrontas pessoais.

Sr. Moraes e Barros, se não é um sistemático, um simples declamador vulgar, quando não venha de público penitenciar-se de sua grande falta, ao menos entre os seus íntimos manifestará o seu arrependimento pela leviandade cometida. (*Muito bem;muito bem. O orador é muito cumprimentado.)*

Porque, nesse tempo, não era político, sua intervenção era sempre solicitada. Elevado o Juazeiro a município, em 1911, no dia da inauguração, a 4 de outubro do mesmo ano, o padre conseguiu ali reunir todos os chefes políticos da região sulina do Estado e, depois de reconciliados, em sessão solene, também presente a respectiva magistratura, foi lavrado um termo de paz entre todos.

O resultado benéfico dessa patriótica medida não se fez demorar, pois dentro de oito dias, os criminosos foram recolhidos às cadeias dos municípios onde os crimes foram cometidos, para serem justiçados.

(43) Há um bispo que, vindo a esta Capital, e esquecido das suas responsabilidades, para deprimir o padre Cícero, não hesitou em cometer um grande pecado, em dizer a pessoas de consideração o seguinte:

"Que o padre Cícero, no Seminário de Fortaleza, quando ainda estudante, passava cera virgem na aba do seu chapéu para pregá-lo à parede desprovida de cabide, torno ou algum prego, com o intuito de convencer os colegas que fazia milagres".

Essa informação me foi prestada por cavalheiro respeitável, católico prático, que me afirmou ter ouvido essa história caluniosa do próprio indivíduo a quem o bispo a relatara.

É de crer que esse prelado, se não estava de má fé, fosse vítima do abuso de sua confiança por algum vil inimigo daquele virtuoso sacerdote.

Entretanto o falecido monsenhor Antônio de Macedo Costa, então vigário da paróquia do Coração de Jesus, em carta dirigida ao Dr. Leonardo Bezerra Monteiro, a respeito da criação do bispado em Juazeiro, disse: "acho difícil conseguir-se o bispado pelas intrigas infernais que envolvem o nome do padre Cícero, que considero um justo".

Este mesmo monsenhor em carta dirigida ao padre Cícero externou-se da maneira seguinte: "Depois de ver o modo amável como o bispo D. Joaquim Vieira lhe recebeu no Mosteiro e ouvir as acusações terríveis que ele lhe fizera em conversa com o Núncio, *mistério... mistério... mistério...*".

O REVMO. PADRE CÍCERO RECEBE CUMPRIMENTOS

Rio, 14. – Exmo. Revmo. Padre Cícero, Juazeiro. Receba prezado amigo nossas felicitações pelo brilhante discurso ontem proferido pelo Deputado Floro Bartholomeu que produziu a melhor impressão na Câmara. Saudações. *Bueno Brandão*. Deputado Federal, "líder" da maioria.

Rio, 14. – Revmo. Padre Cícero. Juazeiro. Felicitações a V. Ex. e ao povo dessa localidade, pela brilhante e esmagadora resposta da tribuna da Câmara pelo meu amigo Floro Bartholomeu às injustas acusações feitas pelo Dr. Moraes e Barros em sua conferência contra secas. Saudações afetuosas. *Ascendino Cunha*, secretário da Câmara de Deputados.

Rio, 14. – Padre Cícero. Juazeiro. Envio venerando amigo meus expressivos parabéns pela brilhante defesa feita pelo Deputado Floro Bartholomeu que, fazendo justiça, interpretou o pensamento de toda Câmara, ao respeitável, nobre e venerando amigo – *Nabuco Gouveia*, Deputado pelo Rio Grande do Sul.

Rio, 14. – Padre Cícero. Juazeiro. Congratulo-me com eminente amigo pela brilhante defesa que lhe fez o ilustre Deputado Floro Bartholomeu, deixando a toda a Câmara melhor impressão sobre sua pessoa, suas grandes virtudes, inestimáveis serviços ao Estado do Ceará. Abraços. – *Gonçalves Maia*, Deputado por Pernambuco.

Rio, 14. – Padre Cícero. Juazeiro. Tenho prazer em felicitá-lo pela excelente apologia feita da tribuna da Câmara pelo prezado colega Floro Bartholomeu, da sua vida de elevadas virtudes, altas preocupações ligadas ao progresso da região em que seu benefício ascendente se exerce. Cordiais saudações. – Deputado *Gilberto Amado*.

Rio, 16. – Padre Cícero. Juazeiro. Queira aceitar parabéns por sua brilhante defesa pronunciada Câmara pelo Deputado Floro. Saudações. – *Agra Silva.* Deputado Federal.

Rio, 15 – Padre Cícero. Juazeiro. Parabéns pelo discurso de Floro. – *Moreira da Rocha.*

Rio, 15 – Padre Cícero. Juazeiro. Queira aceitar minhas felicitações pelo completo e exato discurso que meu amigo Deputado Floro Bartholomeu pronunciou demonstrando injustas referências feitas ao seu nome. Saudações. – *Eurico Valle.*

Rio, 15. – Padre Cícero. Juazeiro. Congratulamo-nos com V. Ex. pela brilhante defesa que a seu estimado nome fez Floro Bartholomeu, da tribuna da Câmara dos Deputados. Cordiais saudações. – *Metello Júnior e Salles Filho*, Deputados Federais pelo Distrito Federal.

Rio, 14. – Padre Cícero. Juazeiro. Queira aceitar minhas efusivas felicitações pelo alto relevo em que foram postos os vossos méritos e as vossas virtudes pelo meu querido colega Floro Bartholomeu, no interessante discurso ontem pronunciado da tribuna da Câmara. Saudações. – *Gentil Tavares*, Deputado por Sergipe.

Rio, 14. Revmo. Padre Cícero. Juazeiro. Felicito ilustre sacerdote pelo brilhante êxito do discurso do colega Floro Bartholomeu, desmentindo sobejamente as calúnias e imputações que lhe eram atribuídas, mostrando a Câmara o alto papel social que desempenha no Juazeiro. Saudações. *Americano Brasil.*

Rio, 14. – Padre Cícero. Juazeiro. Felicito V. Revma. pela brilhante defesa que ao seu nome produziu o Deputado Floro Bartholomeu patenteando seu valor moral, patriotismo e virtudes. O discurso do Floro produziu ótima impressão na Câmara. Afetuosos abraços. – *Augusto de Lima.* Deputado por Minas.

Rio, 14. – Revmo. Padre Cícero. Juazeiro. Felicito V. Ex. pela ótima impressão da Câmara cabal e justa defesa ao seu nome e do povo de sua terra, discurso ontem Floro Bartholomeu restabelecendo verdade benemérita vida sacerdote. – *Alberto*

Maranhão. Deputado pelo Rio Grande do Norte.

Rio, 13. – Padre Cícero. Juazeiro. Tenho grande prazer enviar V. Ex. minhas sinceras congratulações pelo brilhante discurso na tribuna da Câmara pelo meu prezado colega Dr. Floro Bartholomeu sobre sua vida cheia de atos nobres, serviços seu grande Estado. Saudações. – *Dionísio Bentes.*

Rio, 14. – Revmo. Padre Cícero. Juazeiro. Acabo de ouvir do meu dileto amigo Floro Bartholomeu o discurso em que bem se evidenciaram as suas peregrinas virtudes e nobres sentimentos. Peço licença para apresentar meus cumprimentos pela justiça que volta a se fazer ao seu honrado nome tantas vezes visado pela injustiça dos que nada prezam. Atenciosas saudações. – *Plínio Marques*, Deputado Federal.

Rio, 14. – Exmo. e Revmo. Padre Cícero. Juazeiro. Queira V. Ex. aceitar minhas cordiais felicitações pelo grande discurso pronunciado em defesa das preclaras virtudes V. Ex. pelo Deputado Floro Bartholomeu. Cordiais saudações. – *Dorval Porto*, Deputado Federal pelo Amazonas.

Rio, 14. – Padre Cícero. Juazeiro. Felicito-o pela brilhante defesa de Floro. Saudações. – *Alexandrino da Rocha*, Deputado Federal.

Rio, 14. – Padre Cícero. Juazeiro. Cordiais cumprimentos pela brilhante defesa que Floro Bartholomeu ontem fez. – *Domingos Barbosa*, Deputado pelo Maranhão.

Rio, 14. – Padre Cícero. Juazeiro. Parabéns pelo discurso de Floro em sua defesa. Cordiais saudações. – *Daniel Carneiro.*

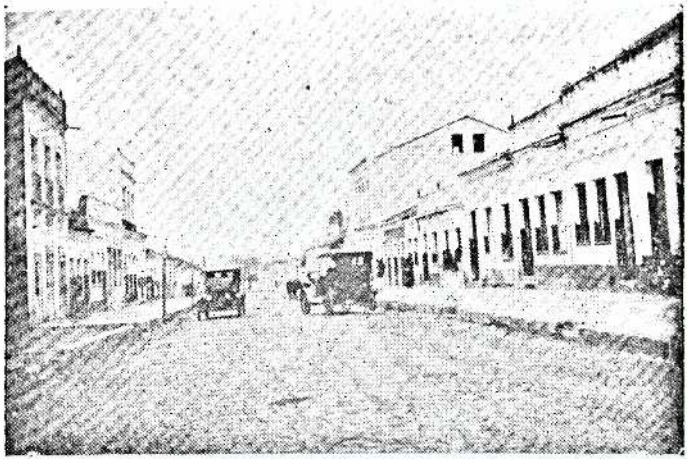
Rio, 14. – Padre Cícero. Juazeiro. Felicito-o pela brilhante defesa feita por Floro reabilitando o conceito. Deputado mineiro. – *Francisco Peixoto.*

Rio, 14. Padre Cícero. Juazeiro. Como Deputado pela Paraíba cumprimento V. Revma. pela brilhante defesa que lhe fez Floro Bartholomeu. – *Tavares Cavalcante.*

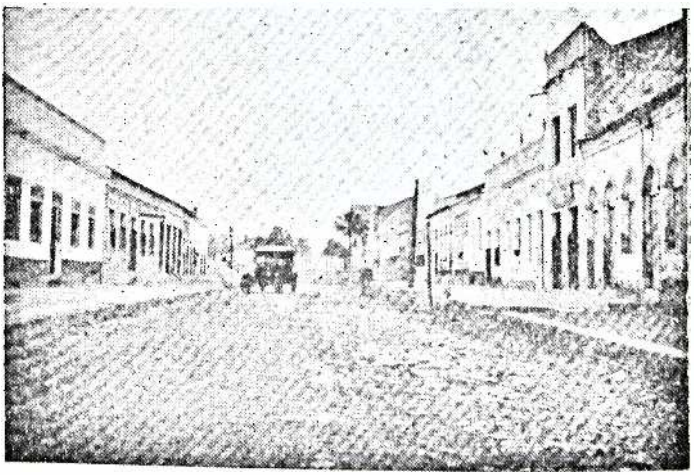


Padre CICERO ROMÃO BAPTISTA,

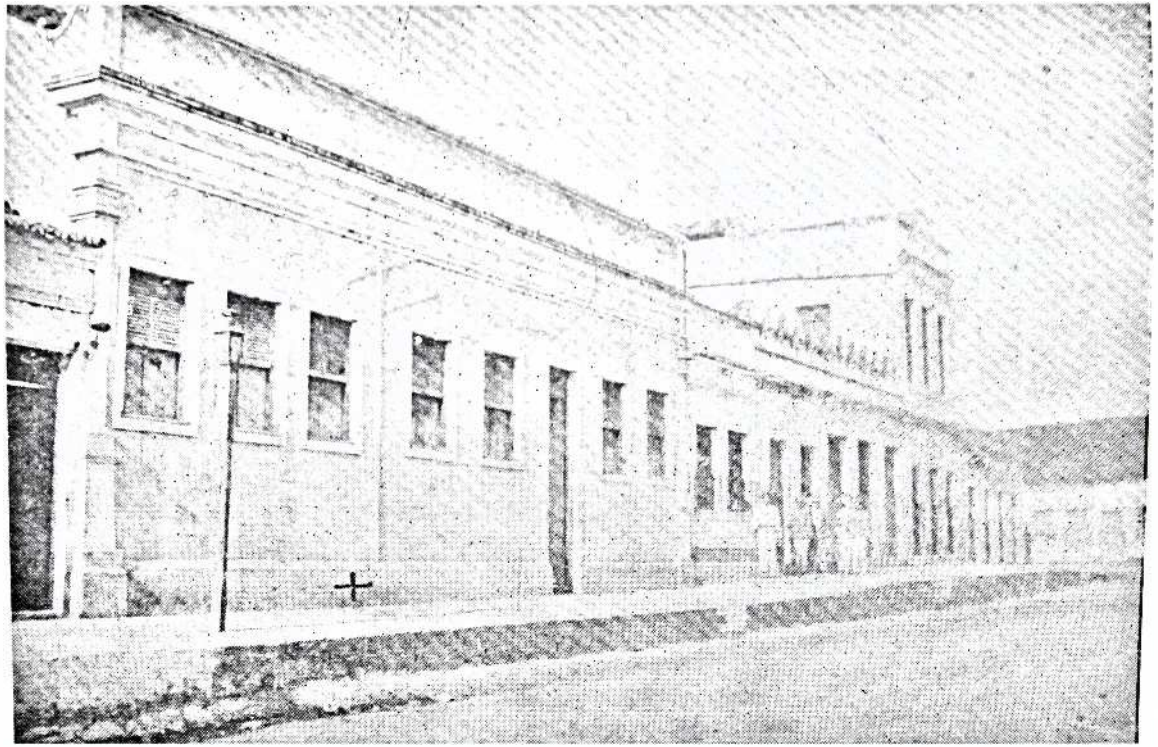
filho legitimo de Joaquim Romão Baptista e de D. Joaquina Vicencia Romana,
nascido na cidade do Crato, Estado do Ceará, a 24 de março de 1844.
Cursou no Seminario de Fortaleza, ordenando-se Presbytero
a 30 de novembro de 1870 e foi residir em
Joazeiro no anno de 1872.



RUA DO PADRE CICERO, de bom calçamento e predios regulares

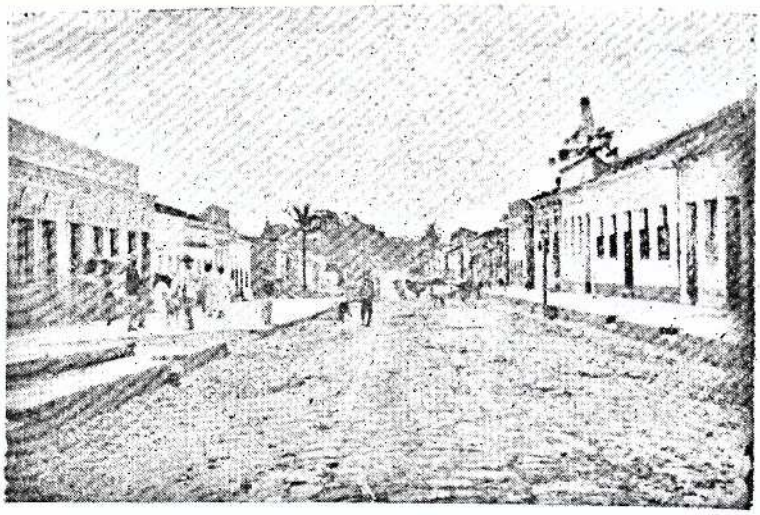


Outro trecho da RUA PADRE CICERO, que é calçado

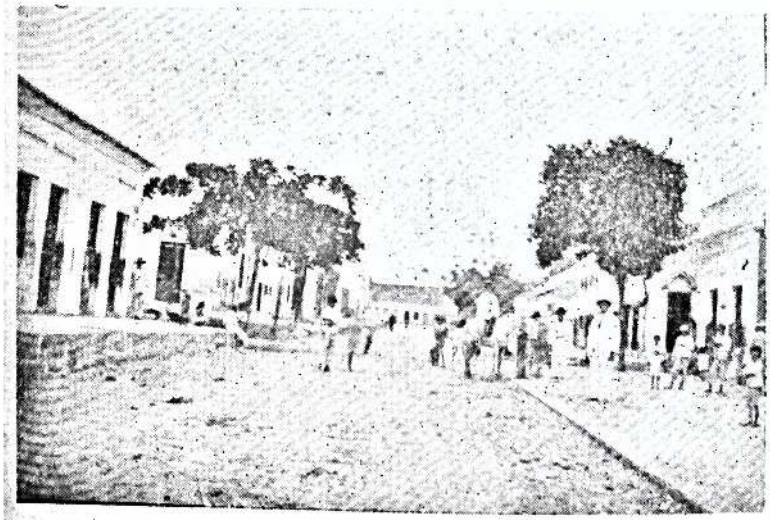


Trecho da RUA NOVA, de bom calçamento.

O predio assignalado com uma cruz é o da residencia do deputado Floro Bartholomeu, no qual esteve hospedado o Dr. Moraes e Barros.



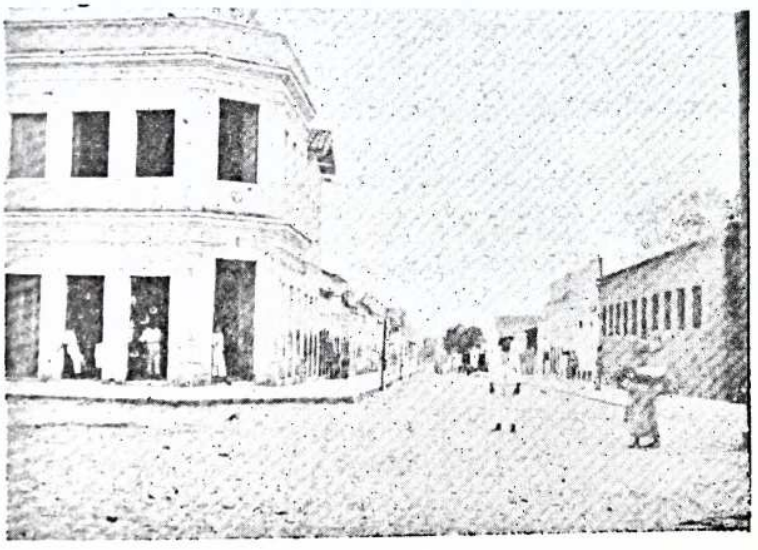
Trecho da RUA NOVA



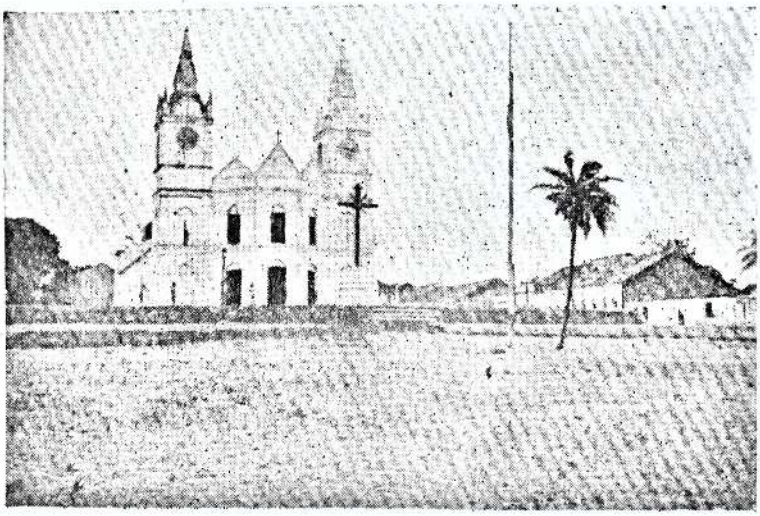
Trecho da RUA NOVA



Trecho da RUA PADRE CICERO

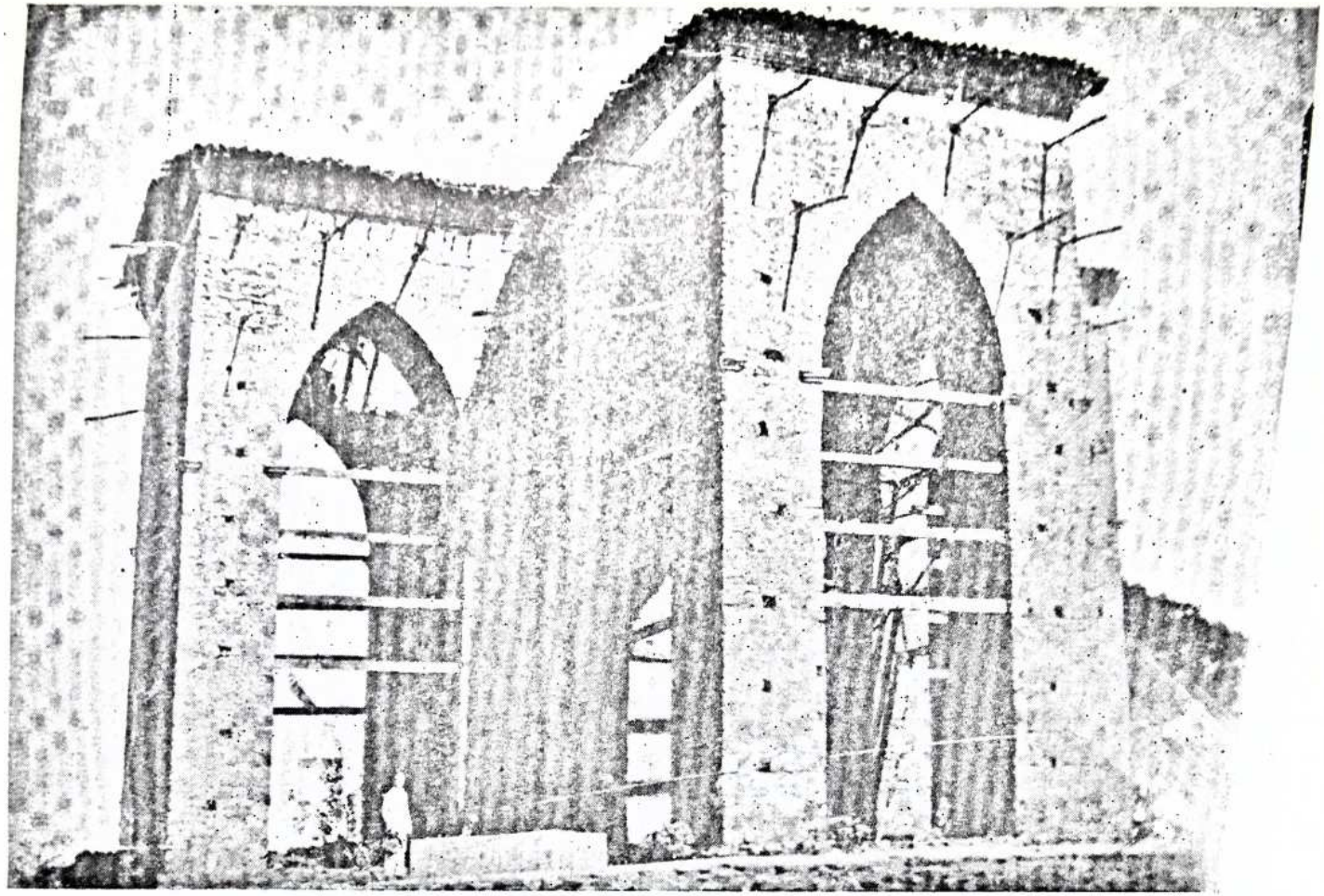


Trecho da RUA DE SÃO PEDRO



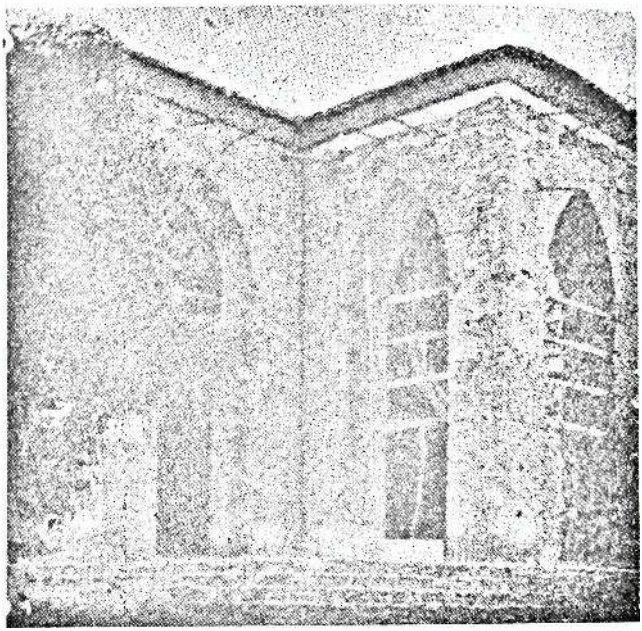
EGREJA DE N. S. DAS DORES, MATRIZ DA PAROCHIA DE JOAZEIRO

Este templo foi construido pelo padre Cicero, pouco tempo depois de ter chegado em Joazeiro, com os auxilios do povo, no mesmo local onde havia a antiga capellinha do povoado, que era de paredes de tijollo crú e fôra levantada no começo do seculo XIX pelo proprietario da fazenda, o brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro e o seu neto, o padre Pedro Ribeiro da Silva. Nessa antiga capellinha foi baptisado o Dr. Leandro Bezerra Monteiro, neto do brigadeiro e pae do advogado Dr. José Geraldo Bezerra de Menezes, residente em Nictheroy. Em uma das torres tem um relogio que regula perfeitamente e foi feito, ali mesmo, pelo curioso Peluzio de Macedo, o actual encarregado da Estação Telegraphica.



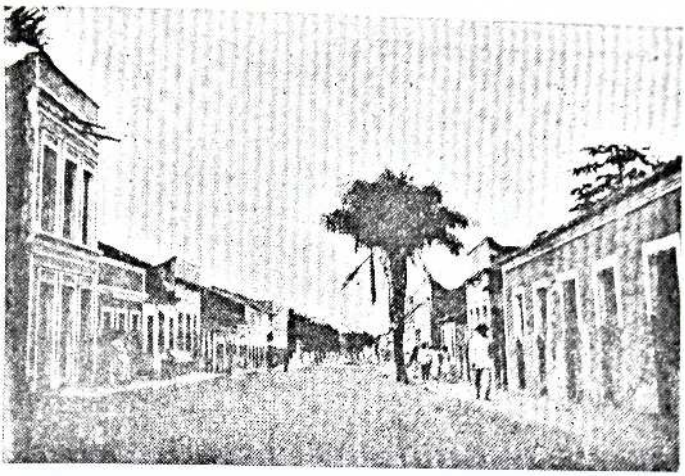
Outra fachada da CAPELLA DO CORAÇÃO DE JESUS,

no alto da Serra do Horto, cuja obra está interrompida, ha cerca de 26 annos, pelo diocesano, sob o fundamento de não ser propagado o fanatismo. A porta marcada com uma cruz seria a entrada principal do templo.

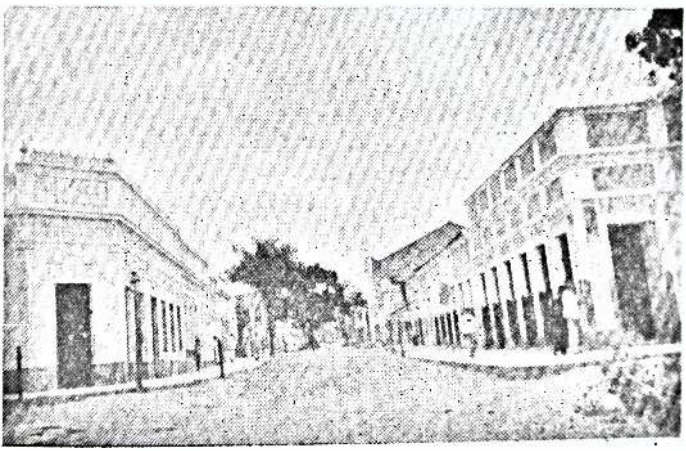


Parte lateral da CAPELLA DO CORAÇÃO DE JESUS,

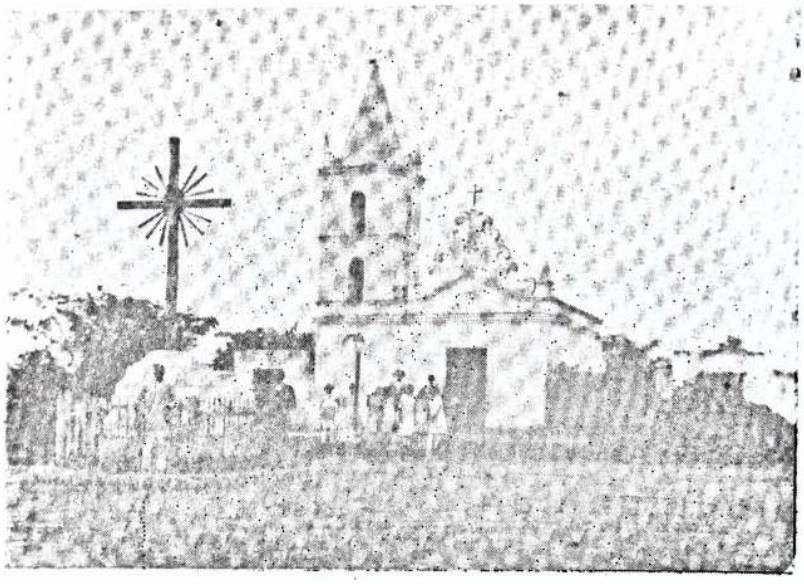
no cume da Serra do Horto, cuja construcção, começada pelo padre Cicero, em virtude de uma promessa votiva, foi interrompida pelo diocesano, sob o fundamento de que esse templo seria o melhor meio de propagar o fanatismo do povo. E' em fórma de cruz, sendo as paredes de dois metros de largura e os alicerces de cerca de 10 metros de profundidade.



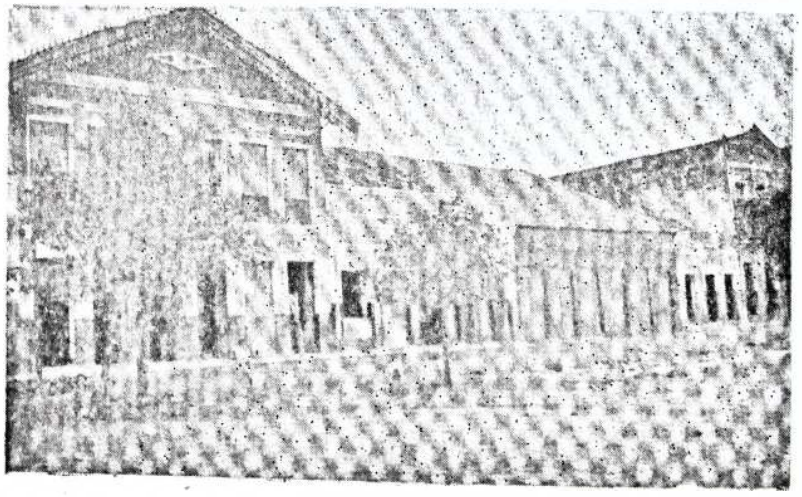
Trecho da RUA DE SÃO PEDRO



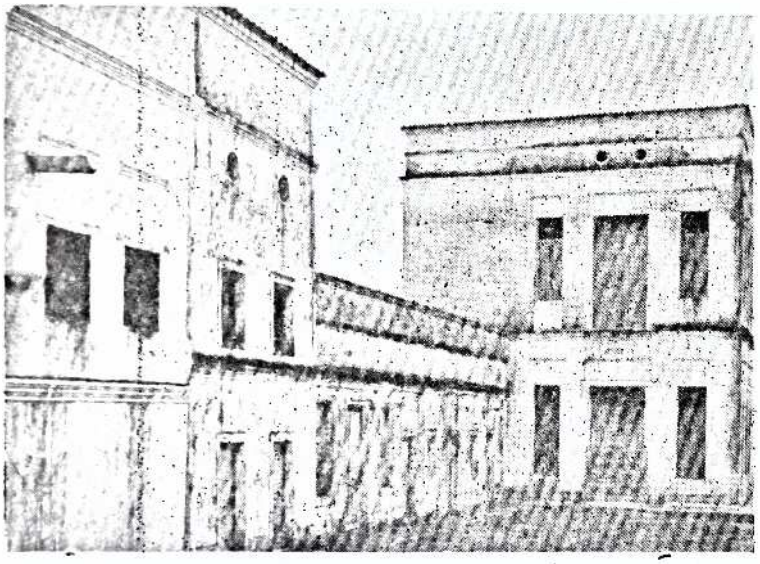
Trecho da RUA DE SÃO PEDRO



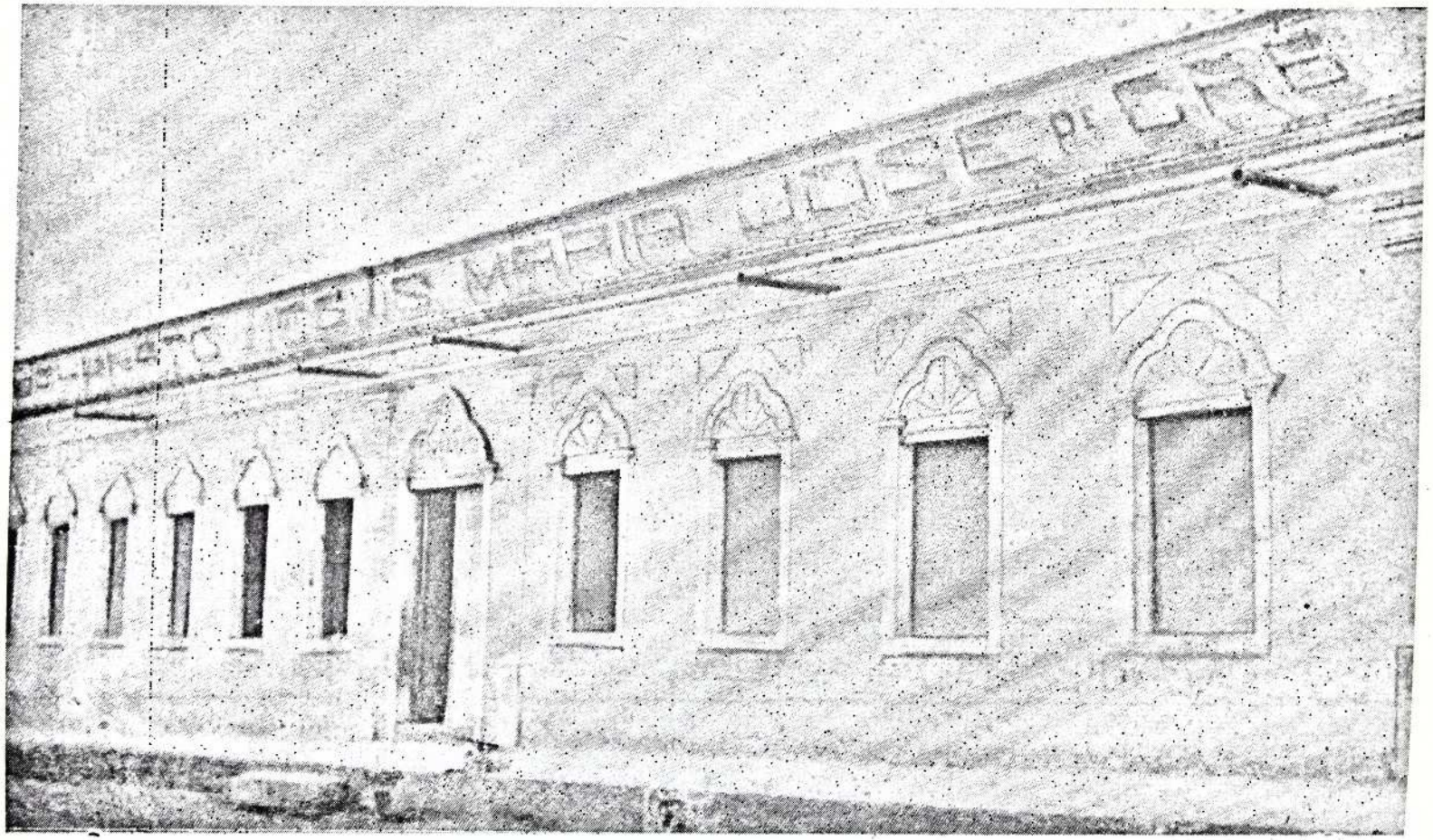
CAPELLA DE SÃO MIGUEL, construida com auxilio de esmolas, pelo beato Manoel Cégo, no local do antigo cemiterio de variolosos



Trecho da PRAÇA DA LIBERDADE

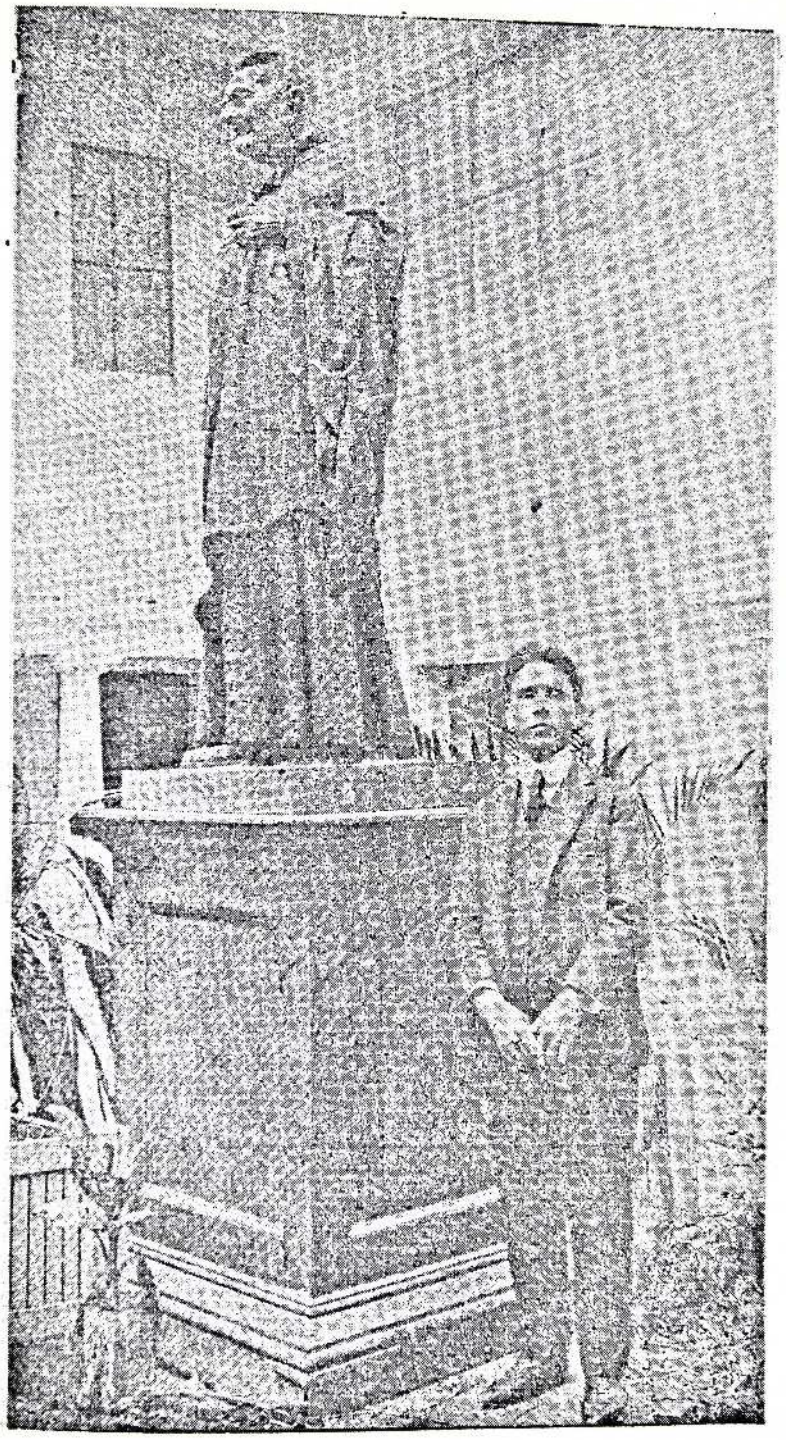


Grande predio construido pelo padre Cicero, no alto da Serra do Horto, contiguo á Capella do Coração de Jesus, cuja construcção foi interrompida pelo diocesano, destinado a um collegio de religiosos ou a um convento.



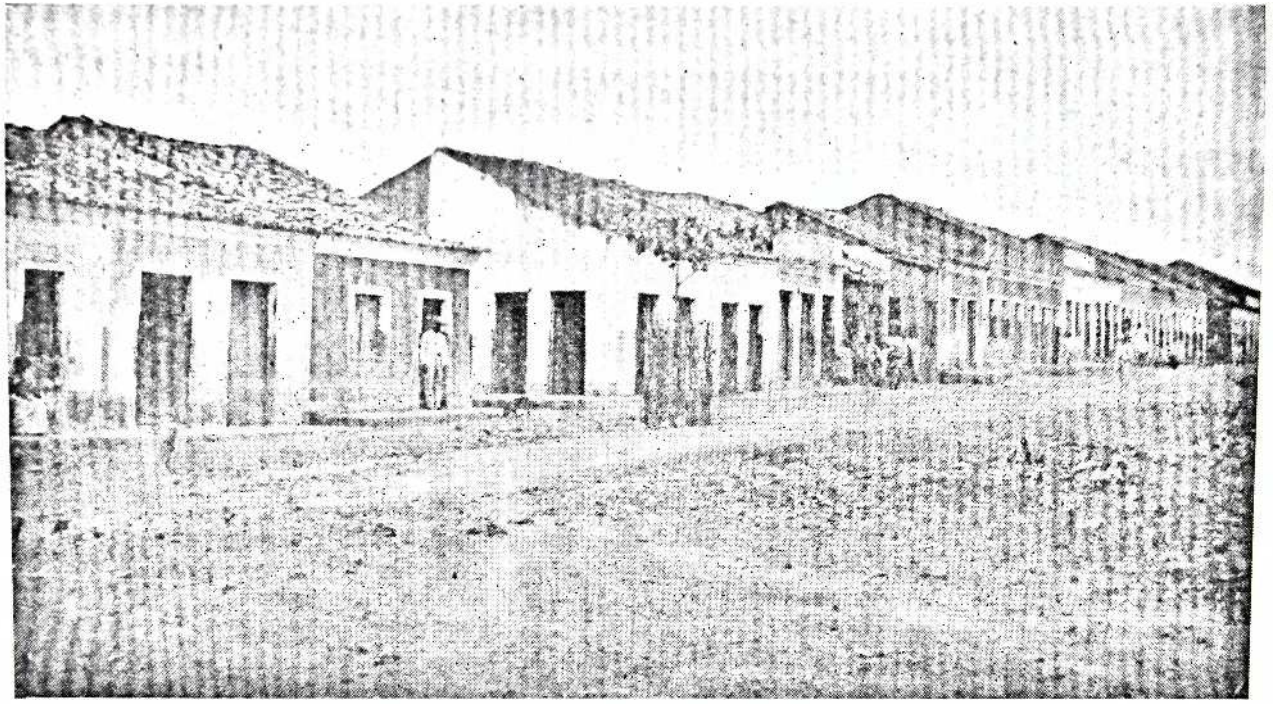
ORPHANATO JESUS MARIA JOSÉ

construido e mantido pelo padre Cicero, para educação de meninas desvalidas, sob a direcção da virtuosa beata Joanna Tertulina de Jesus



ESTATUA DE BRONZE DO PADRE CICERO,

mandada fazer pelo povo de Joazeiro, para ser collocada em uma das praças da cidade, sendo o autor do trabalho o joven esculptor patricio Laurindo Ramos, que se acha ao lado, discipulo do notavel professor Correia Lima



Trecho da PRAÇA FEIRA DO CAPIM, distante do centro da cidade, cujos predios, de construcção inferior, são alinhados.

COLEÇÃO
JOÃO NICODEMOS DE LIMA

1. ÉCRAN NATALENSE
   Anchieta Fernandes (esgotado)
2. POETAS DO RIO GRANDE DO NORTE
   Ezequiel Wanderley (esgotado)
3. JORNALZINHO DO SEBO VERMELHO
   Coleção (esgotado)
4. A "CACIMBA DO PADRE" EM FERNANDO DE NORONHA.
   Luís da C. Cascudo (esgotado)
5. NATAL DAQUI A CINQÜENTA ANOS
   Manoel Dantas (esgotado)
6. A HISTÓRIA DE ESTREMOZ
   Ir. A. Maria Dionice da Silva (esgotado)
7. A IMPRENSA PERIÓDICA NO RIO GRANDE DO NORTE
   Luís Fernandes
8. GUIA DOS SEBOS DE NATAL & TEXTOS AFINS
   Abimael Silva
9. EVOCAÇÃO DE NATAL
   Djalma Maranhão (esgotado)
10. CASCUDO, MESTRE DO FOLCLORE BRASILEIRO
    Djalma Maranhão
11. CAICÓ
    Pe. Eymard L'E. Monteiro
12. JORNALZINHO DO SEBO VERMELHO
    Coleção II
13. CIDADE DO NATAL
    Luís da Câmara Cascudo
14. ACORDES DA ALVORADA
    Salete Fernandes Tavares
15. ALMANAK DE MACAU / 1909
    Adalberto Amorim
16. CACHORRO MAGRO
    Carlos de Souza
17. COSTUMES LOCAIS
    Eloy de Souza
18. OS AMERICANOS EM NATAL
    Lenine Pinto
19. MEMORIAL DO MEU VELHO ASSU
    Maria do Perpétuo Socorro Wanderley de Castro
20. CARTAS DE DRUMMOND A ZILA MAMEDE
    Org. Graça Aquino
21. ANOTAÇÕES DO MEU CADERNO
    Ticiano Duarte

22. IGREJA E POLÍTICA NO RN
    Org. Ilza Araújo Leão de Andrade
23. JASMINS DO SOBRADINHO
    Org. Roberto da Silva
24. MEMÓRIAS QUASE LÍRICAS DE UM EX-VENDEDOR DE CAVACO CHINÊS
    Inácio Magalhães de Sena
25. O MITO DA FUNDAÇÃO DE NATAL E A CONSTRUÇÃO DA CIDADE MODERNA SEGUNDO MANOEL DANTAS
    Pedro de Lima
26. VIVA A VERVE! – Histórias de humor e devaneios
    Armando Negreiros
27. ITACIRICA, A PEDRA QUE PENSAVA
    Waldson Pinheiro
28. A ÚLTIMA CEIA – Por uma Diet(ética) Polifônica
    Vera Lucia Pinto
29. DA FIDELIDADE E DO RISCO – Um estudo de caso: Djalma Maranhão
    Moacyr de Góes
30. COM AS MÃOS DO CORAÇÃO
    Padre Fábio
31. LITERATURA FEMININA DO RIO GRANDE DO NORTE
    Diva Maria Cunha P. de Macêdo
    Constância Lima Duarte
32. NATAL ATRAVÉS DO TEMPO
    Carlos Lyra
33. O FOGO DA PEDREIRA
    Orlando Rodrigues
34. A MAÇONARIA NO RIO GRANDE DO NORTE
    Emídio Fagundes
    João Estevam
    Josué Silva
35. OS TERCETOS - E UM CANTO AS VOZES DO MAR
    Gilberto Avelino
36. ... E LÁ FORA SE FALAVA EM LIBERDADE
    Ubirajara Macêdo
37. CÂNCER — REFLEXÕES DE UM SOBREVIVENTE
    Paulo Tarcísio Cavalcanti
38. HOMENS DE OUTR'ORA
    Manoel Dantas
39. OS ELEMENTOS DO CAOS
    Miguel Cirilo
40. FRUTOS DO TEMPO
    Valério Mesquita
41. CONFIDÊNCIAS
    Francisco Fernandes Marinho
42. YINTIMIDADES

Vera Lúcia Pinto
Raquel Almeida

43. A TRAMA DA ARANHA
Anchella Monte
44. A REFORMA POLÍTICA NO BRASIL E OUTROS ENSAIOS
Homero de Oliveira Costa
45. A CANÇÃO E O ABSURDO REVISITADOS
João Batista de M. Neto
46. NATAL ATRAVÉS DO TEMPO II
Carlos Lyra
47. CAMINHADA SE FAZ AO CAMINHAR COM LIBERDADE
Hélio Xavier de Vasconcelos
48. DESCOORDENADAS CARTESIANAS - EM TRÊS ENSAIOS DE QUASE FILOSOFIA
Pablo Capistrano
49. TIGRESCRITURA
Alessandre de Lia
50. PAPO JERIMUM - DICIONÁRIO RIMADO DE TERMOS POPULARES
Cleudo Freire
51. PASSOS DA MINHA VIDA (MEMÓRIAS)
Leopoldina Marinho da Costa
52. MINHAS OITENTAS PRIMAVERAS
Maria Segunda Marinho
53. A COLEÇÃO JOSÉ GONÇALVES
Org. Lenine Pinto
54. ODONTOLOGIA: OFÍCIO E LITERATURA
Lenilson Carvalho
55. EU CONHECI SESYOM
Francisco Amorim
56. RETRETA POÉTICA
Manuel de Azevedo
57. SESSENTA POEMAS DE AMOR E UMA ESTÓRIA
Carlos Newton Pinto
58. DORMÊNCIA
Lisbeth Lima de Oliveira
59. NAVIO ENTRE ESPADAS
Horácio Paiva
60. SALVADOS - LIVROS E AUTORES NORTE-RIO-GRANDENSES
Manoel Onofre Jr.
61. TESTEMUNHOS
Carlos Roberto de Miranda Gomes - *Organizador*
62. A FALSA SIMETRIA
Vicente Vitoriano
63. FAMÍLIAS SERIDOENSES
José Augusto
64. ESTUDOS PERNAMBUCANOS

Alfredo de Carvalho

65. A FIGURA DE DON JUAN NA TRADIÇÃO
Otto Rank
Trad. Aurélio Pinheiro
66. SUPERSTIÇÕES DE SÃO JOÃO
Veríssimo de Mêlo
67. PEIDO, O TRAQUE... PUM (O VALOR QUE O PEIDO TEM)
Celso da Silveira
José de Souza
68. O ATAQUE DE LAMPIÃO A MOSSORÓ (QUADRINHOS)
Emanoel Amaral
Alcídes Sales
69. 69 POEMAS DE CHICO DOIDO DE CAICÓ
Moacyr Cirne
Nei Leandro de Castro
70. ESTADOS DO VERSO
Cid Augusto
71. UMA CÂMARA VÊ CASCUDO
Carlos Lyra
72. OS DANTAS CORRÊA E OS RIBEIRO DANTAS
Paulo M. Assis Brazil
73. NOMES DA TERRA
Luiz da Câmara Cascudo
74. LUIS, TOUJOURS LUI - Cartas de Câmara Cascudo a Bernard Alléguède
Roberto da Silva
75. EX-LIBRIS DE FALVES
Falves Silva
76. O LIVRO DAS VELHAS FIGURAS - Volume VII
Luis da Câmara Cascudo
77. BANDO - Nº 9/10 - 1959 - Edição Especial Euclides da Cunha
Raimundo Nonato
Hélio Galvão
Manoel Rodrigues de Melo
Verissimo de Melo
Luis Patriota
João Alves de Melo
78. FULÔ DO MATO
Renato Caldas
79. PADRE JOÃO MARIA
Januário Cicco
80. CARTAS PARA FAUSTA - Renato Caldas
Org.: Ivan Pinheiro e Gilvan Lopes
81. FULÔ DO MATO - INÉDITO - 1937
Renato Caldas
82. O POETAS DAS MELODIAS SELVAGENS

Renato Caldas

83. BODAS DE OURO DA ORDENAÇÃO SACERDOTAL DO MONSENHOR HONÓRIO DA SILVEIRA
84. HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO NORTE
    Marlene da Silva Mariz
    Luiz Eduardo Brandão Suassuna
85. POR UM HUMANISMO INTEGRAL
    Claudio Emerenciano
86. GÊNESE NATALENSE
    Olavo de Medeiros Filho
87. DE CADA PORO UM POEMA
    Antoniel Campos
88. DOTÔ, CASA COMIGO?
    Ruben G. Nunes
89. SER PARDAL
    Gilmar Amorim
90. HUMOR COM GOSTO DE SAL
    Getúlio Teixeira
91. FALO
    Paulo Augusto
92. DEPOIMENTO DO ACADÊMICO MURILO MELO FILHO
    Murilo Melo Filho
93. NUNCA MATEI NINGUÉM
    Carlos Lyra
94. NATAL QUE EU VI
    Lauro Pinto
95. MEMÓRIA VIVA - LAURO PINTO
    Carlos Lyra
96. APOSTASIA
    Mário César Rasec
97. DISCURSO DE ELOGIO AO PATRONO DA CADEIRA Nº 34 - Dr. EZEQUIEL EPAMINONDAS DA FONSECA FILHOS - PELO ACADÊMICO FERNANDO EZEQUIEL FONSECA
    Fernando Ezequiel Fonseca
98. O MEL DO BENQUERÊ
    Francois Silvestre
99. DAS TERRAS DE UMARIZAL
    Maria de Lourdes Costa do Nascimento
100. CONTISTAS POTIGUARES
    Org. Manoel Onofre Jr.
101. EU E NATAL
    Abimael Silva
102. A CIDADE E O TRAMPOLIM
    João Wilson Mendes Melo
103. PEQUENA ANTOLOGIA DO HUMOR NATALENSE

Verissimo de Melo

104. DICIONÁRIO JURÍDICO EM RIMAS LIVRES
Ana Heloísa Rodrigues Maux

105. PERSONAGENS SERRANEGRENSES
Pery Lamartine

106. POTENGI - FLUXOS DO RIO SALGADO NO SÉCULO XIX
Wagner do Nascimento Rodrigues

107. UM GENTLEMAN DO SERTÃO
Manoel Onofre Jr.

108. O SERTÃO DE NUNCA MAIS
Oswaldo Lamartine de Faria
Vicente Serejo

109. A VIA LACTEA - 1914
Palmira Wanderley
Carolina Wanderley

110. PROF. AMÉRICO DE OLIVEIRA COSTA
Vitória dos Santos Costa

111. CINEMA, CINEMA - OS FILMES DOS MEUS SONHOS
Moacy Cirne

112. CANTIGAS DE UM BARDO SERRANO
Manoel Azevedo

113. QUEM BRINCA EM SERVIÇO - TEXTOS DE HUMOR
José de Castro

114. PEDAÇOS DA VIDA
Uraquitan Lopes de Souza

115. POEMAS
Antônio José Marinho

116. MEDITAÇÕES POÉTICAS - TEXTOS DIVERSOS
Jorge Oliveira de Almeida

117. JEANS AVARIADO
Antonio Ronaldo

118. CINZAS AO AMANHECER – POEMAS - TEXTOS
Bené Chaves

119. VERSOS SACÂNICOS
José Pedrosa

120. ACONTECIMENTOS DE UM INTERNATO
José Augusto Ribeiro

121. LIVRO DE ADVINHAÇÕES
Pe. Eymard L'E. Monteiro

122. JORNALZINHO DO SEBO VERMELHO
Coleção 01 - 54

123. CARNAVAIS E OUTROS POEMAS
Janduhi

124. ANTÔNIO MARTINS, TERRA DA BOA ESPERANÇA
Chagas Cristóvão

125. COMO SE HYGIENNIZARIA NATAL
Dr. Januario Cicco
126. O CANGULEIRO
Coleção 01 - 06
127. OMBUDSMAN MOSSOROENSE
David Leite
128. DICIONÁRIO JURÍDICO EM RIMAS LIVRES
Ana Heloísa Rodrigues Maux
129. ROMANCE DA CIDADE DO NATAL
Nei Leandro de Castro
130. AUGUSTO SEVERO - UM PIONEIRO NA CONQUISTA DO ESPAÇO
Pesq. Fernando Hippólyto da Costa
131. SEM PAISAGEM - MEMÓRIAS DA PRISÃO
Moacyr de Góes
132. A FILHA DO TEMPO
Moacyr de Góes
133. UMARIZAL - SÍNTESE HISTÓRICA E BIOGRÁFICA
Manoel Onofre Jr.
134. CINE LEMBRANÇAS
Berilo Wanderley
135. CÂMARA CASCUDO EM PORTUGAL E O "I CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE FOLCLORE"
Francisco Fernandes Marinho
136. ALGUMAS ABELHAS DOS SERTÕES DO SERIDÓ (Notas de carregação)
Oswaldo Lamartine de Faria
Hypérides Lamartine
137. PRELIMINARES À DESCENTRALIZAÇÃO ADMINISTRATIVA
Garibaldi Tinôco
138. BAIXA-VERDE - FATOS, "CAUSOS" E COISAS
Aldo Torquato
Francisco Fernandes Marinho
139. A INVENÇÃO DE CAICÓ
Moacy Cirne
140. CAICÓ CEM ANOS ATRÁS
Olavo de Medeiros Filho
141. DIÁRIO NÁUTICO
Gilberto Avelino
142. RESSONÂNCIA
Sônia Maria Fernandes Ferreira
143. O SEGREDO DE HERVAL E OUTROS CONTOS
Carlos Lins Onofre
144. COISAS DE MIM...
Graziela Costa Fonseca
145. JUAZEIRO E O PADRE CÍCERO - DEPOIMENTO PARA A HISTÓRIA
Dr. Floro Bartolomeu

Natal, 29-X-70

Fui companheiro de camarote, de Natal ao Rio, do grande FLORO BARTHOLOMEU que V. evocou nítida e magistralmente. É uma figura que não se isola dos acontecimentos determinados por sua projeção poderosa. E tudo V. fixou, com equilíbrio notável e esse velho e feiticeiro estilo contagiante que transformará o Pão de Açúcar em chicles. Muito grato. Vou ler, isto é, começar a viagem hoje. Devo essa cura de evasão à sua bondade. Conversa do doutor Floro era um encantamento de variedade, imprevisto, sedução verbal. Sobretudo de colorido regional. O discurso na Câmara é um documento único. Ouvido com displicência, terminou dominando todas as atenções. Ninguém jamais ouvira aquilo, em força original, no ambiente legislativo, banal e sonolento. Um bom abraço, Nertan querido. Todos os agradecimentos deste seu velho cariri.

Câmara Cascudo

Biografia de Floro Bartolomeu
Autor: Nertan Macêdo
Editora Image - RJ - 1970

e&argumento



Sebo Vermelho
edições